







LIMA BARRETO

Os BRUZUNDANGAS

Haïs tous maux où qu'il soient, très
[doux Fils.

Joinville — S. LUIZ.



RIO DE JANEIRO
Jacintho Ribeiro dos Santos

EDITOR

82, AVA SÃO JOSÉ, 82

1922

OS BRUZUNDANGAS

LIMA BARRETO

Os BRUZUNDANGAS

Haïs tous maux oué qu'il soient, très
[doux Fils.

Joinville — S. LUIZ.



RIO DE JANEIRO
Jacintho Ribeiro dos Santos

EDITOR

82, RUA SÃO JOSÉ, 82

—
1922

PREFACIO

Na ARTE DE FURTAR, que ultimamente tanto barulho causou entre os eruditos, ha um capitulo, o quarto, que têm como ementa esta singular **affirmação**: *Como os mayores ladroens são os que têm por officio livrar-nos de outros ladroens.*

Não li o capitulo, mas abrindo ao acaso um exemplar do curioso livro, achei verdadeira a cousa e boa para justificar a publicação destas despretenciosas «Notas».

A *Bruzundanga* fornece materia de sobra para livrar-nos, a nós do Brasil, de peiores males, pois possui maiores e mais completos. Sua missão é, portanto, como a dos *mayores* da «Arte», livrar-nos dos outros, naturalmente menores.

Bem precisados estavamos nós disto quando temos aqui ministros de Estado que são simples caixeiros de venda, a roubar-nos muito modestamente no peso da carne secca, enquanto a Bruzundanga os tem que se occupam unicamente, no seu officio de Ministro, de encarcerem o assucar no mercado interno, conseguindo isto com o vendel-o abaixo do preço da usina aos estrangeiros. Lá, chama-se a isto prover necessidades publicas; aqui, não sei que nome teria...

E' semelhante Ministro daquelles *mayores* de que a «Arte» nos falla, destinados a ensinar-nos como nos livrar dos nossos modestos caixeiros de mercearias ministeriaes.

Não contente com ter dessas cousas, a Bruzundanga possui outras muitas que desejava enumerar todas, pois todas ellas são dignas de apreço e portadoras de ensinamentos proveitosos.

Como não poderíamos aproveitar aquelle caso de um doutor da Bruzundanga, elle mesmo açambarcador de cebolas, que vae para uma comissão, nomeada para estudar as causas da carestia da vida, e propõe que se adoptem leis contra os estancadores de mercadorias?

E' que este doutor dos *mayores* de que nos fala o celebre livrinho sabia perfeitamente que não estancava e tinha o habito de reservas mentaes. Não açambarcava, mas *alliviava* logo uma grande porção de mercadorias para o estrangeiro, por qualquer cousa, de modo que... *Le pauvre homme!* Podia até illudir o nosso pobre Beckmann!

Com este exemplo, os menores daqui poderão ser denunciados por este grandalhão de lá, tão generoso e desinteressado, e o nosso povo poderá livrar-se delles.

Conheci na Bruzundanga um rapaz (creio que está nas «Notas»), de rabona de sarja e ares de familiar do Santo Officio, mas tresandando a Comte, senão a anticlericalismo, que, de uma hora para a outra, se fez reitor do Asylo de Engeitados, apandilhado com padres e frades, depois de ter arranjado um rico casamento ecclesiastico, afim de vêr se, com o apoio da sotaina e do soli-

déo, se fazia ministro ou mesmo Manda-Chuva da Republica. Que *mayor*, não acham?

E aquelle que, tendo sido ministro do Imperador da Bruzundanga e seu conselheiro, se transformou em açougueiro para vender carne aos visinhos a dez reis de melcoado, graças ás isenções que obteve com o prestigio do seu nome, dos seus amigos, da sua familia e das suas antigas posições, enquanto os seus patricios pagavam-lhe o dobro?

Quantos exemplos de lá, bem grandes, nos irão precaver contra os pequeninos de cá... A «Arte» fala a verdade...

Outra cousa curiosa da Bruzundanga, das grandes, das extraordinarias, é a sua «Defeza Nacional».

Lá, como em toda a parte, se devia entender por isso a aquisição de armamentos, munições, equipamento, adextraimento de tropas, etc.; mas os doges do Kaphet (vide texto) entenderam que não; que era dar-lhes dinheiro, para elevar artificialmente o preço de sua espeziciaria. De que modo? Recendo o producto, prohibindo-lhe a exportação desde certo limite, comquanto se houvessem tenazmente opposto a que semelhante medida fosse tomada no que toca ás utilidades indispensaveis á nossa vida: cereaes, carnes, algodão, assucar, etc.

E' preciso notar que taes utilidades, como já fiz notar, iam para o estrangeiro por metade do preço, menos até.

Aprendamos por ahi a conhecer os nossos *menores*.

Poderia muito bem falar de outros grossos casos de lá, capazes de nos livrar dos taes pequenos daqui; mas, para que?

As paginas que se seguem vão revelal-os e eu me dispenso de narral-os neste curto prefacio. Pobre terra da Bruzundanga! Velha, na sua maior parte, como o planeta, toda a sua missão tem sido crear a vida e a fecundidade para os outros, pois nunca os que nella nasceram, os que nella viveram, os que a amaram e sugaram-lhe o leite, tiveram socego sobre o seu sólo!

Ainda hoje, quando o geologo encontra nella um queixal de *megatherium* ou um fémur de *propithecus* tem vontade de offerecer á Minerva uma hecatombe de bois brancos!

Vivos, os bons são tangidos daqui para alli, corridos, vexados, se tem grandes ideias; mortos, os seus ossos esperam que os grandes rios da *Bruzundanga* os levem para fecundar a terra dos outros, lá em baixo, muito longe...

Tudo nella é caprichoso, e vario e irregular. Aqui terreno fértil, úbere; acolá, bem perto, esteril, arenoso.

Se a jusante sobra cal, falta agua; se ha para montante, falta cal...

As suas florestas são caprichosas tambem; as essencias não se associam. Vivem orgulhosamente isoladas, tornando-lhes penosa a exploração. Aqui, está uma espécie e outra semelhante só se encontrará mais além, distante...

Envelheceu, está caduca e tudo que vem para ella soffre-lhe o contagio da sua antiguidade: caduquece!

Comtudo, e talvez por isso mesmo, os seus costumes e habitos podem servir-nos de ensinamento, pois, confor-

me a «Arte de furtar» diz: *os maiores ladroens são os que têm por officio livrar-nos de outros ladroens.*

Por intermédio dos della, dos dessa velha e ainda rica terra da Bruzundanga, livrem-nos dos nossos: é o escopo deste pequeno livro.

LIMA BARRETO.

Todos os Santos, 2—9—17.

OS SAMOYEDAS

CAPITULO ESPECIAL

Varios estais de Christo, vós que vos justificais pela lei: da graça tendes caído.

S. PAULO AOS GALATAS

Queria evitar, mas me vejo obrigado a falar na literatura da Bruzundanga. E' um capitulo dos mais delicados, para tratar do qual não me sinto completamente habilitado.

Dissertar sobre uma literatura estrangeira suppõe, entre muitas, o conhecimento de duas cousas primordiaes: idéas geraes sobre literatura e comprehensão facil do idioma desse povo estrangeiro. Eu cheguei a entender perfeitamente a lingua da Bruzundanga, isto é, a lingua falada pela gente instruida e a escripta por muitos escriptores que julguei excellentes; mas aquella em que escreviam os literatos importantes, solemnes, respeitadoss, nunca consegui entender, porque redigem elles as suas obras, ou antes, os seus livros, em outra muito dif-

ferente da usual, outra essa que consideram como sendo a verdadeira, a lidima, justificando isso por ter feição antiga de dous seculos ou tres.

Quanto mais incomprehensivel é ella, mais admirado é o escriptor que a escreve, por todos que não lhe entenderam o escripto.

Lembrei-me, porém, que as minhas noticias d'aquella distante republica não seriam completas, se não dêsse algumas informações sobre as suas letras; e resolvi vencer a hesitação immediatamente, como agora venço.

A Bruzundanga não podia deixar de tel-as, pois todo o povo, tribu, claro, todo o agigregado humano, enfim, tem a sua literatura e o estudo dessas literaturas muito tem contribuido para nós nos conhecermos a nós mesmos, melhor nos comprehendermos e mais perfeitamente nos ligarmos em sociedade, em humanidade, afinal.

Seria uma falha minha nada dizer eu sobre as bellas letras da Bruzundanga que as tem como todos os paizes, a não ser o nosso que, conforme sentenciou a «Gazeta de Noticias», não merece tel-as, pois o literato não tem funcção social na nossa sociedade, provocando tal opinião o protesto de um sociologo inesperado. Devem estar lembrados deste episodio — creio eu. Continuemos, porém, na Bruzundanga.

Nella, ha a literatura oral e popular de canticos, hymnos, modinhas, fabulas, etc.; mas todo esse *folk-lore* não tem sido colligido e escripto, de modo que, delle, pouco lhes posso communicar.

Porém, um conto popular que me foi narrado com todo o sabor da ingenuidade e dos modismos peculiares ao povo, posso reproduzir aqui, embora a reproducção

não guarde mais aquelle encanto de phrase simples e miagens familiares das anonymas narrações das collectividades humanas.

Na versão dos populares da curiosa republica, o conto se intitula — O GENERAL E O DIABO, — havendo uma variante sob a alcunha de—O PADRE E O DIABO. Como não tivesse de cór nem as palavras da versão mais geral, nem as da variante, aproveitei o thema, alguma cousa do corpo da «historia» e narro-a aqui, certamente muito desfigurada, sob a chrisma de:

S. Ex.^a

O Ministro saiu do banquete, embarcando logo no carro. Desde duas horas estivera a sonhar com aquelle momento. Ancejava estar só, só com o seu pensamento, pesando bem as palavras que proferira, relembrando as attitudes e os pasmos olhares dos circumstantes. Por isso, entrára no «coupe» apressado, um tanto avoado, soffrego, sem mesmo reparar se de facto era o seu.

Vinha absorvido e tangido por uma chusma de sentimentos attinentes a si mesmo que quasi lhe falavam a um tempo na consciencia : orgulho, força, valor, satisfação propria, etc, etc.

Não havia um negativo, não havia n'elle uma duvida ; todo elle estava embriagado de certeza do seu valôr intrinseco, das suas qualidades extraordinarias e excepcionaes de conductor de povos. A respeitosa attitude de todos e a deferencia universal com que o cercavam, reafirmadas tão eloquentemente n'aquelle banquete, eram nada mais, nada menos, que o signal certo da convicção dos povos de ser elle o resumo do paiz, vendo nelle o solucionador das suas difficuldades presentes e o agente efficaz do seu futuro e constante progresso.

Na sua acção, repousavam as pequenas esperanças dos humildes e as desmarcadas ambições dos ricos.

Era tal o seu inebriamento que chegou a esquecer as coisas feias do seu officio... Elle se julgava e só o que lhe parecia grande entrava nesse julgamento.

As obscuras determinações das cousas, acertadamente, haviam-no erguido até alli, e mais alto leval-o-iam, visto que, só elle, elle só e unicamente, seria capaz de fazer o paiz chegar ao destino que os antecedentes delle impunham...

E o ministro isolado sorriu, quando essa phrase lhe passou pelos olhos, inteirinha, em letras de imprensa, como se elle a estivesse lendo em um livro, em uma revista, ou mesmo em um jornal.

Occorreram-lhe algumas palavras do seu discurso de ha pouco...

«Na vida das sociedades, como na dos individuos...»

Não lhe ficara inteira aquella tirada philosophica, mas a admiração que advinhou nos olhares dos circumstantes, fiava bem o assombro que ella causou.

E o successo d'aquelle trecho que provocara innumerados apoiados:

«Aristoteles, Bancon, Descartes, Spinoza e Spencer, como Solon, Justiniano, Portalis e Ihering, todos os philosophos, todos os juristas, affirmam que as leis devem succeder aos costumes.»

O olhar, muito brilhante, immovel de espanto, do deputado Kalhut, opposicionista encapotado, era o mais seguro penhor de que dissera uma profunda verdade, embora elle não tivesse certeza, pois não lhe lerão as obras, de que aquella gente toda houvesse dito tal cousa que a sua boca proferira.

E quando terminou... «Senhores, o nosso tempo é de grandes reformas ; estejamos com elle, reformemos, mas conservando...»

A cerimonia mal conteve nos circumstantes o enthusiasmo com que foi recebido esse final. O auditorio delirou.

As palmas estrugiram e, dentro d'aquelle salão illuminado, pareceu-lhe que recebera palmas da terra toda...

O carro, porém, continuava a correr, a voar, seria melhor dizer, porque as luzes da rua extensa appareciam-lhe continuas, como um só traço de fogo. Vieram, em breve, a sumir-se e o vehiculo deslocava-se vertiginosamente, dentro de uma nevoa phosphorecente. Era em vão que elle pretendia fixar algumas cousas do lado de fóra. Não havia arestas, contornos, por onde se distinguissem as cousas... Tudo estava indistincto, empastado... Dentro do carro, porem, via tudo normalmente e, fóra delle, só distinguia o vulto do cocheiro. Consultou o relógio. Estava parado? Não; mas marcava a mesma hora, o mesmo minuto provavel da sua saída do banquete.

— Cocheiro, perguntou, onde vamos? Quiz arriar as vidraças. Não ponde; queimavam. Redobrou as forças, mas foram em vão. Gritou de novo para o cocheiro:

— Para onde vamos? Miseravel! Onde me levas?

Não recebeu resposta alguma que fosse; e no interior do carro, o calor augmentava assustadoramente. Parecia uma forja... Quando lhe veiu esta imagem, apalpou bem os penduricalhos das comendas magnificas. Graças a Deus ainda não se haviam derretido. O Leão da Birmania, o Dragão da China, o Lingam da India, estavam ali, entre todas as outras, intactas, perfeitamente intactas.

— Manoel! Onde me levas?

Reparou melhor... Não era elle, não era o seu cocheiro! Aquelle homem de nariz adunco, queixo longo, com uma bochecha, não era o seu fiel Manoel!

Uma cilada! Que queria dizer aquillo?

— Canalha! Pára, se não caro me pagarás!

O cocheiro voltou-se e o ministro só lhe ponde ver os olhos a brilhar, com uma torva e extranha luz maliciosa que suppunha um sorriso malvado.

O calor ainda augmentava; pelos cantos, o carro chispava. Não o podendo supportar, despiu-se.

Tirou a casaca agaloada, o collete, o espadim, os

punhos de renda, os bofes, os calções. . . O chapéu armado já estava no fundo do carro. . .

Não estava suffocado, no entanto; sentia-se bem com «vida», mas lhe parecia que era só «a vida», mais nada. Não tinha pernas, não tinha braços, não tinha corpo. . .

Desmaiou, ou cousa parecida lhe aconteceu e, quando recuperou os sentidos, com grande surpresa, viu-se vestido com uma rica libré, e uma grotesca cartola, a cochilar á porta do palacio em que pronunciara, ainda ha momentos, aquelle famoso discurso. Nas proximidades, um «coupé» estacionava. Quiz verificar bem as cousas exteriores, mas não houve tempo.

Pelas escadas de marmore, gravemente, solemnemente, um homem (pareceu-lhe bem isso) descia compassadamente os degrãos, envolvido no fardão ministerial, tendo no peito magnificas grã-cruzes. . .

Logo que o personagem se perfilou entre as columnas da porta principal do palacio, elle, de um só impeto, se aproximou, chapéu na mão, indagando:

— V. Exa. já quer o carro ?

Como esta ha, na Bruzundanga, muitas outras «historias» que correm de bocca em bocca e se transmittem de pai a filho.

Os literatos, propriamente, aquelles de bons vestuarios e ademanes de encommenda, não lhes dão importancia, embora de todo não desprezem a literatura oral. Ao contrario: todos elles quasi não têm propriamente obras escriptas; a bagagem delles consta de conferencias, poesias recitadas nas salas, maximas pronunciadas na intimidade de amigos, discursos em baptisados ou casamentos, em banquetes de figurões ou em ceremonias escolares, cifrando-se, as mais das vezes, a sua obra escripta em uma *plaque* de fantasias de meni-

no, collectaneas de ligeiros artigos de jornal ou num massudo compendio de aula, vendidos, na nossa moeda, á razão de quinze ou vinte mil réis o volume.

Estes taes são até os escriptores mais estimados e representativos, sobretudo quando empregam palaras obsoletas e são médicos com larga freguezia.

São elles lá, na Bruzundanga, conhecidos por *exponentes* e não ha moça rica que não queira casar com elles. Fazem-n'o depressa porque vivem pouco e menos que os seus livros afortunados. Ha outros aspectos. Vamos ver um peculiar.

O que caracteriza a literatura daquelle paiz, é uma curiosa escola literaria lá conhecida por — *Escola Samoyeda*.

Não que todo o escriptor bruzundanguense pertença a semelhante rito literario; os mais pretenciosos, porém, e os que se têm na conta de sacerdotes da Arte, se dizem graduados, diplomados nella. Digo — *caracteriza*, porque, como os senhores verão no correr destas notas, não ha na maioria daquella gente uma profundeza de sentimento que a impilla a ir ao amago das cousas que fingem amar, de decifral-as pelo amor sincero em que as têm, de querel-as totalmente, de absorvel-as. Só querem a apparencia das cousas. Quando (em geral) vão estudar medicina, não é a medicina que elles pretendem exercer, não é curar, não é ser um grande medico, é ser doutor; quando se fazem officiaes do exercito ou da marinha, não é exercer as obrigações attinentes a taes profissões, tanto assim que fogem de executar o que é proprio a ellas. Vão ser uma ou outra cousa, pelo brilho do uniforme. Assim tambem são os literatos que si-

mulam sel-o para ter a gloria que as letras dão, sem querer arcar com as dores, com o esforço excepcional, que ellas exigem em troca. A gloria das letras só as tem, quem a ellas se dá inteiramente; nellas, como no amor, só é amado quem se esquece de si inteiramente e se entrega com fé cega. Os samoyedas, como vamos ver, contentam-se com as apparencias literarias e a banal simulação de notoriedade, umas vezes por incapacidade de intelligencia, em outras por instrucção insufficiente ou viciada, quasi sempre, porém, por falta de verdadeiro talento poetico, de sinceridade, e necessidade, portanto, de disfarçar os defeitos com pelotiquices e passes de magica intellectuales.

Tendo convivido com alguns poetas samoyedas, pude estudar um tanto demoradamente os principios theoricos dessa escola e julgo estar habilitado a lhes dar um resumo de suas regras poeticas e da sua esthetica.

Esses poetas da Brunzundanga, para dar uma origem altisonante e mysteriosa á sua escola, sustentam que ella nasceu do poema de um principe samoyeda, que viveu nas margens do Artico, nas proximidades do Obi ou do Lena, na Siberia, um original que se alimentava da carne de Mamuths conservados ha centenas de seculos nas geleiras daquellas regiões.

Essa especie de alimentação do longiquo principe poeta dava aos olhos de todos elles singular prestigio aos seus versos e aos do fundador, embora pouco elles os conhecessem.

O principe chamava-se Tuque-Tuque Fit-Fit e o seu poema PARIKÁITHONT VAKOCHAN, o que quer dizer, no nosso calão—O SILENCIO DAS RENNAS NO CAMPO DE GELO.

Tuque-Tuque Fit-Fit era descripto pelos «samoyedas» da Bruzundanga como sendo uma belleza sem par e triumphal entre as deidades d'aquellas regiões articas.

Tudo isto era fantastico, mas graças á credulidade dos sabios do paiz, só um ou outro desalmado tinha a coragem de contestar taes lendas.

Como todos nós sabemos, a raça samoyeda é de estatura baixa, pouco menos que a dos lapões, cabellos longos, duros e negros de jade, vivendo da carne de rennas, de urso branco, quando a felicidade lhe fornece um. Taes homens andam em trenós e fazem Kaiaks de pelles de rennas ou phócas que elles empregam para capturar estas ultimas.

As suas concepções religiosas são reduzidas, e os seus idolos, manipansos hediondos, tócos de pão bezuntados de pinturas incoherentes. Vestem-se, os samoyedas, com pelles de rennas e outros animaes hyperboreos.

Entretanto, na opinião dos poetas d'aquella republica, que dizem seguir as theorias da literatura do *Oceano Artico*, não são os samoyedas assim, como o contam os mais autorizados viajantes; mas sim os mais bellos especimens da raça humana, possuindo uma civilização digna da Grécia antiga.

Esta Grecia serve para tudo, especialmente na Bruzundanga...

Em geral, os vates brunzundanguenses adeptos da tal escola samoyeda, como os senhores vêm, não primam pela illustração; e, quando se conteste no tocante á belleza de taes esquimós, respondem categoricamente que a devem ter extraordinaria, pois quanto mais fria é a

região, mais bellos são os seus typos, mais altos, mais louros, e os samoyedas vivem em zona frigidissima.

Não ha como discutir com elles, porque todos se guiam por ideias feitas, receitas de julgamentos e nunca se aventuram a examinar por si qualquer questão, preferindo resolvel-as por generalizações quasi sempre recebidas de segunda ou terceira mão, diluidas e desfiguradas pelas successivas passagens de uma cabeça para outra cabeça.

Attribuem, sem base alguma, a esse tal Tuque-Tuque a fundação da escola, apesar de nunca lhe terem lido as poesias nem a sua arte poetica.

Sempre procurei saber porque se enfeitavam com esse exotico avoengo; as razões psychologicas, eu as encontrei na vaidade delles, no seu desejo de disfarçar a sua inopia poetica com um padrinho exquisito e mysterioso; mas o nucleo da lenda, o grãosinho de areia em torno do qual se concretizava o mytho artico da escola, só ultimamente pude encontrar.

Consegui descobrir entre os livros de um inglez meu amigo, snr. Parsons, um volume do snr. H. T. Switbilter, de Bristol (Inglaterra) — *Literature of the stingy Peoples*; e encontrei nelle alguns versos samoyedas. São anonymos, mas o estudioso de Bristol declara que os recolheu da bocca de um certo Tuck-Tuck, samoyeda de nação, que elle conheceu em 1867, quando foi encarregado pela sociedade Paleontologica de Bristol de descobrir na embocadura dos grandes rios da Siberia monstros ante-diluvianos conservados no gelo, como escaparam de encontrar, quasi intactos, o naturalista Pallas, nos fins do seculo XVIII, e o viajante Adams, em 1806. A his-

toria do tal príncipe Tuque-Tuque alimentar-se de carne de elephantes fosseis, parece ter origem no facto bem sabido de terem os cães devorado as carnes do mamuth, cujo esqueleto Adams trouxe para o museu de S. Petersburgo; e o príncipe já sabemos quem é.

O sr. Switbilter pouco accrescenta a algumas poesias que publica; e as que estão no volume, traduzidas, são por demais monstruosas, sempre com um mesmo pensamento denunciando uma concepção estreita da vida e do universo, muito explicavel em barbaros glaciaes.

O viajante inglez que conhece o samoyeda, entretanto, diz aqui e ali, que ellas são emphaticas, sem quantidade de sentimento ou um accento musical agradavel e individual, descaindo quasi sempre para a melopeia ou o *tam-tam* ignaro, quando não alternam uma cousa e outra.

Mas não foi no livro do Sr. Switbilter que os augustos poetas da Bruzundanga foram encontrar as bases da sua escola. Elles não conhecem esse autor, pois nunca os vi citar-o.

Elles, «os samoyedas» da Bruzundanga, encontraram o mestre nos escriptos de um tal Chamat ou Chalat, um aventureiro francez que parece ter estado no paiz daquella gente artica, aprendido um pouco da lingua della e se servido do livro do viajante inglez para defender uma poetica que lhe viéra á cabeça.

Esse Chamat ou Chalat, Flaubert, quando esteve no Egypto, encontrou-o por lá, como medico do exercito Khedival; e elle se occupava nos ocios de sua provavel medicancia em rimar uma tragedia classica, *Abd-el- Ka-*

der, em cinco actos, onde havia um celebre verso de que o grande romancista nunca se esqueceu. E' o seguinte:

C'est de là par Allah! qu'Abd-Allah s'en alla.

O esculapio do Cairo insistia muito nelle e esforçava-se por demonstrar que, com semelhante *harmonia imitativa*, como os antigos chamavam, obtinha traduzir, em verso, o sonido do galope de cavallo.

Havia mais bellezas de igual quilate e outras originalidades. Não obstante, quando appareceu, foi um louco successo de riso muito parecido com o do «Tremôr de terra de Lisbôa», aquella celebre tragedia do cabelleiro André, a quem Voltaire invejou e escreveu, entre tanto, ao receber-lhe a obra, que continuasse a fazer sempre cabelleiras — *toujours des perruques*, snr. André.

Chalat affrontou a critica e não podendo defender-se com os classicos francezes, appellou para a poesia em lingua samoyeda, que conhecia um pouco por ter sido marinheiro de um baleeiro que naufragou nas proximidades da terra desses lapões, entre os quaes passou alguns mezes. Não desconhecia o livro do Snr. Switbilter, como tive occasião de verificar nos fragmentos de um seu tratado poetico, citado na traducção da obra de um seu discipulo basco por onde os «samoyedas» da Bruzundanga estudaram a escola que verdadeiramente Chalat ou Chamot fundara.

O seu desafio á critica, escudado na poetica e esthetica das margens do glacial Artico, trouxe-lhe logo uma certa notoriedade e discipulos.

Estes vieram muito naturalmente, pois, dada a in-

digencia mental daquella especie de esquimós, a sua pobreza de impressões e sensações, a sua incapacidade para as idéas geraes, os hymnos, os canticos, os rondós, dos mesmos, citados pelo medicastro, facilitavam muito o officio de fazer verso, desde que se tivesse paciencia; e a facilidade seduziu muitos dos seus patricios e determinou a admiração dos bardos bruzundanguenses.

Os discipulos de Chalat ou Chamat tiraram da sua obra regras infalliveis para fazer poetas e poesias e um certo até applicou a theoria dos erros á sua arte poetica.

A instrucção do grosso dos menestres bruzundanguenses não permittia esse appello á mathematica; e contentaram-se com umas regras simples que tinham na junta da lingua, como as beatas as rezas que não lhe passam pelo coração, e outros desenvolvimentos theoricos.

Era pois essa poetica e essa esthetica que dominavam entre os literatos da Bruzundanga; era assim como o seu dogma de arte donde se originavam as suas formulas liturgicas, o seu ritual, os seus esconjuros, enfim, o seu culto á tal harmonia imitativa, que tanto presava Chalat.

Além desta deusa, havia outras divindades: o rythmo, o estylo, a nobreza das palavras, a aristocracia dos assumptos e dos personagens, quando faziam romances, conto ou drama e a medição dos versos que exigiam fosse feita como se se tratasse da base de uma triangulação geodesica. Ninguem, no entanto, podia saccar-lhes da cabeça uma concepção geral e larga de arte ou obter o motivo delles conceberem separados da obra d'arte, esses accessorios, transformando-os em puros manipneos,

fetiches, isolando-os, fazendo-os perdêr a sua funcção natural que suppõe sempre a obra literaria como fim. E' ella, a sua concepção, a idéa anterior que a domina e o seu destino necessario, que unicamente regulam o emprego delles, graduam o seu uso, a sua necessidade, e como que ella mesma os dita.

Todos os samoyedas limitavam-se quando se tratava dos taes assumptos, a fallar muito de um modo confuso, esotericamente, em forma e fundo, com tregeitos de feiticeiros tribaes.

Não nego que houvesse entre elles alguns de valor, mas os preconceitos da escola os matava.

A maioria ia para ella, porque era commoda no fundo, pois não pedia se communicasse qualquer emoção, qualquer pensamento, qualquer importante revelação de nossa alma que interessasse outras almas; que se dissesse usando dos processos artisticos, novos ou velhos, dê um pouco do universal que ha em nós, alguma cousa do mysterio do universo que o nosso espirito tivesse percebido e determinasse transmittil-a; enfim um julgamento, um conceito que pudesse influir no uso da vida, na nossa conducta e no problema do nosso destino, empregando os factos simples, elementares, as imagens e os sons que por si sós não exprimiriam a idéa que se procura, mas que se acha com elles e se vae além por meio delles.

Isto de Hegel, de Taine, de Brunetièrre, não era com os sambyedas; a questão delles era encontrar uma especie de taboada que lhes fizesse multiplicar a versalhada. Como as taes regras poeticas do supposto principio eram bem accessiveis á sua paciencia de correcionaes,

adoptaram-nas como artigos de fé, exaggeraram-n'as até ao absurdo.

Convinham ellas por ir ao encontro da sua falta de uma larga intelligencia do mundo e do homem e facilitar-lhes uma critica terra-á-terra de seminaristas mne-monicos.

Para mais perfeito ensinamento dos leitores vou-lhes repetir um trecho de conversa que ouvi entre trez dos taes poetas da Bruzundanga, adeptos extremados da Escola Samoyeda.

Quando cheguei, elles já estavam sentados em torno da meza do café. Acabava eu de assistir uma aula de geologia na Faculdade de Sciencias do paiz; o meu espirito vinha cheio de silhuetas de monstros de outras epochas geologicas. Eram ichtyosauros, megatherios, mamuths; era do sinistro pterodactylo que eu me lembrava; e não sei porque, quando deparei os trez poetas samoyedas me deu vontade de entrar no botequim e tomar parte na conversa delles.

A Bruzundanga, como sabem, fica nas zonas tropical e sub-tropical, mas a esthetica da escola, pedia que elles se vestissem com pelles de urso, de rennas, de mar-tas e raposas articas.

E' um vestuario barato para os samoyedas authen-icos, mas carissimo para os seus parentes literarios dos tropicos.

Estes, porém, crentes na efficacia da vestimenta para a criação artistica, morrem de fome, mas vestem-se á moda da Siberia.

Estavam assim vestidos, naquella tarde, quente, ali naquella café da capital da Bruzundanga, trez dos seus no-

vos e soberbos vates; estavam ali: Kotelniji, Wolpuk e Worspikt, o primeiro que tinha applicado o *vernier* para *medir* versos.

Abanquei-me e pude perceber que acabavam de ouvir uma poesia do poeta Worspikt. Tratava de lua, de *iceberg*, — descobri eu por uma e outra consideração que fizeram.

Nenhum delles tinha visto um *ice-berg*, mas gabavam os ouvintes a emoção com que o outro traduzira em verso o espectáculo desse phenomeno das circumvisinhanças dos pólos.

Num dado momento Kotelniji disse para Worspikt:

— Gostei muito desse teu verso: — *ha luna loura linda leve, luna bella!*

O autor comprimentado retrucou: — Não fiz mais do que imitar Tuque-Tuque, quando encontrou aquella soberba harmonia imitativa, para dar idéa do luar — *Logu Kule Kulela logalam*, no seu poema «Kulelau».

Wolpuk, porém, objectou:

— Julgo a tua excellente, mas teria escolhido a vogal forte *u*, para basear a minha suggestão imitativa do luar.

— Como? perguntou Worspikt.

— Eu teria dito: *Ui! lua uma pula, tu moo! sulla nuit!*

— Ha muitas linguas nella, objectou Kotelniji.

— Quantas mais, melhor, para dar um character universal á poesia que deve sempre tel-o, como ensina o mestre, defendeu-se Wolpuk.

—Eu, porém, adduziu Kotelniji, comquanto permitta nos outros certas licenças poeticas, tenho por principio

obedecer ás mais duras e rígidas regras, não me afastar dellas, encarcerar bem o meu pensamento. No meu caso, eu empregaria a vogal *a* para a harmonia em vista.

— Mas Tuque-Tuque... fez Worspikt.

— Elle empregou o *e*, no tal verso que você, citou, devido á pronunção que essa letra lá tem!

E' um *e* molhado que evoca bem o luar delles, mas...

— E com *a*, como é? indagou Wolpuk.

— O *a* é o espanto; seria ahi o espanto do homem dos tropicos diante da extranheza do phenomeno artistico que elle não conhece e o assombra.

— Mas Kotelniji, eu visava o luar.

— Que tem isso? Na harmonia em *a* tambem entra esse phenomeno que é o provocador do teu espanto, causado pela sua singularidade local, e pela hirta presença do *ice-berg*, branco, fantastico, que a lua illumina.

— Bem, perguntou o autor da poesia; como você faria, Kotelniji?

— Eu diria: *A lua acaba de calar a caraça parva*,

— Mas não teria nada que ver com o thema da poesia, objectou Wolpuk.

— Como? O *ice-berg* toma as formas mais variadas... Demais, ha sempre onde encaixar, seja qual fôr a poesia, uma feliz *imitativa*.

— Você tem razão, applaudiu Wolpuk.

Worspikt concordou tambem e prometteu aproveitar a maravilhosa *trouvaille* do amigo de letras.

Kotelniji era considerado como um grande poeta «samyoyeda» e tinha mesmo estabelecido com assentimento de todos elles, as leis scientificas da escola perfeita, «a

samoyeda», que elle definia como, tendo por escopo não exprimir cousa alguma com relação ao assumpto visado, ou dizer sobre elle, pomposamente, as mais vulgares banalidades.

Dentre as leis que estatuiu, eu me lembrou de algumas. Eil-as:

1.^a Sendo a poesia o meio de transportar o nosso espirito do real para o ideal, deve ella ter como principal funcção provocar o somno, estado sempre proficuo ao sonho.

2.^a A monotonia deve ser sempre procurada nas obras poeticas; no mundo, tudo é monotonu (Tuque-Tuque).

3.^a A belleza de um trabalho poetico não deve resaltar desse proprio trabalho, independente de qualquer explicação; ella deve ser encontrada com' as explicações ou commentarios fornecidos pelo autor ou por seus intimos.

4a. A composição de um poema deve sempre ser regulada pela harmonia imitativa em geral e seus derivados.

E muitas outras de que me esqueci, mas julgo, que só estas illustam perfeitamente o absurdo da qualificação de leis scientificas da arte. Alhos com bogalhos!

Denuncia tal denominação, de modo cabal, a sua incapacidade para grupar idéas, noções e imagens. Que pensaria elle de sciencia? Qual era a sua concepção de arte? Será possivel decifrar essa historia de *leis scientificas da arte*? Qual!

Era assim o grande poeta samoyeda.

Além de uma grammaticazinha que nós aqui chama-

mos de tico-tico e da arte poetica de Chalat augmentada e explicada com uma logica de gafanhotos, não possuia elle um acervo de noções geraes, de idéas, de observações, de emoções proprias e directas do mundo, de julgamentos sobre as cousas, tudo isso que forma o fundo do artista e que, sob a acção de uma concepção geral, lhe permite fazer grupamentos ideaes, originalmente, crear emfim.

A importancia do vate lhe vinha de redigir «A Kananga», orgão das casas de perfumarias, leques, luvas, e receitas para doces, onde alguns rapazes, sob o seu olhar cioso, escreviam, para ganhar os cigarnos, algumas coisas ligeiras.

O bardo samoyeda tomava, entretanto, a cousa a serio, como se estivesse escrevendo para a *Revue de deux mondes* uma formula de mãe-benta; e evitava, o mais possivel que alguem tomasse pé na pueril «A Kananga». Era essa a sua maxima preocupação de artista.

De todos os postigos literarios, usava, e de todas as mesquinhezas da profissão, abusava.

Era este de facto um samoyeda typico no intellectual, no moral, no physico. Tinha fama.

Poderia mais esclarecer semelhante escola, os seus processos, as suas regras, as suas superstições; mas não convém fazer semelhante cousa, porque bem podia acontecer que alguns dos meus compatriotas a quizessem seguir.

Já temos muitas bobagens e são bastantes.

Fico nisto.

UM GRANDE FINANCEIRO

I

A Republica dos Estados Unidos da Bruzundanga tinha, como todas as republicas que se prezam, além do Presidente e juizes de varias categorias, um Senado e uma Camara de Deputados, ambos eleitos por suffragio directo e temporarios ambos, com certa differença na duração do mandato: o dos Senadores, mais longo; o dos Deputados, mais curto.

O paiz vivia de expedientes, isto é, de cincoenta em cincoenta annos, descobria-se nelle um producto que ficava sendo a sua riqueza. Os governos taxavam-no a mais não poder, de modo que os paizes rivaes, mais parcimoniosos na decretação de impostos sobre productos semelhantes, acabavam, na concorrência, por derrotar a Bruzundanga; e, assim, ella fazia morrer a sua riqueza, mas não sem os estertores de uma valorização duvidosa. Dahi vinha que a grande nação vivia aos solavancos, sem estabilidade financeira e economica; e, por isso mesmo, dando campo a que surgissem, a toda

a hora, financeiros de todos os seus cantos e, sobretudo, do seu Parlamento.

Naquelle anno, isto ha dez annos atraz, surgiu na sua Camara, um Deputado que falava muito em assumptos de finanças, orçamentos, impostos directos e indirectos e outras cousas cabalisticas da sciencia de obter dinheiro para o Estado.

A sua sciencia e saber foram logo muito gabados, pois o Thezouro da Bruzundanga, andando quasi sempre vasio, precisava desses magicos financeiros, para não se esvasiar de todo.

Chamava-se o deputado — Felixhimino ben Karpatoso. Se era advogado, medico, engenheiro ou mesmo dentista, não se sabia bem; mas todos tratavam-no de doutor.

O dr. Karpatoso tinha uma erudição solida e propria em materia de finanças. Não citava Leroy-Beaulieu absolutamente. Os seus autores predilectos eram o russo-polaco Ladisláo Poniatwsky, o australiano Gordon O'Neill, o chinez Ma-Fi-Fu, o americano William Farthing e, sobretudo, o Dr. Caracoles y Mientras, da Universidade de Caracas, capital da Venezuela, que, por ser paiz sempre em bancarrota, dava grande autoridade ao financista de sua principal Universidade.

O physico do deputado era dos mais sympathicos. Tinha um ar de Gil-Blas de Santillana, em certas illustrações do romance de Le Sage, com as suas barbas negras, cerradas, longas e sedosas, muito cuidadas e aparadas á tezoura diariamente. A tez era de um moreno hespanhol; os cabellos, abundantes e de azevi-che; os olhos, negros e brilhantes; e não largava a

piteira de ambar, com guarnições de ouro, onde fumegava sempre um charuto caro.

O seu saber em materia de finanças e economia politica determinava a sua constante escolha para relator do orçamento da receita. Era de vêr como elle escrevia um substancial prefacio ao seu relatorio. Não me recordo de todas as passagens importantes de alguns delles; mas, de certas, e é pena que sejam tão poucas, eu me lembro perfeitamente. Eis aqui algumas. Para o orçamento de 1908, o dr. Karpatoso escreveu o seguinte trecho profundo: «Os governos não devem pedir ás populações que dirigem, em materia de impostos, mais do que ellas possam dar, affirma Ladisláo Poniatwsky. A nossa população é em geral pobrissima e nós não devemos sobrecarregal-a fiscalmente.» Não impediu isto que elle propuzesse o augmento da taxa sobre o bacalháo da Noruega, pretextando haver productos similares nas costas do paiz.

No orçamento do anno seguinte, ainda como relator da receita, elle dizia: «E' missão dos governos modernos, em paizes de fraca iniciativa individual (o nosso o é), fomentar o apparecimento de riquezas novas, no dizer de Gordon O'Neill. A provincia das Jazidas, segundo um sabio professor francez, é um coração de ouro sob um peito de ferro. O pico de Ytabhira, etc.».

E lembrava á Camara que indicasse medidas practicas para o aproveitamento do ouro e do ferro da provincia das Jazidas. A Camara e o Senado ouviram-no e votaram algumas centenas de contos para uma commissão que estudasse o meio pratico de aproveitar o ferro da rica provincia central. A commissão

foi nomeada, montaram o escriptorio de pesquisas na capital, em logar semelhante ao largo da Carioca, e o pico de Ytabhira ficou intacto.

A fama do dr. Karpatoso subia e a sua elegancia tambem. Fez uma viagem á Europa, para estudar o mecanismo financeiro dos paizes do velho mundo. Voltou de lá naturalmente mais sábio; o que, porém, elle trouxe de facto, nas malas, e foi verificado pelos elegantes do paiz, foram fatos, botas, chapéus, bengalas, *dernier bateau*, como dizem os «smarts» das colonias francezas da Asia, da Africa, da America e da Oceania.

Arreiado de novo e inteiramente europeu, o dr. Karpatoso começou a figurar nas secções mundanas dos jornaes, e, vencendo o sr. Mikel de Longueville, outro deputado da Bruzundanga, foi tido como o parlamentar mais «chic» do Congresso nacional.

«A elegancia do dr. Mikel de la Tour d'Auvergne é um tanto pesada; tem algo da solidez luzitana quando enrijou os musculos ao machado nos cêpos dos açougues; a do dr. ben Karpatoso é mais leve, mais ligeira, mais nervosa. Parece ter sido obtida com o exercicio do florete.»

Tudo isto foi dito na secção elegante — DE COCORAS — do «Diario Mercantil», jornal da capital, secção redigida por escriptor que tinha, em materia de compôr romances, um grande parentesco com aquella raposa das uvas, cuja historia La Fontaine contou. *Ils sont trop verts, et bons pour des goujats*, disse a raposa quando não pôde attingir as uvas. Lembra-se?

O elogio que o tal senhor fez aos ademanos do dr. Karpatoso tinha origem no boato a correr de que,

muito em breve, elle seria indicado para Ministro da Fazenda, e o tal redactor da secção — DE COCORAS — tinha sempre em mira descobrir os ministros futuros, para ultteriores serviços de sua profissão e recompensas consequentes.

Mikel de Bouillon é que ficou aborrecido com a cousa; mas, como tinha certeza de sahir, pelo menos, Vice-Presidente da Bruzundanga, abafou o azedume, encerrou bem os bigodes e continuou a pisar os passeios das ruas centraes da capital, com uma estudada solemnidade — lento, erecto como um sóba africano que tivesse envergado um fardão de official de marinha e se coberto com o respectivo chapéo armado, encontrados nos salvados de um naufragio, em uma praia deserta. Via-se bem que Turenne Calmon era daquelles que se satisfazem em ser o segundo em Roma, e que segundo!

Desde que se rosou que o dr. Karpatoso seria Ministro da Fazenda do futuro quadriennio, a sua casa começou a encher-se. Karpatoso era casado com uma senhora da roça, muito segura das suas origens nobres; ella pertencia á familia dos Silvas, cujo armorial e pergaminhos não tinham sido outorgados por nenhum principe soberano. Como Napoleão que, segundo dizem, na sua sagração de Imperador, pôz elle mesmo a corôa na cabeça, D. Hengracia ben Manuela Kilva tinha ella mesmo se ennobrecido.

Felixhimino, como bom financeiro que era, possuia qualidades harpagonescas de economia e poupança, de fórma que se zangava muito com aquellas despesas de chá e biscoutos, que era obrigado a offerecer aos

visitantes. Afim de não mexer nas economias que fazia sobre seu subsidio teve a idéa genial de fundar uma casa de herbanario, em uma especie de rua Larga de São Joaquim da capital da Republica da Bruzundanga. Arranjou uma pessoa de confiança, que pôz á testa do negocio; e eil-o a vender chá mineiro, alfavaca, «lingua de vacca», cipó-chumbo, malicia de mulher, herva cidreira, jurubeba, catinga de bóde, mata-pão, herva tostão, bicuiba, oleo de capivara, cascos de jacarés, coruja; espalhadas, caramujos, sapos seccos, jabotys, etc. Em breve, ficou sendo o principal fornecedor dos feiticeiros da cidade, e os lucros foram grandes, de modo que elle poude, sem mais gravame nas suas finanças, sustentar o seu salão.

Mme. Hengracia ben Karpatoso, centro de conversa, não se cançava de gabar os arduos trabalhos do marido.

Certa vez, em que houvera recepção na casa do famoso deputado, quando elle já se tinha retirado para os aposentos do andar superior, afim de estudar não sei o que, sua mulher ficou na sala de visitas a conversar com algumas amigas e alguns amigos. Alguem, a um tempo da conversa, observou:

—Isto vai tão mal, que não sei mesmo quem nos salvará.

Mme. Hengracia, tal e qual Mme. de Girardin em certa occasião, apontou o dedo para o tecto e disse sacerdotalmente:

—Elle!

Todos se entreolharam e o dr. Moscoso completou:

—Sim: Deus!

—Não, — observou D. Hengracia. — Elle, o Felixhimino, quando fôr Ministro da Fazenda. Elle ha de sel-o em breve.

Todos concordaram. Não se cumpriu, porém, a propheta da pythoniza conjugal, pois o novo presidente da Bruzundanga — Idle Bhraz — não fez ben Karpatoso Ministro do Thezouro.

O sabio deputado continuou, porém, na sua actividade financeira, a relatar orçamentos com saldos, mas que sempre, ao fim do exercicio, se fechavam com «deficits».

Certo dia, Idle Bhraz de Graphophone e Cinema mandou-o chamar a palacio e disse-lhe:

—Karpatoso, o orçamento fecha-se sempre com «deficit». Este cresce de anno para anno... Tenho que satisfazer compromissos no estrangeiro... Espero que você me arranje um geito de augmentarmos a receita. Você tem estudos sobre finanças e não será difficil para você...

A isto Felixhimino respondeu com toda a segurança:

—Não ha duvidas! Vou arranjar a cousa.

Tres dias após, elle tinha as idéas salvadôras: augmentava do triplo a taxa sobre o assucar, o café, o kerozene, a carne secca, o feijão, o arroz, a farinha de mandioca, o trigo e o bacalhão; do dobro, os tecidos de algodão, os sapatos, os chapéos, os phosphoros, o leite condensado, a taxa das latrinas, a agua, a lenha, o carvão, o espirito de vinho; creava um imposto de 50% sobre as passagens de trens, bondes e barcas, isentando

a sêda, o velludo, o champagne, etc., de qualquer imposto. Calculando tudo, elle obtinha trinta mil contos. Levou a cousa a Idle Bhraz de Graphophone e Cinema, que gabou muito o trabalho de ben Karpatoso:

—Tu és um Colbert e mais ainda: és o João ben Venanko, aquelle — não sabes? — que foi presidente da Camara de Guarupé, minha terra. Elle sempre teve idéas semelhantes ás tuas, mas não as acceitavam, por isso nunca o municipio prosperou. Entretanto, era um pobre meirinho... Que financeiro!

Apresentadas as idéas de Felixhimino á Camara, muitos deputados se insurgiram contra ellas.

Um objectou:

—V. Ex. quer matar de fome o povo da Bruzundanga.

—Não ha tal; mas mesmo que viessem a morrer muitos, seria até um beneficio, visto que o preço da offerta é regulado pela procura e, desde que a procura diminua com a morte de muitos, o preço dos generos baixará fatalmente.

Um outro observou:

—V. Ex. vae obrigar o povo a andar nú.

—Não apoiado. O vestuario deve ser uma cousa magestosa e imponente, para bem impressionar os estrangeiros que nos visitem. A sêda e a lã ficarão pouco mais caros que os tecidos de algodão. Toda a gente vestir-se-á de sêda ou de lã e as populações das nossas cidades terão um ar de abastança que muito favoravelmente ha de impressionar os estrangeiros.

Um outro reflectiu:

—V. Ex. vae impedir o movimento de passageiros dentro da cidade e dentro do paiz.

—Será um beneficio. O barateamento das passagens só traz a desmoralização da familia. Com as passagens caras, diminuirão os passeios, os bailes, as festas, as visitas, os piqueniques, conseguintemente os encontros de namorados, a procura de casas suspeitas, etc., de fórma que os adulterios e as seducções sensivelmente hão de ser mais raros.

Dessa maneira, o genial Karpatoso, emulo do meirinho ben Venanko, o financeiro, foi arredando uma por uma as objecções que eram feitas ao seu projecto de orçamento da receita.

Houve uma crise no Ministerio e logo elle foi nomeado Ministro da Fazenda, com o orçamento que fizera votar. Foram taes os processos de contrabando que teve de estudar, tanto meditou sobre elles, que, um dia, telegraphou a um seu subalterno que apprehendera um grande, um immenso contrabando e prendera os infractores, desta fórma: «Fuzile todos».

O homem estava louco e morreu pouco depois. A secção elegante de um jornal de lá, o «Diario Mercantil» — DE COCORAS — fez-lhe o necrologio; o novo Ministro, entretanto, não pagou, ao redactor della, nada pelo serviço assombroso que prestára ás lettras do paiz.

A NOBREZA DA BRUZUNDANGA

II

Um leitor curioso e sympathico, por ser curioso, escreveu-me uma amavel cartinha, pedindo-me esclarecimentos sobre os usos, os costumes, as instituições civis sociaes e politicas da Republica dos Estados Unidos da Bruzundanga.

Diz-me elle que procurou informações de tal paiz em compendios de Geographia, em dictionarios da mesma disciplina e varias obras, nada encontrando a respeito.

O meu sympathico leitor não me disse que obras consultou, mas certamente elle não procurou informações nos livros que o governo da Bruzundanga manda imprimir, dando fabulosos lucros aos impressores e editores, livros escriptos em varias linguas e destinados a fazer a propaganda do paiz no estrangeiro.

E' extranho; pois que, por meio de taes livros, muita gente tem feito fortuna e adquirido notoriedade nos corredores das Secretarias e nos desvãos do Thezoura da Republica da Bruzundanga.

Póde ter acontecido, entretanto, que o meu leitor

amigo os tivesse procurado nas livrarias principaes; mas não é ahí que elles podem ser encontrados.

As obras que a Republica manda editar para a propaganda de suas riquezas e excellencias, logo que são impressas completamente, distribuem-se a mancheias por quem as queira. Todos as acceitam e logo passam adiante, por meio de venda. Não julgue o meu correspondente que os *sêbos* as acceitem. São tão mo-finas, tão escandalosamente mentirosas, tão infladas de um optimismo de encommenda que ninguem as compra, por sabel-as falsas e destituidas de toda e qual-quer honestidade informativa, de fórma a não offere-cer nenhum lucro aos revendedores de livros, por falta de compradores.

Onde o meu leitor poderá encontral-as, se quer ter informações mais ou menos transbordantes de enthu-siasmo pago, é nas lojas de mercieiros, nos açougues, nas quitandas, assim mesmo em fragmentos, pois to-dos as pedem nas repartições publicas para vendel-as a peso aos retalhistas de carne verde, aos vendeiros e aos vendedores de couves.

Comtudo, afim de que o meu delicado missivista não fique fazendo máo juizo a meu respeito, vou dar-lhe algumas informações sobre o poderoso e rico paiz da Bruzundanga.

Hoje lhe falarei das nobrezas da grande Nação; proximamente, em artigos successivos, tratarei de outras instituições e costumes.

A nobreza da Bruzundanga se divide em dous gran-des ramos. Talqualmente como na França de outros tempos, em que havia a nobreza de Tóga e a de Es-

pada, na Bruzundanga existe a nobreza doutoral e uma outra que, por falta de nome mais adequado, eu chamarei de palpíte.

A aristocracia doutoral é constituída pelos cidadãos formados nas escolas, chamadas superiores, que são as de medicina, as de direito e as de engenharia. Ha de parecer que não existe ahi nenhuma nobreza; que os cidadãos que obtêm titulos em taes escolas vão exercer uma profissão como outra qualquer. E' um engano. Em outro qualquer paiz, isto póde se dar; na Bruzundanga, não.

Lá, o cidadão que se arma de um titulo em uma das escolas citadas, obtém privilegios especiaes, alguns constantes das leis e outros consignados nos costumes. O povo mesmo accêta esse estado de cousas e tem um respeito religioso pela sua nobreza de doutores. Uma pessoa da plebe nunca dirá que essa especie de Bhramane tem carta, diploma; dirá: tem pergaminho. Entretanto, o tal pergaminho é de um mediocre papel de Hollanda.

As moças ricas não podem comprehender o casamento senão com o doutor; e as pobres, quando alcançam um matrimonio dessa natureza, enchem de orgulho a familia toda, os collateraes, e os affins. Não é raro ouvir alguém dizer com todo o orgulho:

—Minha prima está casada com o doutor Bacabáo.

Elle se julga tambem um pouco doutor. Joanna d'Arc não ennobreceu os parentes?

A formatura é dispendiosa e demorada, de modo que os pobres, inteiramente pobres, isto é, sem fortuna e relações, poucas vezes podem alcançá-la.

Cousa curiosa! O que mette medo aos candida-
tos á nobreza doutoral, não são os exames da escola
superior; são os exames preliminares, aquelles das ma-
triculas que constituem o nosso curso secundario...

Em geral, apesar de serem lentos e demorados,
os cursos são mediocres e não constituem para os as-
pirantes senão uma vigilia de armas para serem ar-
mados cavalheiros.

O titulo — Dr. — anteposto ao nome, tem na Bru-
zundanga o effeito do — Dom — em terras de Es-
panha. Mesmo no Exercito, elle sôa em todo o seu
prestigio nobiliarchico. Quando se está em face de um
coronel com o curso de engenharia, o modo de tra-
ta-lo é materia para atrapalhações protocollares. Se só
se o chama *tout court* — Dr. Kamisão, — elle ficará
zangado porque é Coronel; se se o designa unicamente
por Coronel, elle julgará que o seu interlocutor não
tem em grande consideração o seu titulo universitario-
militar.

Os prudentes, quando se dirigem a taes pessoas,
juntam os dous titulos, mas ha ainda ahi uma difficul-
dade na precedencia delles, isto é, se se devem desi-
gnar taes senhores por — Dr. Coronel — ou — Co-
ronel Doutor.

Está ahi um problema que deve merecer acurado
estudo do nosso sabio Mayrinck. Se o nosso grande
especialista em cousas protocollares resolver o proble-
ma, muito ganhará a fama da intelligencia brasileira.

Quanto aos costumes, é isto que se observa em re-
lação á nobreza doutoral. Temos, agora, que vêr no
tocante ás leis.

O nobre doutor tem prisão especial, mesmo em se tratando dos mais repugnantes crimes. Elle não póde ser preso como qualquer do povo. Os regulamentos rezam isto, apesar da Constituição, etc., etc.

Tendo crescido immensamente o numero de doutores, elles, os seus paes, sogros, etc., trataram de reservar o maior numero de logares do Estado para elles. Capciosamente, os regulamentos da Bruzundanga vão conseguindo esse «desideratum».

Assim, é que os simples logares de alcaides de policia, equivalentes aos nossos delegados, cargos que exigem o conhecimento de simples rudimentos de direito, mas muito tirocinio e habito de lidar com malfeitores, só podem ser exercidos por advogados, nomeados temporariamente.

A Constituição da Bruzundanga prohibe as accumulações remuneradas, mas as leis ordinarias acharam meios e modos de permittir que os doutores accumulassem. São cargos technicos que exigem aptidões especiaes, dizem. A Constituição não fez excepção, mas os doutores hermeneutas acharam uma.

Ha medicos que são ao mesmo tempo clinicos do Hospital dos Indigentes, lentes da Faculdade de Medicina e Inspectores dos Telegraphos; ha, na Bruzundanga, engenheiros que são a um só tempo professores de grego no Gymnasio Secundario do Estado, professores de Oboè no Conservatorio de Musica, e peritos louvados e vitalicios dos escombros de incendios.

Quando lá estive, conheci um bacharel em direito que era Consultor Juridico da principal Estrada de Ferro pertencente ao governo, inspector dos serviços me-

tallurgicos do Estado, e examinador das candidatas a irmãs de Caridade.

Como vêm, elles exercem conjunctamente cargos bem technicos e attinentes aos seus diplomas.

Um empregado publico qualquer que não seja graduado, não póde ser eleito deputado; mas a mesma lei eleitoral faz excepção para aquelles funcionarios que exercem cargos de natureza technica, isto é, doutores. Já vimos que especie de technica é a tal tão estimada na Bruzundanga. Convém, entretanto, contar um facto elucidativo. Um doutor de lá que era até lente da Escola dos Engenheiros, apesar de ter outros empregos rendosos, quiz ser inspector da carteira cambial do banco da Bruzundanga. Conseguiu e, ao dia seguinte de sua nomeação, quando se tratou de afixar a taxa do cambio, vendo que, na vespera havia sido de 15 3/16, o sabio doutor mandou que se o fizesse no valor 15 3/32. Um empregado objectou:

—V. Ex. quer fazer descer o cambio?

—Como descer? Faça o que estou mandando! Sou doutor em mathematica.

E a cousa foi feita, mas o sabio deixou o logar, para estudar arithmetica.

Continuemos a citar factos para que esta narração tenha o maior cunho de verdade, apesar de que muita coisa possa parecer absurdo aos leitores.

Certo dia li, nos actos officiaes do Ministerio de Transportes e Communicações daquelle paiz, o seguinte:

«F., amanuense dos Correios da provincia, dos Cô-

cos, pedindo fazer constar de seus assentamentos o seu titulo de doutor em medicina. — Deferido.»

O pedido e o despacho dispensam qualquer commentario; e, por elles, todos podem aquilatar até que ponto chegou, na Bruzundanga, a superstição doutoral. Um amanuense que se quer recommendar por ser medico, é facto que só se vê no interessante paiz da Bruzundanga.

Outros casos eloquentemente comprobativos do que venho expondo, posso ainda citar.

Vejamos.

Ha pouco tempo, no conselho municipal daquelle longiquo paiz, votou-se um orçamento, dobrando e triplicando todos os impostos. Sabem os que elle diminuiu? Os impostos sobre os medicos e advogados. Ainda mais.

Quando se tratou de organizar uma especie de serviço militar obrigatorio, o governo da Bruzundanga, não podendo isentar totalmente os aspirantes a doutor, consentiu que elles não residissem e comessem nos quartes, no intuito piedoso de não lhes interromper os estudos. Entretanto, um caixeiro que fosse sorteado perderia o emprego, como todo e qualquer empregado de casa particular.

Ha nessa nobreza doutoral uma hierarchia como em todas as aristocracias. O mandarinato chinez, ao qual muito se assemelha essa nobreza da Bruzundanga, tem os seus mandarins botões de saphira, de topazio, de rubi, etc. No paiz em questão, elles não se distinguem por botões, mas pelos anneis. No intuito de não fatigar os leitores, vou dar-lhes um quadro synthetico

de tal nobreza da Bruzundanga com a sua respectiva hierarchia collocada em ordem descendente. Guardem-no bem. Eil-o, com as pedras dos anneis:

Doutores	}	Medicos (Esmeralda)
		Advogados (Rubi)
		Engenheiros (Saphira) (*)
		E. geographos (Saphira e certos signaes no arco do anel)
		Pharmaceutico (Topazio)
	{	Dentista (Granada)

Em linhas geraes, são estas as características mais notaveis da nobreza doutoral da Bruzundanga. Podia accrescentar outras, sobre todos os seus grãos. Lembra-rci, porém, ao meu correspondente que os tres primeiros grãos são mais ou menos equivalentes; mas os tres ultimos gozam de um abatimento de 50 % sobre o conceito que se faz dos primeiros.

Da outra nobreza, tratarei mais tarde, deixando de lado as meninas das Escolas Normaes, com os seus bonets de Universidade Americana, e os bachareis em letras da Bruzundanga, porque lá não são considerados nobres. Entretanto, as primeiras têm um anel distinctivo que parece uma montra de joalheria, pela quantidade de pedras que possue; e os ultimos annunciam o seu curso com uma opala vulgar. Ambos esses formados são lá considerados como falsa nobreza.

(*) Os militares, turqueza.

A OUTRA NOBREZA DA BRUZUNDANGA

III

No artigo precedente, dei rápidas e curtas indicações sobre a primeira especie da nobiliarchia da Republica da Bruzundanga. Falei da nobreza doutoral. Agora vou falar de uma outra mais curiosa e interessante.

A nobreza dos doutores se basêa em alguma coisa. No conceito popular, ella é firmada na vaga superstição de que os seus representantes sabem; no conceito das miças casadeiras é que os doutores têm direito, pelas leis divinas e humanas, a occupar os lugares mais rendosos do Estado; no pensar dos paes de familia, elle se escuda no direito que têm os seus filhos graduados nas Faculdades em trabalhar pouco e ganhar muito.

Emfim, em falta de outra qualquer base, ha o tal pergaminho, mais ou menos carimbado pelo governo, com um fitão e uma lata de prata, onde ha um sello, e na tampa uma dedicatoria á dama dos pensamentos do gentil cavalheiro que se fez doutor.

A outra nobreza da Bruzundanga, porém, não tem

base em cousa alguma; não é firmada em lei ou costume; não é documentada por qualquer especie de papel, edito, código, carta, diploma, lei ou o que seja. Foi por isso que eu a chamei de nobreza de palpite. Vou dar alguns exemplos dessa singular instituição, para elucidar bem o espirito dos leitores.

Um cidadão da democratica Republica da Bruzundanga chamava-se, por exemplo, Ricardo Silva da Conceição. Durante a meninice e a adolescencia foi conhecido assim em todos os assentamentos officiaes. Um bello dia, mette-se em especulações felizes e enriquece. Não sendo doutor, julga o seu nome muito vulgar. Cogita mudal-o de modo a parecer mais nobre. Muda o nome e passa a chamar-se: Ricardo Silva de la Concepcion. Publica o annuncio no «Jornal do Commercio» local e está o homem mais satisfeito da vida. Vai para a Europa e, por lá, encontra por toda a parte principes, duques, condes, marquezes da Birmania, do Afghanistão e do Thibet. Diabo! pensa o homem. Todos são nobres e titulares e eu não sou nada disso.

Começa a pensar muito no problema e acaba lendo em um romance folhetim de A. Carrilho, — nos «Cavalheiros do Amor», por exemplo — um titulo hespanhol qualquer. Supponhamos que seja: Principe de Luna y Ortega. O homem diz lá consigo: «eu me chamo Concepcion, esse nome é hespanhol, não ha duvida que eu sou nobre»; e conclue logo que é descendente do tal Principe de Luna y Ortega. Manda fazer cartões com a corôa fechada de principe, acaba convencido de que é mesmo principe, e convencendo os seus amigos da sua prosapia elevada.

Com um destes que se improvisou príncipe assim de uma hora para outra, aconteceu uma anedota engraçada.

Elle se chamava assim como Ferreira, ou cousa que o valha. Fez uma viagem á Europa e voltou príncipe não sei de que.

Foi visitar as terras dos paes e dos avós que estavam abandonadas e entregues a antigos servidores.

Um dos mais velhos destes, veio visitá-lo arrimado a um bastão que escorava a sua grande velhice. Falou ao homem, ao filho do seu antigo patrão como falára ao menino a quem ensinara a armar laços e arapucas.

O novel príncipe formalizou-se e disse:

—Você não sabe, Heduardo, que eu sou príncipe?

—Quá o quê, nhônô! Vancê não pode sê príncipe. Vancê não é fio de imperadô, cumo é?

O recente nobre, *ci-devant* Ferreira, estomagou-se e não quiz mais conversas com aquelle velho decrepito que tinha da nobreza idéas tão caducas. Não lhe deu mais tréla.

Essa improvisação de titulos se dá pelas fórmãs as mais extranhas.

Um rapaz de certos haveres, cujo pai mourejára muito para arranjar alguns cobres, foi um dia para o estrangeiro, bem enroupado, com algumas libras no bolso. Fóra das vistas paternas e sentindo longe a hypocrisia da Bruzundanga, metteu-se em todas as pandegas que lhe passou pela cabeça.

Uma noite, em que estava cercado de damas alegres, em uma mesa de café cantante, uma dellas deu na

telha de tratá-lo de marquez. Era sr. marquez, para aqui; sr. marquez para ali.

O rapaz espantou-se a principio, mas com o calôr da conversa e a insistencia da dama, elle perguntou ingenuamente:

—Mas eu sou marquez?

—E', — disse a dama galante.

—Como?

—Vou já mostrar ao sr. marquez. Dê-me vinte francos e os nomes de seus paes, que já lhe dou a prova.

Elle assim fez e, dentro de vinte minutos, o rapazola recebia a sua arvore genealogica, donde se concluia que descendia dos marquezes de Libreville.

A vista de tão poderoso documento, o cidadão que partira da Bruzundanga simplesmente chamando-se Carlos Chavantes (é uma hypothese), voltou da estranja com o altisonante titulo de Marquez de Libreville. O pai continuou a chamar-se Chavantes; elle, porém, era marquez. O manes de d'Hozier!

Alguns nobres da casta dos doutores accumulam tambem a outra nobreza. São condes ou duques e doutores; e usam alternativamente o titulo de uma e o da outra aristocracia. Passam assim a ser conhecidos por dous nomes — cousa que é quasi verificada entre os malfeitores e outros conhecidos da policia.

Essa recrudescencia de titulos nobiliarchicos appareceu desde que a Bruzundanga se fez Republica, e desconheceu os titulos de nobreza porque o paiz havia sido governado pelo regimen monarchico, com uma nobreza modesta, não hereditaria, que mais parecia lo

«tchin» russo, isto é, uma nobreza de burócratas, do que mesmo uma nobreza feudal. O rei que a creou não a chamava mesmo «nobreza», mas «taffetás».

No paiz, esses titulares de palpite não têm importância alguma na massa popular. Os do povo respeitam mais um modesto doutor de pharmacia pobre do que um altisonante Medina Sidonia de ultima hora; a «élite», porém, a nata, — essa sim! — tem por elles o respeito que se devia aos antigos nobres.

O povo sempre os recebe com o respeito que nós tínhamos, aqui, pelo Principe Ubá II, d'África.

A gente civilisada e rica, entretanto, não pensa assim, leva-os a sério e os seus titulos são berrados nos salões como se estivessem ali um Montmorency, um Conde de Vidigueira, um Duque d'Alba, que, por signal, foi tomado para ascendente de um grave senhor da Bruzundanga, que desejava a incorporação do proletario á sociedade moderna.

Os costumes daquelle longinquo paiz são assim interessantes e dignos de acurado estudo. Elles têm uma curiosa mistura de ingenuidade infantil e idiotice senil. Certas vezes, como que merecem invectivas de propheta judaico; mas, quasi sempre, o rico bonanchão de Rabelais.

O que ficou dito sobre as suas duas nobrezas, penso eu, justifica esse juizo. E para ellas ainda é bom não esquecer que devemos julgal-as como aconselha Anatole France: com ironia e piedade.

A POLITICA E OS POLITICOS DA BRUZUNDANGA

IV

A minha estadia na Bruzundanga foi demorada e proveitosa. O paiz, no dizer de todos, é rico, tem todos os mineraes, todos os vegetaes uteis, todas as condições de riqueza, mas vive na miseria. De onde em onde, faz uma *parada* feliz e todos respiram. As cidades vive m'cheias de carruagens; as mulheres se arreiam de joias e vestidos caros; os cavalheiros *chics* se mostram, nas ruas, com bengalas e trajes apurados; os banquetes e as recepções se succedem.

Não ha amanuense do Ministerio do Exterior de lá que não offereça banquetes por occasião de sua promoção ao cargo immediato.

Isto dura dois ou tres annos; mas, de repente, todo esse aspecto da Bruzundanga muda. Toda a gente começa a ficar na miseria. Não ha mais dinheiro. As confeitarias vivem ás moscas; as casas de elegancias põem á porta verdadeiros recrutadores de freguezes; e os judeus do assucar e das casas de prego começam a enriquecer doidamente.

Porque será tal cousa? hão de perguntar.

E' que a vida economica da Bruzundanga é toda artificial e falsa nas suas bases, vivendo o paiz de expedientes.

Entretanto, o povo só accusa os politicos, isto é, os seus deputados, os seus ministros, o presidente, emfim.

O povo tem em parte razão. Os seus politicos são o pessoal mais mediocre que ha. Apegam-se a velharias, a cousas extranhas á terra que dirigem, para achar solução ás difficuldades do governo.

A primeira cousa que um politico de lá pensa, quando se guinda ás altas posições, é suppôr que é de carne e sangue differente do resto da população.

O vallo de separação entre elle e a população que tem de dirigir faz-se cada vez mais profundo.

A Nação acaba não mais comprehendendo a massa dos dirigentes, não lhe entendendo estes a alma, as necessidades, as qualidades e as possibilidades.

Em face de um paiz com uma população já numerosa em relação ao territorio occupado effectivamente —na Bruzundanga, os seus politicos só pedem e proclamam a necessidade de introduzir milhares e milhares de forasteiros.

Dessa maneira, em vez de procurarem encaminhar para a riqueza e para o trabalho a população que já está, elles, por meio de capciosas publicações, mentirosas e falsas, attraem para a nação uma multidão de necessitados cuja desillusão, após certo tempo de estadia, mais concorre para o máo estar do paiz.

Bossuet dizia que o verdadeiro fim da politica era

fazer os povos felizes; o verdadeiro fim da politica dos politicos da Bruzundanga é fazer os povos infelizes.

Já lhes contei aqui como o Dr. Felixhimino ben Karpatoso, tido como grande financista naquelle paiz, se saiu quando se tratou de resolver grandes difficuldades financeiras da nação. Pois bem: esse senhor não é o unico exemplo da singular capacidade mental dos homens publicos da Bruzundanga.

Outros muitos eu poderia citar. Ha lá um que, depois de umas exhibições vaidosas de retratos nos jornaes e cousas equivalentes, se casou rico e deu para ser catholico praticante.

Encontrou o caminho de Damasco que é ainda uma cidade opulenta.

Entretanto, eu, quando frequentei a Universidade da Bruzundanga, o conheci como adepto do positivismo do rito do nosso Teixeira Mendes. Quiz metter-se na politica, fugiu do positivismo e, antes de dez annos, eil-o de balandrão e vara a acompanhar procissões.

Depois da sua conversão, foi eleito definidor, fabricanteiro, escrivão de varias irmandades e ordens terceiras.

Aliás, na Bruzundanga, não ha sujeito atheu ou materialista em regra que, ao se casar com mulher rica, não se faça instantaneamente catholico apostolico romano. Assim fez esse meu antigo collega.

Este homem, ou antes este rapaz, que tão rapidamente se passou de uma idéa religiosa para a outra, esse rapaz cuja insinceridade é evidente, é ajudado em todas as suas pretensões, veleidades, desejos, pelos bispos, frades, padres e irmãs de caridade.

As irmãs de caridade gozam, lá na Bruzundanga, de uma influencia poderosa. Não quero negar que, como enfermeiras de hospitaes, ellas prestem serviços humanitarios dignos de todo o nosso respeito; mas não são essas que os cynicos ambiciosos da Bruzundanga cortejam. Elles cortejam aquellas que dirigem collegios de meninas ricas. Casando-se com uma destas, obtêm elles a influencia das collegas, casadas tambem com grandes figurões, para arranjam posições e lugares rendosos.

Toda a gente sabe como o pessoal ecclesiastico consegue manter a influencia sobre os seus discipulos, mesmo depois de terminarem os seus cursos. Anatole France, em *L'Église et la République*, mostrou isso muito bem. Os padres, freiras, irmãs de caridade não abandonam os seus alumnos absolutamente. Mantêm sociedades, recepções, etc., para os seus antigos educandos; seguem-lhes a vida de toda a fórma, no casamento, nas carreiras, nos seus lutos, etc.

De tal fórma fazem isto que constituem uma especie de maçonaria a influir no espirito dos homens, atravez das mulheres que elles esposam.

E os malandros que sabem dessa teia formada acima dos nescios, dos sinceros e dos honestos de pensamento, tratam de cavar um dóte e uma menina das irmãs, o que vem a ser uma e unica cousa.

Disse-nos um velho que conheceu escravos na Bruzundanga que foram ellas, as irmãs dos Collegios ricos, as mais tenazes inimigas da abolição da escravidão. Dominando as filhas e mulheres dos deputados, sena-

dores, ministros, dominavam de facto os deputados, os senadores e os ministros. *Ce que femime veut...*

Na Bruzundanga, onde os casamentos desastrosos abundam como em toda a parte, não é lei o divorcio por causa dessa influencia hypocrita e tôla, provinda dos ricos collegios de religiosos, onde se ensina a papaguear o francez e acompanhar a missa.

Esta dissertação não foi á tôa, em se tratando de politica e politicos da Bruzundanga, porque estes ultimos são em geral casados com moças educadas pelas religiosas e estas fazem a politica do paiz.

Com esse apoio fórte, apoio que resiste ás revoluções, ás mudanças de regimem, elles tratam, no poder, não de attender as necessidades da população, não de lhes resolver os problemas vitaes, mas de enriquecerem e firmarem a situação dos seus descendentes e collateraes.

Não ha lá homem influente que não tenha, pelo menos, trinta parentes occupando cargos do Estado; não ha lá politico influente que não se julgue com direito a deixar para os seus filhos, netos, sobrinhos, primos, gordas pensões pagas pelo Thezouro da Republica.

No emtanto, a terra vive na pobreza; os latifundios abandonados e indivisos; a população rural, que é a base de todas as nações, opprimida por chefões politicos, inuteis, incapazes de dirigir a cousa mais facil desta vida.

Vive sugada, esfomeada, maltrapilha, macilenta, amarella, para que, na sua Capital, algumas centenas de parvos, com titulos altisonantes disso ou daquillo, gozem vencimentos, subsidios, duplicados e triplicados,

afóra rendimentos que vêm de outra e qualquer origem, empregando um grande palavreado de quem vai fazer milagres.

Um pôvo desses nunca fará um *harô*, para obter terras.

A Republica dos Estados Unidos da Bruzundanga tem o governo que merece. Não devemos estar a perder o latim com semelhante gente; eu, porém, que me propuz a estudar os seus usos e costumes, tenho que ir até ao fim.

Não desanimarei e ainda mais uma vez lembro, para bem esclarecer o que fica dito acima, que o grande Bossuet disse que a politica tinha por fim fazer a felicidade dos povos e a vida commoda.

A Aguia de Meaux, creio eu, não affirmou isso sómente para edificação de algumas beatas...

AS RIQUEZAS DA BRUZUNDANGA

V

Quando abrimos qualquer compendio de geographia da Bruzundanga; quando se lê qualquer poema patriótico desse paiz, ficamos com a convicção de que essa nação é a mais rica da terra.

«A Bruzundanga, diz um livro do grande sabio Volkate ben Volkate, possui nas entranhas do seu sólo todos os mineraes da terra.

A provincia das Jazidas tem ouro, diamantes; a dos Bois, carvão de pedra e turfa; a dos Côcos, diamantes, ouro, mármore, saphiras, esmeraldas; a dos Bambús, cobre, estanho e ferro. No reino mineral, nada pede o nosso paiz aos outros. Assim tambem no vegetal, em que é sobremodo rica a nossa maravilhosa terra.

A borracha, continúa elle, póde ser extrahida de varias arvores que crescem na nossa opulenta nação; o algodoeiro é quasi nativo; o cacáo póde ser colhido duas vezes por anno; a canna de assucar nasce espontaneamente; o café, que é a sua principal riqueza, dá quasi sem cuidado algum e assim todas as plantas uteis nascem na nossa Bruzundanga com facilidade e

rapidez, proporcionando ao estrangeiro a sensação de que ella é o verdadeiro paraizo terrestre.»

- Nesse tom, todos os escriptores, tanto os mais calmos e independentes como os de encommenda, cantam a formosa terra da Bruzundanga.

Os seus accidentes naturaes, as suas montanhas, os seus rios, os seus portos são tambem assim decantados. Os seus rios são os mais longos e profundos do mundo; os seus portos, os mais faceis ao accesso de grandes navios e os mais abrigados, etc., etc.

Entretanto, quem examinar com calma esse dithyrambo e o confrontar com a realidade dos factos ha de achar estranho tanto enthusiasmo.

A Bruzundanga tem carvão, mas não queima o seu nas fornalhas de suas locomotivas. Compra-o á Inglaterra, que o vende por bom preço. Quando se pergunta aos sabios do paiz porque isto se dá, elles fazem um relatorio deste tamanho e nada dizem. Falam em calorias, em teôr de enxofre, em escorias, em grelhas, em fornalhas, em carvão americano, em *briquettes*, em camadas e nada explicam de todo. Os do povo, porém, concluem logo que o tal carvão de pedra da Bruzundanga não serve para fornalhas, mas, com certeza, póde ser aproveitado como material de construcção, por ser de pedra.

O que se dá com o carvão, dá-se com as outras riquezas da Bruzundanga. Ellas existem, mas ninguem as conhece. O ouro, por exemplo, é tido como uma das fortunas da Bruzundanga, mas lá não corre uma moeda desse metal. Mesmo, nas montras dos cambistas, as que vemos são estrangeiras. Podem ser turcas, abe-

xins, chinas, gregas, mas do paiz não ha nenhuma. Comtudo, todos affirmam que o paiz é a patria do ouro.

O povo da Bruzundanga é doce e crente, mais supersticioso do que crente, e entre as suas superstições está esta do ouro. Elle nunca o viu, elle nunca sentiu o seu brilho fascinador; mas todo o bruzundanguense está certo de que possui no seu quintal um filão de ouro.

Com o café dá-se uma cousa interessante. O café é tido como uma das maiores riquezas do paiz; entretanto é uma das maiores pobreza. Sabem por que? Porque o café é o maior «mordedor» das finanças da Bruzundanga.

Eu me explico. O café, ou antes, a cultura do café é a base da olygarchia politica que domina a nação. A sua arvore é cultivada em grandes latifundios pertencentes a essa gente, que, em geral, mal os conhece, deixando-os entregues a administradores, senhores, nessas vastas terras, de baração e cutello, distribuindo soberanamente justiça, só não cunhando moeda, porque, desde seculos, tal cousa é privilegio do Rei.

Os proprietarios dos latifundios vivem nas cidades, gastando á larga, levando vida de nababos e com fumaças de aristocratas. Quando o café não lhes dá o bastante para as suas imponencias e as da familia, comecam a clamar que o paiz vai á garra; que é preciso salvar a lavoura; que o café é a base da vida economica do paiz; e — zás — arranjam meios e modos do governo central decretar um emprestimo de milhões para valorizar o producto.

Curiosos economistas que pretendem elevar o va-

lor de uma mercadoria cuja offerta excede ás necessidades da procura. Mais sabios, parece, são os donos de armarinho que dizem vender barato para vender muito...

Arranjando o empréstimo, está a coisa acabada. Elles, os olygarchas, nadam em ouro durante cinco annos, todo o paiz paga os juros e o povo fica mais es-corchado de impostos e vexações fiscaes. Passam-se os annos, o café não dá o bastante para o luxo dos doges, dogarezas e dogarinhas da baga rubra, e logo elles tratam de arranjar uma nova valorização.

A manobra da «valorização» consiste em fazer que o governo compre o café por um preço que seja vantajoso aos interessados e o retenha em deposito; mas, acontece que os interessados são, em geral, governo ou parentes d'elle, de modo que os interessados fixam para elles mesmos o preço da venda, preço que lhe dê fartos lucros, sem se incommodar que «o café» venha a ser, senão a pobreza, ao menos a fonte da pobreza da Bruzundanga, com os taes empréstimos para as valorizações.

Além disto, o café exgota as terras, torna-as maninhas, de modo que regiões do paiz, que foram opulentas pela sua cultura, em menos de meio seculo ficaram estereis e safaras.

Sobre a cultura do café nas terras da Bruzundanga, eu podia muito dizer e podia tambem muito epilogar. Não me despeço do assumpto totalmente; talvez, mais tarde volte a elle. Ha materia para escrever sobre ella, muito; dá tanto assumpto quanto os mata-douros de Chicago.

” O cultivo da canna e o fabrico de aguardente e assucar são materia de que me abstenho de tratar. Abstenho-me porque lá diz o dictado que, com teu amo, não jorges as pêras. *Le sage...*

A riqueza mais engraçada da Bruzundanga é a borracha. De facto, a arvore da borracha é nativa e abundante no paiz. Ella cresce em terras que, se não são alagadiças, são doentias e enfestadas de febres e outras endemias. A extracção do latex é uma verdadeira batalha em que são ceifadas innumeras vidas. E' cara, portanto. Os inglezes levaram sementes e plantaram a arvore da borracha nas suas colonias, em melhores condições que as expontaneas da Bruzundanga. Pacientemente, esperaram que as arvores crescessem; enquanto isto, os estadistas da Bruzundanga taxavam a mais não poder o producto.

Durante annos, essa taxa fez a delicia da provincia dos Rios. Palacios foram construidos, theatros, hyppodromos, etc.

Das margens do seu rio principal, surgiram cidades maravilhosas e os seus magnatas faziam viagens á Europa em hiates ricos. As «cocottes» caras infestavam as ruas da cidade. O El-dorado...

Veu, porém, a borracha dos inglezes e tudo foi por agua abaixo, porque o preço de venda da Bruzundanga mal dava para pagar os impostos. A riqueza fez-se pobreza...

A provincia deixou de pagar as dividas e houve desembargadores della a mendigar pelas ruas, por não receberem os vencimentos desde mais de dous annos.

Eis como são as riquezas do paiz da Bruzundanga.

O ENSINO NA BRUZUNDANGA

• VI

Já vos fallei na nobreza doutoral desse paiz; é logico, portanto, que vos falle do ensino que é ministrado nas suas escolas, donde se origina essa nobreza. Ha diversas especies de escolas mantidas pelo governo geral, pelos governos provinciaes e por particulares. Estas ultimas são chamadas livres e as outras officiaes, mas todas ellas são equiparadas entre si e os seus diplomas se equivalem. Os meninos ou rapazes, que se destinam a ellas, não têm medo absolutamente das difficuldades que o curso de qualquer dellas possa apresentar. Do que elles têm medo, é dos exames preliminares. De fórma que os filhos dos poderosos fazem os paes desdobrar bancas de exames, pôr em certas mezas pessoas suas, conseguindo approvar os pequenos em arithmetica sem que ao menos saibam sommar fracções, outros em francez sem que possam traduzir o mais facil autor. Com taes manobras, conseguem sair-se da alhada e lá vão, cinco ou seis annos depois, occupar gordas sinecuras com a sua importancia de *doutor*.

Ha casos tão escandalosos que, só em contal-os, mettem dó.

Passando assim pelo que nós chamamos preparatorios, os futuros directores da Republica dos Estados Unidos da Bruzundanga acabam os cursos mais ignorantes e presumpçosos do que quando para lá entraram. São esses taes que berram: «Sou formado! Está falando com um homem formado!»

Ou senão quando alguém lhes diz:

—«Fulano é intelligente, illustrado...», acóde o homemzinho logo:

—E' formado?

—Não.

—Ahn!

Raciocina elle muito bem. Em tal terra, quem não arranja um titulo como elle obteve o seu, deve ser muito burro, naturalmente.

Ha outros, espertos e menos poderosos, que empregam o seguinte *truc*. Sabem, por exemplo, que, na provincia das Jazidas, os exames de mathematica elemental são mais facéis. Que fazem elles? Inscrevem-se nos exames de lá, partem e voltam com as certidões de approvação.

Continuam elles nessas manobras durante o curso superior. Em tal Escola são mais facéis os exames de taes materias. Lá vão elles para a tal escola, frequentam o anno, decoram os pontos, prestam acto e logo approvados, voltam correndo para a escola ou faculdade mais famosa, afim de receberem o gráo. O ensino superior fascina todos na Bruzundanga. Os seus titulos, como sabeis, dão tantos privilegios, tantas re-

galias, que pobres e ricos correm para elle. Mas só são trez especies que suscitam esse enthusiasmo: o de medico, o de advogado e o de engenheiro.

Houve quem pensasse em tornal-os mais caros, afim de evitar a plethora de doutores. Seria um erro, pois daria o monopolio aos ricos e afastaria as verdadeiras vocações. De resto, é sabido que os lentes das escolas daquelle paiz são todos relacionados, têm negocios com os potentados financeiros e industriaes do paiz e quasi nunca lhes reprovam os filhos.

Extinguir-se as escolas seria um absurdo, pois seria entregar esse ensino a seitas religiosas, que tomariam conta delle, mantendo-lhe o prestigio na opinião e na sociedade.

Apezar de não ser da Bruzundanga, eu me interesseo muito por ella, pois lá passei uma grande parte da minha meninice e mocidade.

Meditei muito sobre os seus problemas e creio que achei o remedio para esse mal que é o seu ensino. Vou explicar-me succintamente.

O Estado da Bruzundanga, de accordo com a sua Carta Constitucional, declararia livre o exercicio de qualquer profissão, extinguindo todo e qualquer privilegio de diploma.

Feito isto, declararia tambem extinctas as actuaes Faculdades e Escolas que elle mantem.

Substituiria o actual ensino seriado, reminiscencia da Idade Média, onde, no trivium, se misturava a grammatica com a dialectica e, no quadrivium, a astronomia e a geometria com a musica, pelo ensino isolado

de materias, professadas pelos actuaes lentes, com os seus preparadores e laboratorios.

Quem quizesse estudar medicina, frequentaria as cadeiras necessarias á especialidade a que se destinasse, evitando as disciplinas que julgasse inuteis.

Aquelle que tivesse vocação para engenheiro de estrada de ferro, não precisava estar perdendo tempo estudando Hydraulica. Frequentaria tão somente as cadeiras de que precisasse, tanto mais que ha engenheiros que precisam saber disciplinas que até bem pouco só se exigiam dos medicos, taes como os sanitarios; medicos — os hygienistas — que têm de attender a dados de construcção, etc.; e advogados a estudos de medicina legal.

Cada qual organizaria o programma do seu curso, de accordo com a especialidade da profissão liberal que quizesse exercer, com toda a honestidade e sem as escóras de privilegio ou diploma todo poderoso.

Semelhante forma de ensino, evitando o diploma e os seus privilegios, extinguiria a nobreza doutoral; e daria aos jovens da Bruzundanga mais honestidade no estudo, mais segurança nas profissões que fossem exercer, com a força que vem da concorrência entre homens de valor e intelligencia nas carreiras que seguem.

Eu não supponho, não tenho a illusão que alguem tome a serio semelhante idéa.

Mas desejava bem que os da Bruzundanga a tomassem, para que mais tarde não tenham que se arrependem.

A nobreza doutoral, lá, está se fazendo aos poucos

irritante, e até sendo hereditaria. Querem ver? Quando por lá andei, ouvi entre rapazes este curto dialogo:

—Mas T. foi reprovado?

—Foi.

—Como? Pois se é filho do doutor F?

* Os paes mesmo têm essa idéa; as mães tambem; as irmãs da mesma fórma, de modo a só desejarem casar-se com os doutores. Estes vão occupar os melhores lugares, as gordas sinecuras, pois o povo admitté isto e o tem achado justo até agora. Há algumas familias que são de verdadeiros Polignacs doutoraes. Ao lado, porém, dellas vai se formando outra corrente, mais activa, mais consciente da injustiça que soffre, mais intelligente, que, pouco a pouco, ha de tirar do povo a illusão doutoral.

E' bom não termos que ver, na minha querida Bruzundanga, aquella scena que a nobreza de sangue provocou, e Taine, no começo da sua grande obra «Origens da França Contemporanea», descreve em poucas e eloquentes palavras. Eu as traduzo:

«Na noite de 14 para 15 de Julho de 1789, o duque de Laroche-foucauld-Liancourt fez despertar Luiz XVI para lhe annunciar a tomada da Bastilha.

«E' uma revolta?» diz o rei. — «Sire, respondeu o duque, é uma revolução.»

A DIPLOMACIA DA BRUZUNDANGA

VII

O ideal de todo e qualquer natural da Bruzundanga é viver fóra do paiz. Póde-se dizer que todos anceiam por isso; e, como Robinson, vivem nas praias e nos morros, á espera do navio que os venha buscar.

Para elles, a Bruzundanga é tida como paiz de exilio ou mais do que isso: como uma ilha de Juan Fernandez, onde os humanos perdem a fala, por não terem com quem conversar e não poderem entender o que dizem os passaros, os animaes silvestres e mesmo as cabras semi-selvagens.

Um dos meios de que a nobreza doutoral lança mão para safar-se do paiz, é obter empregos diplomaticos ou consulares, em falta destes os de addidos e «encostados» ás legações e consulados.

Convém notar que, quando digo que a ancia geral é viver fóra do paiz, exceptúo os activos, aquelles que sugam dos ministerios subvenções, propinas, porcentagens e obtêm concessões, privilegios, etc. Estes demoram-se pouco fóra d'elle e, seja governo o partido radical, seja governo o partido conservador, esteja o

Erario cheio, esteja elle vasio, sabem sempre obter fartos e abundantes recursos monetarios, de um modo de que só elles têm o segredo. Estes senhores gostam muito da Bruzundanga e são ferozes patriotas.

Mas, como lhes contava, os nobres doutores tratam logo de representar o paiz em terras estranhas.

Não fazem questão de logar. Seja no Turkestão ou na Groenlandia, elles acceitam os cargos diplomaticos.

A um, perguntei:

—Mas tu vaes mesmo para o Annam?

—Porque não? Não ha lá mulheres?

O sonho do joven diplomatico não é ser Taylleurand; é ser D. Juan para uso externo.

Ia até bastante satisfeito, disse-me em seguida, porquanto, lá, não se distinguindo bem a mulher annamita do homem, devia acontecer surpresas bem agradaveis com semelhante *engano d'arma lêdo e cêgo*.

A sua aprendizagem para o officio é simples. Além do corriqueiro francez e os usos da sociedade, os aspirantes a diplomatas começam nos passeios e reuniões da capital da Republica a ensaiar o uso de roupas, mais ou menos á ultima moda. Não esquecem nem o modo «chic» de atar os cordões dos sapatos, nem o geito ultra *fashionable* de agarrar a bengala; estudam os modos apurados de complimentar, de sorrir; e, quando se os vê na rua, descobrindo-se para aqui, chapéo tirado da cabeça até á calçada para ali, balouçando a cabeça, lembramo-nos logo dos cavallos do Cabo de «coupé» de casamento rico.

Outra cousa que um recommendavel aspirante a

diplomata deve possuir, são títulos literarios. Não é possível que um milhar de candidatos, pois sempre os ha nesse numero, tenham todos talento literario, mas a maior parte delles não se atrapalha com a falta.

Os mais escrupulosos escrevem uns mofinos artigos e tomam logo uns ares de Shakespeare; alguns publicam livros estafantes e solicitam dos criticos honrosas referencias; outros, quando já empregados no Ministerio, mandam os continuos copiar velhos officios dos Archivos, collam as copias com gomma arabica em folhas de papel, mandam a cousa para a Typographia Nacional do paiz, põem um titulo pomposo na cousa, são acclamados historiadores, sabios, scientistas e logram conseguir boas nomeações.

Houve um até que não teve escrupulo em copiar grandes trechos do «Carlos Magno e os Dôze Pares de França», para ter um soberbo titulo intellectual, capaz de fazel-o secretario de Legação, como ainda o é actualmente.

O mais notavel caso de acesso na «carreira» foi o que obteve o addido á Secretaria de Estrangeiros Horlando. Em um jantar de luxo, houve uma disputa entre dous convidados sobre uma qualidade de peixe que viera á mesa. Um dizia que era garoupa; o outro que era bijupirá. Não houve meio de concordarem. Horlando foi chamado para arbitro. Levou amostras para casa. Mandou tirar photographias, fez que desenhassem estampas elucidativas, escreveu um relatorio de 200 paginas, e concluiu que não era nem garoupa, nem bijupirá, mas cação. O seu trabalho foi tido como um modelo da mais pura erudição culinaria e o moço foi

logo encarregado de negocios na Guatemala. E' hoje considerado como um dos luzeiros da diplomacia da Bruzundanga.

Cada Manda-Chuva novo traz sempre em mente augmentar o numero de legações, de modo que não ha paiz no mundo em que a Bruzundanga não tenha um batalhão de representantes. Muitos desses paizes não mantêm, com a curiosa Republica que venho descrevendo, relações de especie alguma; mas, como é preciso mandar alguns filhos de «figurões» para o estrangeiro, a munificencia dos poderes publicos não trepida em crear nellas legações dispendiosas. Ha lá até quem reze para que certos paizes se desmanchem e surjam da separação novos independentes, permittindo o augmento de legações.

Os rapazes, que vão para ellas, saem do paiz muito bons rapazinhos, ás vezes mesmo mais ricos de influencia que de dinheiro; quando, porém, de lá voltam, só porque viram o emir de Afghanistão ou o sultão de Bas-sóra, acreditam-se da melhor nobreza... certamente musulmana.

Os seus modos são outros, os seus gestos estudados, pisam á ultima moda do centro da Asia e encetam a conversa sobre qualquer cousa, começando sempre assim:

—Estava eu em Kabul, quando a mulher do ministro russo...

Kabul sóa ahi como se fosse Paris, Londres ou Roma e os seus auditores consentem em admittir que a capital de Afghanistão seja mesmo um deposito de elegancias superiores.

Pelo simples facto de terem palmilhado terras estranhas e terem visto naturalmente algumas obras primas, os diplomatas da Bruzundanga se julgam todos elles artistas, literatos, homens finos, «gentlemem».

Não pensem que elles publiquem obras maravilhosas, profundas de pensamento, densas de idéas; não é isso bem o que elles publicam.

Afóra um ou outro que não se veste pelo figurino da maioria, o que elles publicam são sonetos bem rimadinhos, penteadinhos, perfumadinhos, lambidinhos, cantando as especies de jóias e adereços que se encontram nas montras dos ourives.

A isto, elles baptisam, por conta propria, de aristocracia da arte, arte superior, arte das delicadezas impalpaveis.

Publicam esses catalogos de ourivesaria, quando não são de modistas e alfaiates, em edições luxuosas; e, immediatamente, apresentam-se candidatos á Academia de Letras da Bruzundanga.

Houve tempo em que ella os acceitava sem detença; mas, ultimamente, devido á sua senilidade precoce, desprezou-os e só vae acceitando os thaumaturgos da cidade.

Não ha medico milagreiro e afreguezado que não entre para ella e pretira os diplomatas.

Nem sempre foi assim a diplomacia da Bruzundanga. Mesmo depois de lá se ter proclamado a Republica os seus diplomatas não tinham o recheio de ridiculo que actualmente têm.

Eram simples homens como quaesquer, sem pre-

tenções do que não eram, sem fumaças de aristocracia, nada casquilhos, nem arrogantes.

Appareceu, porém, um embaixador gordo e autoritario, megalomano e intelligente, o Visconde de Pancôme, que fizeram ministro dos Estrangeiros, e elle transformou tudo.

Empossado no ministerio, a primeira cousa que fez foi acabar com as leis e regulamentos que governavam o seu departamento. A lei era elle. O novo Ministro era muito popular na Bruzundanga; e vinha a sua popularidade do facto de ter obtido do Rei da Inglaterra a commenda de Jarreteira para o Manda-Chuva e seus ministros, assim como o Tosão de Ouro da Hespanha para os generaes e almirantes.

Todos os senhores hão de se admirar que tal cousa tenha feito o homem popular. E' que os bruzundanguenses babam-se inteiramente por esse negocio de condecorações e commendas; e, embora cada qual não tivesse recebido uma, elles se julgavam honrados pelo facto do Manda Chuva, do Ministro, dos generaes e almirantes terem recebido condecorações tão famosas no mundo inteiro.

São assim como nós que temos grande admiração pelo Barão do Rio Branco por ter adjudicado ao Brasil não sei quantos milhares de kilometros quadrados de terras, embora, em geral, nenhum de nós tenha de seu nem os sete palmos de terra para deitarmos o cadaver.

O Visconde, exaltado ao Ministerio, tendo por lei a sua vontade, baseado na popularidade, fez o que entendeu e a sua preocupação maxima foi dar á re-

apresentação externa da Bruzundanga um brilho de beleza masculina, cujo canon elle guardava secretamente para si. Dahi veio essa total modificação no espirito da representação exterior do paiz e não houve bonequinho mais ou menos vasio e empomadado que elle não nomeasse para esta ou aquella legação.

O seu successor seguiu-lhe logo as pegadas, não só neste ponto como em outros mais.

O Visconde de Pancôme era de facto um escriptor; o novo ministro não o era absolutamente, mas como substituiu aquelle, julgou-se no direito de o ser tambem e tambem membro da Academia de Letras, como tinha sido o seu predecessor.

Publicou em papelão um discurso, impresso em letras garrafaes, conseguindo assim organizar um volume e foi dahi em diante egual ao antecessor em tudo.

Não ha mal algum que seja assim a diplomacia daquellas paragens. A Bruzundanga é um paiz de terceira ordem e a sua diplomacia é meramente decorativa. Não faz mal, nem bem: enfeita.

E, se os maridos e paes da Bruzundanga têm que andar cheios de cuidados, é melhor que taes zelos fiquem ao cargo dos estrangeiros. A diplomacia do paiz tem a sua utilidade...

A CONSTITUIÇÃO

VIII

Quando se reuniu a Constituição da Republica da Bruzundanga, houve no paiz uma grande esperança. O paiz tinha, até ahi, sido governado por uma lei basica que datava de cerca de um seculo e todos os jovens julgavam-na avelhentada e já caduca. Os militares do Exercito, iniciados nas sete sciencias do Pythagoras de Montpellier,—criticavam-na da seguinte forma: «Qual! esta constituição não presta! Os que a fizeram não sabiam nem arithmetica; como podiam decidir em sociologia?»

Escusado é dizer que isto não era verdade, mas o criterio historico delles e o seu orgulho escolar pediam fosse.

Os outros doutores tambem achavam a Constituição monarchica absolutamente tôla, porque, desde que ella fôra promulgada, havia surgido um certo jurista allemão ou apparecido um novo remedio para erysipelas. A nova devia ser uma perfeição e trazer a felicidade de todos.

Reuniu-se, pois, a Constituinte com toda a solemnidade. Vieram para ella, jovens poetas, ainda tresandando á grossa bohemia; vieram para ella, imponentes tenentes de artilharia, ainda cheirando aos «cadernos» da Escola; vieram para ella, velhos possuidores de escravos, cheios de odio ao antigo regimen por haver libertado os que tinham; vieram para ella, bisonhos jornalistas da roça recheiados de uma erudição á flôr da pelle, e tambem alguns dos seus collegas da Capital, eivados do Lamartine, *Historia dos Girondinos*, e entusiastas dos caudilhos das republicas hespanholas da America. Era mais ou menos esse o pessoal de que se compunha a nova Constituinte.

Tinham entrado no ritual da nova Republica os banquetes pantagruelicos; e, nas vespervas da reunião, houve um de estrondo.

A' sessão inaugural, prestou guarda de honra uma brigada; mas, bem contando, era unicamente um batalhão.

Quando saíram os constituintes, Z, um delles, perguntava de si para si:

—Que vou propôr eu?

H. escogitava:

—Devo ser pelo divorcio? Esses padres...

B. meditava:

—Antes não me mettesse nisto. O Imperador póde voltar e é o diabo!...

Quasi todos, porém, consideravam com toda a convicção, com todo o acendramento, com um recolhimento religioso:

—Qual a Constituição que devemos imitar?

Em geral, elles esperavam ser escolhidos para a commissão dos 21 que tinha de redigir o projecto da futura lei basica, e era justo que tivessem semelhante preocupação absorvente :

—Qual a Constituição que devemos imitar?

Votado o regimento interno da grande Assembléa e tomadas todas as outras disposições secundarias, a commissão dos 21 membros, encarregada de redigir o projecto, foi escolhida; e, em reunião, houve entre os seus membros caloroso debate a respeito de quem deveria ser o relator ou os relatores.

Escolheram, afinal, trez summidades: Felicio, Gracindo e Pelino, todos elles — *ben* — qualquer cousa.

O resto pôz-se a descansar e os trez, em sala separada, no dia seguinte, juntaram-se e trataram dos moldes em que devia ser elaborada a nova Magna Carta.

Pelino foi de parecer que a Constituição futura devia ser vasada no cadinho em que fôra a do paiz dos Huyhnms.

—E' um paiz de cavallos! exclamou Gracindo.

—Que tem isto? retrucou Pelino. Nós somos bastante parecidos com elles.

—Não, não queremos, objectaram os dous outros.

—Então como vae ser? perguntou Pelino. Se não querem á moda dos cavallos, não podemos achar outro modelo, pois o paiz dos camellos não tem Constituição.

—Façamos a Constituição aos modos da de Liput, fez Felicio.

—Não me serve! exclamou Pelino. Semelhante gente não péza, é muito pequena!

—Então ao geito da de Brobdingnag, o paiz dos gigantes.

Todos acharam justa a proposta e começaram a redigir o projecto de Constituição da Bruzundanga republicana, conforme o paradigma da do paiz dos gigantes.

Quando Gulliver lá esteve (creio que os senhores se lembram disso), figurou como um verdadeiro brinquedo. Ninguém o levava a serio como homem; era antes um boneco que dormia com as moças e tinha outras intimidades que, se não foram contadas, podem ser adivinhadas.

A população da Bruzundanga, tirante um attributo ou outro, não era composta de pessoas differentes do Dr. Gulliver; eram minusculos bonecos, portanto, que queriam possuir uma Constituição de gigantes.

Felizmente, porém, já na grande commissão, já no plenario, a imitação foi modificada; e, em muitos pontos, a Carta da Bruzundanga veio a afastar-se da de Brobdingnag.

Houve mesmo disposições originaes que merecem ser citadas. Assim, por exemplo, a exigencia principal para ser ministro era a de que o candidato não entendesse nada das cousas da pasta que ia gerir.

Por exemplo, um ministro da Agricultura não devia entender cousa alguma de agronomia. O que se exigia d'elle é que fosse um bom especulador, um agiota, um judeu, sabendo organizar «trusts», monopolios, estancos, etc.

Os deputados não deviam ter opinião alguma, se não aquellas dos governadores das provincias que os

elegiam. As provincias não poderiam escolher livremente os seus governantes; as populações tinham que os escolher entre certas e determinadas familias, aparentadas pelo sangue ou por afinidade.

Havia artigos muito bons, como por exemplo o que determinava a não accumulção de cargos remunerados e aquelle que estabelecia a liberdade de profissão; mas, logo, surgiu um deputado prudente que estabeleceu o seguinte artigo nas disposições geraes: «Toda a vez que um artigo desta Constituição ferir os interesses de parentes de pessoas da «situação» ou de membros della, fica subentendido que elle não tem applicação no caso.»

Na Constituinte, todos esperavam ficar na «situação», de modo que o artigo acima foi approvedo unanimemente.

Com este artigo a Lei Suprema da Bruzundanga tomou uma elasticidade extraordinaria. Os presidentes de provincia, desde que estivessem de accordo com o presidente da Republica,—na Bruzundanga chama-se Manda-Chuva — faziam o que queriam.

Se algum recalcitrante, á vista de qualquer violação da Constituição, appellava para a Justiça (lá se chama Chicana), logo a Côrte Suprema indagava se feria interesses de parentes de pessoas da situação e decidia conforme o famoso artigo.

Um certo governador de uma das provincias da Bruzundanga, grande plantador de café, verificando a baixa de preço que o producto ia tendo, de modo a não lhe dar lucros fabulosos, prohibiu o plantio de mais um pé que fosse da «preciosa rubiaceae».

Era uma lei colonial, uma verdadeira disposição

de Carta Régia. Houve então um cidadão que pediu «habeas-corpus» para plantar café. A Suprema Côrte, á vista do tal artigo citado, não o concedeu, visto ferir os interesses do presidente da provincia, que pertencia á «situação».

Como todo o mundo não podia pertencer á «situação», os que ficavam fóra della, vendo os seus direitos postergados, começavam a berrar, a pedir justiça, a falar em principios, e organizavam, desta ou daquela maneira, mashorcas.

Se eram victoriosos, formavam a sua «situação» e começavam a fazer o mesmo que os outros.

Havia appello para a «Chicana», mas a Suprema Côrte, considerando bem o tal artigo já citado, decidia de accordo com a «situação». Era tudo a «situação».

Todos os partidos que não pertenciam a ella, pregavam a reforma da Constituição; mas, logo que a ella adheriam, repelliam a reforma como um sacrilegio.

A Constituição affirmava que ninguem podia ser obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma cousa, senão em virtude de lei. Não havia lei que permittisse as provincias deportar individuos de uma para outra, mas o Estado do Kaphet, graças ao tal artigo, deportava quem queria e ainda encomendava aos jornaes que o chamassem de provincia modelo.

A Constituição da Bruzundanga era sabia no que tocava ás condições para elegibilidade do Manda-Chuva, isto é, o Presidente.

Estabelecia que devia unicamente saber ler e escrever; que nunca tivesse mostrado ou procurado mos-

trar que tinha alguma intelligencia; que não tivesse vontade propria; que fosse, enfim, de uma mediocridade total.

Nessa parte a Constituição foi sempre obedecida.

A Republica dura, na Bruzundanga, ha cerca de 30 annos. Têm passado pela curul presidencial nada menos do que seis Manda-Chuvas, e não houve, talvez, um que infringisse tão sabias disposições.

A Carta da Bruzundanga, que começou imitando a do paiz dos gigantes, foi inteiramente obedecida nessa passagem, e de um modo religioso.

No que toca ao resto, porém, ella tem soffrido varias mutilações, desfigurações e interpretações de modo a não me permittir continuar a dar mais apanhados della, a menos que quizesse escrever um livro de seiscentas paginas.

UM MANDA CHUVA

IX

Os leitores que têm seguido estas rapidas notas sobre os usos e costumes, leis e superstições da Republica da Bruzundanga, não devem ter esquecido que o seu presidente é chamado «Manda-Chuva», e officialmente.

Já dei até algumas das exigencias constitucionaes que os candidatos têm de preencher, afim de ascenderem á curul presidencial daquelle paiz, que fica proximo da ilha dos Lagartos, tão bem descripta pelo meu concidadão Antonio José, que as fogueiras da Inquisição queimaram em Lisbôa.

O que pretendo agora, nestas linhas, é fornecer aos leitores o typo de um presidente da curiosa Republica, infelizmente tão mal conhecida entre nós — cousa de lastimar, pois ella nos podia fornecer modelos que nos levassem de vez a completo desastre. *Il faut finir, pour recommencer...*

A não ser que suba ao poder, por uma revolta mais ou menos disfarçada, um General mais ou menos decorativo, o Manda-Chuva é sempre escolhido entre os

membros da nobreza doutoral; e, dentre os doutores, a escolha recáe sobre um advogado.

E' justo, pois são os advogados ou bachareis em direito que devem ter obrigação de conhecer a barafunda de leis de toda a natureza, embora a arte de governar, segundo o criterio dos que philosopham sobre o Estado e o admittem necessario, não peça unicamente o secco conhecimento de textos de leis, de artigos de codigos, de opiniões de praxistas e hermeneutas.

As leis são o esqueleto das sociedades, mas a feição de saude ou doença destas, as suas necessidades therapeuticas ou chirurgicas, são dadas pelo prévio conhecimento e exame, no momento, do estado de certas partes externas e dos seus órgãos vitaes, que são o seu commercio, a sua industria, as suas artes, os sonhos do seu povo, os soffrimentos d'elle — toda essa parte mutavel das communhões humanas, cambiante e fugidia, que só os fortes observadores, com grande intelligencia, colhem em alguns instantes, suggerindo os remedios efficazes e as providencias adequadas, para tal ou qual caso.

Como dizia, porém, na Bruzundanga, em geral, o Manda-Chuva é escolhido entre os advogados, mas não julguem que elle venha dos mais notaveis, dos mais illustros, não: elle surge e é indicado dentre os mais nescios e os mais mediocres. Quasi sempre, é um le-guleio da roça que, logo após a formatura, isto é, desde os primeiros annos de sua mocidade até aos quarenta, quando o fizeram deputado provincial, não teve outro ambiente que a sua cidadezinha de cinco a dez mil habitantes, mais outra leitura que a dos jornaes e livros

communs da profissão — indicadores, manuaes, etc.; e outra convivencia que não a do boticario, do medico local, do professor publico e de algum fazendeiro menos dorminhôco, com os quaes jogava o sólo, ou mesmo o «truque», nos fundos da botica.

E' este homem que assim viveu a parte melhor da vida, é este homem que só viu a vida de sua patria, na pacatez de quasi uma aldeia; é este homem que não conheceu senão a sua camada e que o seu estulto orgulho de doutor da roça levou a ter sempre um desdem bonanchão pelos inferiores; é este homem que empregou vinte annos, ou pouco menos, a conversar com o boticario sobre as intrigas politicas de seu logarejo; é este homem cuja cultura artistica se cifrou em dar corda no gramophone familiar; é este homem cuja unica habilidade se resume em contar aneddotas; é um homem destes, meus senhores, que depois de ser deputado provincial, geral, senador, presidente de provincia, vai ser o Manda-Chuva da Bruzundanga.

Hão de dizer que, passando por tão altos cargos que se exercem em grandes cidades, nas capitaes, o futuro Manda-Chuva ha de ter recebido outras impressões e ganhar, portanto, idéas mais amplas. Naturalmente, elle ha de adquirir algumas, mas não tantas que modifiquem a sua primitiva estructura mental.

Durante esse longo tempo em que elle passa como deputado, senador, isto e aquillo, o esperançoso Manda-Chuva é absorvido pelas intrigas politicas, pelo esforço de ageitar os correligionarios, pelo trabalho de amaciar os influentes e os preponderantes, na politica geral e regional. A sua actividade espiritual limita-se a isto.

Os preponderantes e influentes têm todo o interesse em não fazer subir os intelligentes, os illustrados, os que entendem de qualquer coisa; e tratam logo de collocar em destaque um mediocre razoavel que tenha mais ambição de subsidios do que mesmo a vaidade do poder.

Além disso, elles têm que attender aos capatazes politicos das localidades das provincias; e, em geral, estes ultimos indicam, para os primeiros postos politicos, os seus filhos, os seus sobrinhos e de preferencia a estes: os seus genros.

A ternura de pae quer sempre dar essa satisfação á vaidade das filhas.

O futuro chefe do governo da Bruzundanga começa a sua carreira politica pela mão do sogro; e, relacionando-se com os bonzos de sua provincia, se é esperto e apoucado de intelligencia e saber, faz-se ainda mais; na maioria dos casos, porém, não é preciso tanto. Os caides ficam logo contentes com elle. Mandam-no para a Camara Geral; e, durante a primeira legislatura, encarregam-no de comprar ceroulas, pares de meias, espingardas de dous canos, oculos de gráo tanto, de ir ás repartições vêr tal requerimento, de empenhar-se pelos exames dos nhonhós, etc..

Quando acaba a legislatura, o Messias annuciado para salvar a Bruzundanga é possuidor de todo esse acervo de serviços ao partido. E' reeleito. A sua lealdade e o seu natural prestativo indicam-no logo para «leader» da bancada, senão da Camara. Eil-o em evidencia. Os jornalistas, grandes e pequenos, não o deixam, elogiam-no, dão-lhe o retrato nas folhas, fazem pilherias a res-

peito do homem; e elle autoriza a publicação de actos officiaes do governo de sua provincia, cujas contas o erario departamental paga generosamente aos seus jornaes e revistas.

Os calenders provincianos estão cada vez mais contentes com elle e o nosso homem já economizou, sobre subsidios, mais do que a mulher trouxe para a sociedade conjugal.

E' um homem methodico, pontual nos pagamentos, não gasta dinheiro em cousas inuteis, como seja em livros.

Uma noite ou outra, vai ao Theatro Lyrico, mas logo se aborrece, não só elle como a futura Mme. Mandachuva. Preferia, Madame, estar a dormir naquella hora, e elle a jogar sólo na botica, antes do que permanecer ali, apertados nos vestuarios, a ouvir umas cantorias em lingua que não entendem. Que saudades do gramophone! Para elle, ha sécas peiores...

Ainda a musica elle supporta um tanto, mas as taes exposições de pintura, as sessões de Academias... Irral! Que estafa!

Foge de ir a ellas; e todo o seu medo é vir a ser presidente da Bruzundanga, pois será obrigado a comparecer a taes festas.

A sua leitura continua a ser os jornaes, porém não paga mais nos manuaes, nos indicadores de legislação.

As necessidades artisticas de sua natureza se cifram no gramophone domestico e nos cinemas urbanos ou do arrabalde em que reside. Faz collecção dos programmas destes ultimos e, com elles, organiza a sua opulenta bibliotheca literaria.

A' proporção que sóbe, mostra-se mais caróla; não falta á missa, aos sermões, communga, confessa-se e os padres e irmãs de caridade têm-no já por alliado. Ah! Quem o visse contar certas anedotas sobre padres, jogando o «truque», nos fundos da botica de sua fêrra!... Historia antiga! O homem, hoje, é sinceramente catholico, e tanto assim que acompanha procissões de ópa ou balandrão.

A ascensão d'elle a Senador até coincidiu com a sua eleição para irmão fabriqueiro da SS. Irmandade de S. Affonso de Ligorio e também com a de definidor da SS. e Veneravel Irmandade de Santo Onofre.

As cousas vão assim marchando; e elle, sempre calado, deixa-se ficar, rodando a manivella do gramophone e do seu moinho de rézas.

Ha uma complicação na escolha do Governador da provincia das Jazidas, onde elle nasceu. Os caides não se entendem e o seu nome é apontado como conciliador, escolhido e eleito. Aborrece-se um pouco, pois já estava habituado com a capital do paiz, e muito gostava della, apesar de mal a conhecer. Toma posse, entretanto. Surge, ao meio do seu governo regional, não entre os caides, mas na communhão dos emires que governam o paiz, um desaguizado, com o problema da successão do Manda-Chuva, cujo tempo está a acabar. O nosso homem não se define. Continua a dar corda no seu enorme e fanhoso gramophone e a rodar a manivella do seu moinho de rézas. Os padres, que são seus alliados, não o abandonam; e nos bastidores, por intermedio das mulheres dos politicos, insinuam-lhe o nome para o alto cargo de Manda-Chuva. Eil-o eleito, toma posse do

cargo e do alcatifado palacio que a nação lhe dá para residencia.

O seu primeiro cuidado, e tambem da mulher, é fechar diversos aposentos para diminuir o numero de servicaes, de modo a fazer economias na verba de representação.

O cargo dá-lhe certos incommodos, mas muitas vantagens: não paga sello nas cartas, não paga bonde, trem, nem theatros, onde continua a quasi não ir. O que o aborrece, sobretudo, são as audiencias publicas — uma importunação para esse parente de S. Luiz. Mais o amollam que lhe dão fadiga. Ao sair de uma dellas, diz á mulher:

—Que povo aborrecido!

—Mas que tem você com o povo?— pergunta Mme. Manda-Chuva, a Egeria conjugal.

Para distrahir-se, o esclarecido Manda-Chuva compra um bom gramophone e installa no palacio um cinema.

E' conveniente lembrar que, nesse mesmo palacio, ao tempo em que a Bruzundanga era Imperio, executores famosos no mundo inteiro tinham tocado obras primas musicaes, no violino e no piano. Houve progresso...

Eis ahi um Manda-Chuva perfeito.



FORÇA ARMADA

X

Na Bruzundanga não existe absolutamente força armada. Ha, porém, cento e setenta e cinco generaes e ointa e sete almirantes. Além disto, ha quatro ou cinco ilheiros de officiaes, tanto de terra como de mar, que occupam em fazer officios nas repartições. O fim principal dessas repartições, no que toca ao Exercito, é estudar a mudança de uniformes dos mesmos officiaes. Os grandes costureiros de Paris não têm tanto trabalho em laginar modas femininas como os militares da Bruzundanga em conceber, de anno em anno, novos fardamentos para elles.

Quando não lhes é possível de todo mudal-os, reformam o feitio do bonet ou do calçado. E' assim que já usam os officiaes do Exercito de lá, cothurnos, borzeguins, ndalias, *sabots* e aquillo que nós chamamos aqui—*ta-ancos*.

Entretanto, o Exercito da Bruzundanga merece consideração, pois tem boas qualidades que desculpam esses

pequenos defeitos. E' ás vezes abnegado e quasi sempre generoso, e eu, que vivi entre os seus officiaes muito tempo, tendo tido muitas questões com elles, posso dizer que jámais os supuz tão tolerantes. Foi, no que me toca, um traço que, além de me surprehender, me captivou immensamente. Demais, apesar de toda e qualquer presumpção que se lhes possa attribuir, elles têm sempre um sincero respeito pelas manifestações da intelligencia, partam ellas de onde partirem.

O mesmo não se pode dizer da Marinha. Ella é estritamente militar e os seus officiaes julgam-se descendentes dos primeiros homens que sahiram de Pamir. Não ha nelles a preocupação de constante mudança de fardamento; mas ha a de raça, para que a Bruzundanga não seja envergonhada no estrangeiro possuindo entre os seus officiaes de mar alguns de origem javaneza. Os mestiços de javanezes, entretanto, têm dado grandes intelligencias ao paiz, e muitas.

A marinha da Bruzundanga, porém, com muito pouco entra para o inventario intellectual da patria que ella diz representar no estrangeiro com os seus navios paralyticos.

Se, de facto, lá houvesse Marinha, podia-se dizer que era mantida pelo povo da Bruzundanga para gaudio e alegria dos paizes estranhos.

As principaes producções dos arsenaes de guerra do paiz são brinquedos aperfeiçoados; e os da Marinha são muito estimados na nação pela perfeição das rédes de pescaria que lhe saem dos estaleiros.

Uma das curiosidades da Armada daquelle paiz é a

indolencia tropical dos seus navios que, ás vezes, por méro capricho, teimam em não andar.

Emfim, a força armada da Bruzundanga é a cousa mais innocente deste mundo, Em face d'ella, todo o pacifismo ou humanitarismo é perfeitamente ridiculo.

UM MINISTRO

XI

Estas «notas» sobre a Bruzundanga ameaçam não abar mais. Temo, ao escrevel-as tão longas como «Historias» de Herodoto, não virem ellas, apesar sso, merecer a immortalidade da obra do viajante ego.

Comtudo, se a posteridade não encontrar nellas al-um ensinamento, e as desprezar, os contemporaneos do eu paiz podem achar nestas rapidas narrações de cois de nação tão remota, moldes, receitas e meios para bodegar de vez o Brasil.

Esbocei em um capitulo antecedente o typo de anda-Chuva da Bruzundanga; agora, vou vêr se deixo o de um ministro daquelle paiz.

A Bruzundanga, como o Brasil, é um paiz essencialmente agricola; e, como o Brasil, póde-se dizer que lo tem agricultura.

O regimen de propriedade agricola lá, regimen de tifundios com toques feudaes, faz que o trabalhador agricola seja um pária, quasi sempre errante de fa-

zenda em fazenda, donde é expulso por dá cá aquella palha, sem garantias de especie alguma—situação mais aggravada ainda pela sua ignorancia, pela natureza das culturas, pela politicagem roceira e pela incapacidade e cupidez dos proprietarios.

Estes, em geral, são completamente inhabeis para dirigir qualquer coisa, indignos da funcção que a obscura marcha das coisas depositou em suas mãos. Pouco instruidos, apesar de formados, nisto ou naquillo, e sem iniciativa de qualquer natureza, despidos de qualquer sentimento de nobreza e generosidade para com os seus inferiores, mais ávidos de riqueza que o mais feroz taverneiro, pimpãos e arrogantes, as suas fazendas ou usinas são governadas por elles, quando o são, com a dureza e os processos violentos de uma antiga fazenda brasileira de escravos.

Todos elles são politicos, senão de destaque, ao menos com influencia nos logares em que têm as suas fazendas agricolas; e, apoiados na politica, fazem o que querem, são senhores de baração e cutello, elles ou os seus prepostos.

O pária agricola (chamam lá colono ou caboclo), quando se estabelece nas suas propriedades, tem todas as promessas e todas as garantias verbaes. Constróe o seu rancho, que é uma cabana de taipa coberta com o que nós chamamos sapê, e começa a trabalhar para o barão, desta ou daquella maneira. Não me alongo mais sobre a vida delles, porque pouco vivi na roça da Bruzundanga; mas posso asseverar que o trabalhador agricola daquelle paiz—esteja o café em alta, esteja em baixa. suba o assucar, desça o assucar—ha trinta an-

nos ganha o mesmo salario, isto é, 10 thonios por dia, a secco, o que quer dizer, na nossa moeda, mil quinhentos a dous mil réis, sem alimentação.

Todos os salarios têm subido na Bruzundanga, menos os dos trabalhadores agricolas. A parte povoada e cultivada do paiz tem já uma razoavel população e talvez sufficiente para as suas necessidades, mas, á vista do pouco lucro que os trabalhadores agricolas tiram do seu suór, em breve deixam-se cahir em marasmo, em desanimo, ou vêm a morrer de miseria nas cidades, onde se sentem mais garantidos contra o arbitrio dos fazendeiros e seus prepostos.

Como os grandes agricultores e seus parentes são politicos, e deputados, e senadores, e ministros, logo que sentem o exodo dos naturaes, começam a berrar que ha falta de braços. Publicam uns fasciculos desonestamente optimistas, onde ha as maiores hyperboles laudatorias ao clima e á fertilidade da Bruzundanga e attrahem emigrantes incautos.

Os primeiros que chegam com aquelle fervôr de quem «queimou os seus navios», trabalham vigorosamente e abarrotam de dinheiro os regulos das feitorias; mas já seus filhos não são assim. Logo se enchem do mesmo desanimo que os seus patricios mais antigos, na terra, e começam a cahir naquelle marasmo, naquella apathia, naquella tristeza, que se evóla, com um grande apello á embriaguez sexual, das cantigas populares do paiz e cobre a roça da Bruzundanga de um sudario impalpavel.

A manobra dos fazendeiros e outros agricultores é mudar, de quando em quando, a nacionalidade dos emi-

grantes que vão buscar. Assim, elles conseguem manter o fogo sagrado e ter trabalhadores abnegados.

Tudo isto se dá porque o fazendeiro ou grande agricultor da Bruzundanga quer ter da sua cultura lucros immensos que lhe proporcionem uma vida de fausto, a elle, aos filhos que estudam para doutor, ás filhas para casarem com a nobreza do paiz. O credito agricola é, por isso, até prejudicial á lavoura da paradoxal Republica.

Em geral, vivem fóra das propriedades, nas grandes cidades, sob o pretexto de educarem as filhas e os filhos, mas com o secreto intuito de arranjar bons partidos matrimoniaes para as meninas.

Foi entre semelhantes murubixabas que certo Manda-Chuva escolheu um seu Ministro da Agricultura. Remontemos as origens desse cacique do assucar, os peiores da Bruzundanga, pois lidam em geral com os naturaes do paiz que não têm a quem se queixar. Na provincia das Cannas, houvera um turumbamba mais ou menos officialmente protegido por um Manda-Chuva, motivo esse que derrubou a olygarchia da familia dos Cravhos. Um uzineiro muito rico da mesma provincia, Phranhisco Novilho ben Kosta, mais conhecido por Chico Cafana, tinha adiantado dinheiro e assoladado gente para que o general Tupinambá tomasse o logar do soba-mór Cravho ben Mathos. O general victorioso ficou muito agradecido ao Chico, e prometeu dar-lhe uma posição de destaque na politica.

Chico era o typo do grande agricultor da Bruzundanga: nada entendia de agricultura, mesmo da quella que dizia exercer.

As cannas que moía nos seus engenhos, eram plantadas por outros, a quem elle impunha o preço do carro como bem entendia; e, no que toca á moagem e preparo do assucar, ahi já de industria, elle nada ou pouco conhecia.

Apezar de bacharel em direito, mal lia os jornaes e o seu forte, em arithmetica, era a conta de juros, de cabeça. A sua usina era de facto dirigida por um francez bohemio, Ormesson, a quem chamavam de doutor, apezar de ter elle unicamente um simples curso do «Conservatoire des Arts et Metiers», de Paris.

Charles Ormesson, o tal francez, com o ser pratico e habil no officio, era um extravagante incorrigivel; e, como tal, pouco exigente de dinheiro e facilmente exploravel. Bebia desregradamente e fazia do feroz dr. Chico Novilho gato e sapato. O dr. Novilho não o despedia, apezar de seus pruridos disciplinadores até á tyrannia, por sordicia. Caiana nada entendia daquelles mysterios de fazer da canna, assucar; e, se fosse mexer nos aparelhos, nas turbinas, dosar o caldo, etc., etc., a cousa era capaz de explodir como polvora. Accrescia mais ainda que elle conseguia pagar a Ormesson o que bem entendia; e, se quizesse substituil-o, o outro talvez custasse mais caro. Aturava o francez e explorava-o. Conservando Ormesson, reservava o seu autoritarismo para os outros pobres diabos de empregados subalternos, colonos e mais gente sob o seu guante.

Toda a manhã, em tempo de safra, inteiramente de branco, montado no *Quitute*, um cavallo russo-malhado, Caiana, corria os cannaviaes; e, se se encontrava

com um comboio de cannas, nas usineiras linhas De-cauville, olhava a pequena locomotiva e sempre se lembrava de admoestar o foguista-machinista:

—Olhe o manometro que não está limpo.

Eis ahi a sua agricultura, de que veiu tiral-o o braço forte do general Tupinambá. Vejamos como. Ascendendo á governança da Provincia das Cannas, Tupinambá tratou logo de eleger senador da Bruzundanga o seu forte esteio eleitoral, o dr. Chico Caiana. Arranjaram as actas e mandaram-nas, e mais elle, para a capital do paiz.

Quando saltou, era um gôzo vêr o Chico Caiana atravessar as ruas com um ostentoso chapéo Panamá, terno de linho branco, botinas inteiriças de pellica amarella e açoiteira pendente do pulso direito. Olhava tudo alvarmente; e, de quando em quando, ficava surpreendido de que ninguem o conhecesse. O dr. Chico Caiana, da usina do Cambambú! Não conhecem? Que gente futil!

O Senado não o quiz reconhecer; porém, Manda-Chuva, que tinha a palavra empenhada com Tupinambá, arranjou as cousas. Determinou que o Ministro da Guerra fosse estudar na Europa o fabrico dos mais modernos medicamentos allemães; transferiu o Ministro da Agricultura para a pasta da Guerra e nomeou Caiana para aquella outra!

Tomando posse, o famoso e pratico usineiro immediatamente teve uma grande admiração.

—Onde está aqui agricultura?... Estes papeis... Isto não é pratico!... Quero cousas praticas!... Cannaviaes...

Engenhos... Qual! Isto não é pratico! Vou fazer uma reforma!

Mandou chamar Ormesson para ajudal-o e, nesse interim, andou ás cristas com os seus subalternos. Vinha o Chefe da Contabilidade e elle gritava:

—Qual verba 29, letra A! Isto é uma trapalhada! Quero cousas praticas! Vou chamar o Felix, o meu guarda-livros, lá do Cambambú, a minha usina. Conhece?

O inspector do serviço de veterinaria vinha pedir-lhe autorização para installar um laboratorio e Caiana berrava:

—Qual laboratorio! Qual nada! Tudo isto é porrada! Vou mandar chamar o Nicodemo. Conhece? Pois trata toda a especie de molestias de animaes com sangria ou oleo de andayassú. Quero cousas praticas! Practicas, está ouvindo?

Tendo chegado o francez e o guarda-livros, elle recommendou ao primeiro:

—Ormesson, vê como havemos de fazer isto aqui ser mesmo de agricultura. Quero cousa practica! Hein? Vê lá, se vaes beber! Hein?

Ao guarda-livros, elle disse:

—Tome conta dessas cousas de papeis ahi, que não pesco nada disso.

A Nicodemo, nada o dr. Chico recommendou, porque o alveitar não quiz deixar as Cannas.

O francez não bebeu e, dias depois, trouxe o projecto de transformar a chacara da Secretaria em campo agricola.

—Amendoim! — exclamou o Ministro. — Não dá

nada! Se fosse canna... «Mindobi», só para preta velha vender torrado...

Elle não conhecia, não admittia outra cultura que não fosse a da canna de assucar. Ormesson convenceu-o e o ministro determinou o plantio aconselhado. Um dos directores pediu autorização para admittir trabalhadores.

—Trabalhadores! Ponha lá os escripturarios, esses escreventes todos...

—Mas...

—Não tem mas, não tem nada! Quem não quizer, deixe o lugar, que eu arranjo outros mais baratos.

Não houve remedio senão os officiaes da sua Secretaria de Estado irem puxar o rabo da enxada.

Houve, no anno seguinte, uma complicação internacional e o assucar começou a ser procurado. Chico Caiana não se importou mais com as cousas do ministerio e aproveitou a posição para ganhar dinheiro. Durante muito tempo, o Manda-Chuva não o viu. O guarda-livros era quem lhe levava os actos necessitados da assignatura presidencial.

Um dia o chefe do governo perguntou ao auxiliar do grande agricultor:

—Onde está o dr. Phrankisco Novilha?

—Está occupado com coisas praticas.



OS HERÓES

XII

A Republica da Bruzundanga, como toda a patria que se preza, tem tambem os seus heróes e as suas heroínas.

Não era possivel deixar de ser assim, tanto mais que a patria sempre foi feita para os heróes, e estes, sinceros ou não, cobrem e desculpam o que ella tem de syndicato declarado.

Um paiz como a Bruzundanga precisava ter os seus heróes e as suas heroínas para justificar aos olhos do seu povo a existencia facil e opulenta das facções que a têm dirigido.

O mais curioso heróe da patria bruzundanguense é sem duvida uma senhora que nada fez por ella, antes perturbou-lhe a vida, auxiliando um aventureiro estrangeiro que se mettu nas suas guerras civis.

Para bem comprehenderem o meu pensamento, é preciso que antes lhes recorde por alto alguns pontos da historia politica da Bruzundanga. Vou fazel-o.

A actual republica consta de territorios descobertos

pelos Iberos e povoados por elles e por outros povos das mais variadas origens.

Os colonizadores fundaram varias feitorias; e, quando fizeram a independencia da Bruzundanga, essas feitorias ficaram sendo provincias do Imperio que foi creado.

Feita a Republica, ellas ficaram mais ou menos como eram, com mais independencia e outras regalias. Portanto, é claro que a evolução politica da Bruzundanga tinha por expressão a unidade dessas provincias, e era mesmo o seu fim. Qualquer pessoa que tenha tentado, ou venha a tentar, o desmembramento dessas provincias, não póde ser tido como heróe nacional.

Pois bem: um senhor estrangeiro, cheio de qualidades, talvez, metteu-se de parceria com uns rebeldes, para separar uma dessas provincias do blóco bruzundanguense. Isto ao tempo do Imperio. Em caminho, em uma de suas correrias, encontrou-se com uma moça da Bruzundanga que se apaixonou por elle. Seguiu-o nas suas aventuras e combates contra a união bruzundanguense.

Até ahi nada de novo. E' commum, até. Mas querer fazer de semelhante dama heroína da Bruzundanga, é que nunca pude comprehender. Eu me ponho aqui no ponto de vista dos patriotas, para os quaes a patria é una e indivisivel. Se me puzesse sob qualquer outro ponto de vista, então a tal dama heroína nada de notavel teria a meus olhos a não ser a dedicação até ao sacrificio pelo seu amante, mais tarde seu marido. Isto mesmo, porém, não é virtude que torne uma mulher excepcional, pois é commum nellas, a me-

nos que tal dedicação sirva de moldura ás qualidades excepçõaes do seu marido ou do seu amante. No caso, porém, encarando-o estrictamente sob o aspecto da evolução politica da Bruzundanga, o seu marido não era mais do que um aventureiro.

E' semelhante senhora que lá, naquellas plagas, comparam á Jeanne d'Arc. Admiravel!

Por ahi, podem os senhores vêr de que estofo são os herões da Bruzundanga; mas ha outros.

Como sabem a Bruzundanga foi, durante um seculo, Imperio ou Monarchia. Ha seis ou sete lustros os officiaes do seu exercito começaram a ficar descontentes e juntaram-se a outros descontentes civis, que tinham achado para resumir as suas vagas aspirações a palavra Republica. Começaram a agitar-se e, em breve, tinham a adhesão dos senhores de escravos, cuja libertação os fizera desgostosos com o throno da Bruzundanga.

Os amigos do Imperio, vendo que as cousas perigavam, trataram de enfrentar a corrente com decisão e chamaram, para condestavel da Bruzundanga, um velho general que vivia retirado nas suas propriedades agricolas.

Era de crer que semelhante condestavel pudesse ser vencido, mas que confabulasse com os inimigos que vinha combater, não era possivel admittir! Pois foi o que elle fez. Não sou eu quem o diz; são os seus proprios companheiros. Ainda ha mezes, recebi um jornal da Bruzundanga, em que um grande e notavel fabricant da Republica de lá contava como as cousas se tinham passado. Narra esse senhor, como o condestavel, na

vesperas da proclamação da Republica, enganara aquelles que tinham depositado confiança nelle, para servir os contrários. Eis ahi os começos de um heróe da Republica dos Estados Unidos da Bruzundanga! Elle, porém, ainda nos merece mais algumas palavras. Este ultimo heróe é lá chamado Consolidador da Republica. Sabem por que? Porque não consolidou cousa alguma. Não houve Manda-Chuva, pois elle o foi, da Bruzundanga, que mais desrespeitasse as leis da Republica. Entender-se-ia que a havia consolidado se o seu governo fosse fecundo dentro das leis da Bruzundanga. Elle, porém, saltou por cima de todas ellas e governou a seu talante. Mostrou que as leis da Republica não prestavam e, longe de consolidal-as, abalou-as nos seus fundamentos. Tal cousa, na hypothese do seu governo ter sido bom e fecundo; mas não o foi. Isto, porém, não nos interessa. Elle é um dos heróes da Bruzundanga que, em falta de um Carlyle, teve um aqui escultor que lhe fez um monumento, erecto em uma das praças da capital, monumento tão curioso que precisa de um guia, de um tratado escripto, para ser comprehendido. Arte do futuro; Beyreuth da Bruzundanga.

Outro heróe da Bruzundanga é o Visconde de Pancome. Este senhor era de facto um homem intelligente, mesmo de talento; mas lhe faltava o senso do tempo e o sentimento do seu paiz. Era um historiographo; mas não era um historiador. As suas idéas sobre historia eram as mais estreitas possiveis: datas, factos, estes mesmos politicos. A historia social, elle não a sentia e não a estudava. Tudo nelle se norteava para a acção politica e, sobretudo, diplomatica. Para elle (os seus

actos deram a entender isto), um paiz só existe para ter importancia diplomatica nos meios internacionaes. Não se voltava para o interior do paiz, não lhe via a população com as suas necessidades e desejos. Pancome sempre tinha em mira saber como havia de pesar, lá fóra, e ter o applauso dos estrangeiros.

Sabendo bem a historia politica da Bruzundanga, julgava conhecer bem a nação. Sabendo bem a geographia da Bruzundanga, imaginava ter o paiz no coração.

Entretanto, forçoso é dizer que Pancome desconhecia as ancias, as difficuldades, as qualidades e defeitos de seu povo. A historia economica e social da Bruzundanga ainda está por fazer, mas um estadista (criterio classico) deve tel-a no sentimento. Pancome não a tinha absolutamente. A sua visão era unicamente diplomatica e tradicionalista.

Estava como embaixador em um paiz qualquer e um Manda-Chuva fel-o Ministro de Estrangeiros. Logo que tomou posse, o seu primeiro cuidado foi mudar o fardamento dos continuos. Pôz-lhes umas longas sobrecasacas com botões dourados. A primeira reforma. Tendo conseguido adjudicar á Bruzundanga vastos territorios, graças á leitura attenta de modestos autores esquecidos, a sua influencia sobre o animo do Manda-Chuva, era immensa. Convenceu-o que devia modificar radicalmente o aspecto da capital. Era preciso, mas devia ser feito lentamente. Elle não quiz assim e eis a Bruzundanga, tomando dinheiro emprestado, para pôr as velhas casas de sua capital abaixo. De uma hora para a outra, a antiga cidade desapareceu e outra

surgiu como se fosse obtida por uma mutação de theatro. Havia mesmo na cousa muito de scenographia.

Não contente com isto, convenceu o Manda-Chuva que devia adquirir uma esquadra poderosa. Eis a Bruzundanga a pedir dinheiro aos judeus da City para construir uma esquadra poderosa. E as festas? E os annuncios?

A' vista do seu exemplo, nenhum ministro quiz ficar atraz. Todos porfiaram nos gastos. Annos depois, os «deficits» augmentavam, os impostos augmentavam, os preços de todos os generos augmentavam; mas a gente do paiz não deu pela origem da crise, tanto assim que, quando Pancome morreu, lhe fez a maior apotheose que lá se ha visto. Os heróes e o povo da Republica dos Estados Unidos da Bruzundanga, são assim, caros senhores.

A SOCIEDADE

XIII

E' deveras difficil dizer qualquer coisa sobre a sociedade da Bruzundanga. E' difficil porque lá não ha verdadeiramente sociedade estavel. Em geral, a gente da terra que fórma a sociedade, só figura e apparece nos logares do tom, durante muito pouco tempo. Os nomes mudam de trinta em trinta annos, no maximo. Não ha, portanto, na sociedade do momento tradição, cultura accumulada e gosto cultivado em um ambiente propício. São todos arrivistas e viveram a melhor parte da vida tyranizados pela paixão de ganhar dinheiro, seja como fôr. Os melhores e os mais respeitaveis são aquelles que enriqueceram pelo commercio ou pela industria, honestamente, se é possivel admittir que se enriqueça honestamente.

Esses, porém, fatigados, embotados, não formam bem a sociedade, embora as suas filhas e mulheres façam parte della.

Os que formam directamente a grande sociedade, são os medicos ricos, os advogados afreguezados, os

tabelliães, os politicos, os altos funcionarios e os accumuladores de empregos publicos.

Por mais que se esforcem, por mais que queiram, semelhantes homens, atarefados dia e noite, nos escriptorios, nas repartições, nos tribunaes, nos cartorios, na industria politica, não podem ter o repouso de espirito, o ocio mental necessario á contemplação desinteressada e á meditação carinhosa das altas cousas. Limitam-se a pousar sobre ellas um olhar ligeiro e apressado; e a preocupação de manter os empregos e fazer render os cartorios, tirar-lhes-á o socego de espirito para apreciar as grandes manifestações da intelligencia humana e da natureza.

Póde ser definida a feição geral da sociedade da Bruzundanga com a palavra — mediocre.

Vem-lhe isto não de uma incapacidade nativa, mas do continuo tormento de cavar dinheiro, por meio de empregos e favores governamentais, do sentimento de insegurança de sua propria situação.

Em uma sala, se se ouve a conversa das senhoras (digo senhoras), a preocupação não é outra senão saber se fulano será ministro, para dar tal ou qual commissão ao marido ou ao filho. Uma outra criticará tal ou qual pessoa poderosa porque não arranjou para o pae uma concessão qualquer. E' assim.

Uma tão vulgar preocupação pauta toda a vida intellectual da sociedade bruzundanguense, de modo que, nas salas, nos salões, nas festas, o thema geral dos commensaes é a politica; são as combinações de senatorias, de governanças, de provincias e quejandos.

A politica não é ahi uma grande cogitação de guiar

os nossos destinos; porem, uma vulgar especulação de cargos e propinas.

Sendo assim, todas as manifestações de cultura dessa sociedade são inferiores. A não ser em musica, isto mesmo no que toca sómente a executantes, os seus productos intellectuaes são de uma pobreza lastimavel.

Ha lá salões litterarios e artisticos, mas de nenhum delles surgiu um Montesquieu com o «Espírito das Leis» como sahiu do de Mme. du Deffand. As obras mais notaveis que lá têm apparecido são escriptas por homens que vivem arredados da sociedade bruzundanguense.

Em uma sala desse paiz, quando não se trata de intrigas politicas ou coisas frivolas de todos os dias, surge logo um tédio inconcebivel. Elle sepulta o pensamento, antes de matal-o: enterra-o vivo. Mereceria detalhes, mas só fazendo romance ou comedia.

A gente da Bruzundanga gosta de raciocinar por aphorismos. Sobre todas as cousas, elles têm etiquetadas uma collecção delles.

Se se fala em uma sala ou em outro qualquer lugar de sociedade de coisas literarias, logo um aphorista sentencía:

—A arte deve ser impessoal. Os grandes artistas, etc.

Naturalmente, elle se lembrou de Dante, que pôz no inferno os seus inimigos e no céo os seus amigos.

Incapaz de fazer apparecer do seu seio razoaveis manifestações intellectuaes, ella é ainda mais incapaz de apoiar as que nascem fóra della.

A pintura, que sempre foi arte dos ricos e abastados, não tem, na Bruzundanga, senão raros amadores.

Os pintores vivem á mingua e, se querem ganhar algum dinheiro, têm que se rojar aos pés dos poderosos, para que estes lhes encommendem quadros, por conta do governo.

Porque elles não os compram com o dinheiro seu, senão os de vagas celebridades estrangeiras que aportam ás plagas do paiz com grandes carregações de télas. E' outro feitio da gente imperante da Bruzundanga de só querer ser generosa com os dinheiros do Estado. Quando aquillo foi Imperio, não era assim; mas, desde que passou a Republica, apesar da fortuna particular ter augmentado muito, a moda da generosidade á custa do governo se generalizou.

Se um desses engraçados Mecenas julga que deve proteger tal ou qual pessoa; que esta precisa viajar a Europa, aperfeiçoar-se, não lhe subvenciona a viagem, não tira nem um ceutil dos seus mil e mais contos. Sabem o que faz? Influe para que elle receba um pagamento indevido do Thesouro ou promove uma fantastica commissão para o individuo.

E' assim o mecenato da Bruzundanga. A falta de generosidade e a sua inquietude pelo dia de amanhã ferem logo a quem examina a sociedade daquelle paiz, mesmo perfunctoriamente.

Basta lêr os testamentos dos seus ricos e comparal-os com os que fazem os humildes iberos, que lá enriqueceram em misteres humildes, para sentir a inferioridade moral da sociedade da Bruzundanga.

Nestes ultimos, ha mesmo um grande pensamento da hora da morte, quando fazem legados a amigos, a parentes afastados, a criados, a instituições de cari-

dade; mas, nos daquelles, só se topa com o mais atroz egoísmo. Lembro-me de um ricoço de lá que, ao morrer, fez avultados legados aos netos, filhos de sua filha, com a condição de que deviam usar o nome d'elle — coisa que, como se sabe, se não é contraria ás leis, offende os costumes. O sobrenome tira-se do do pai, lá como aqui.

Por falar em cousas de morte, convem recordar que os cemiterios dessa gente, ou por outra, os tumulos das pessoas da alta roda da Bruzundanga são outra manifestação da sua pobreza mental.

São caros jazigos ou carneiros de marmore de Carrara, mas os ornatos, as estatuas, toda a concepção delles, enfim, é de uma grande indigencia artistica. Raros são aquelles que pedem a esculptores que os façam. Todos os encommendam a simples marmoristas, que os recebem, aos montes, da Italia.

As suas casas são desoladoras architectonicamente. Ha modas para ellas. Houve tempo em que era a de compeiras na cimalha; houve tempo das cupolas bysantinas; ultimamente era de mansardas falsas. Carneiros de Panurgio...

A sua capital, que é um dos logares mais pittorescos do mundo, não tem nos arredores casas de campo, risonhas e placidas, como se vêem em outras terras.

Tudo lá é conforme a moda. Um antigo arrabalde da capital que, ha quantos annos era logar de chacaras e casas roceiras, passou a ser bairro aristocratico; e logo os panurgianos ricos, os que se fazem ricos ou fingem sel-o, banalizaram o suburbio, que ainda assim é lindo.

Um dos toques da mediocridade da sociedade da Bruzundanga é a sua incapacidade para manter um theatro nacional.

O theatro é por excellencia uma arte de sociedade, de gente rica. Elle exige vestuarios caros, joias, carros —tudo isso que só se póde obter com a riqueza. Pois os ricos da Bruzundanga, não animam as tentativas que se têm feito para fazer surgir um theatro indigena, e todas têm fracassado.

Ella se contenta com a opera italiana ou com as representações de celebridades estrangeiras.

Poderia ainda falar nas suas festas intimas, nos seus casamentos, nos seus baptisados, nas suas datas familiares; mas, por hoje, basta o que vai dito, e é o bastante para mostrar de que maneira a aristocracia da Bruzundanga é incapaz de representar o papel normal das aristocracias: crear o gosto, afinar a civilização, suscitar e amparar grandes obras.

Se falei aqui em aristocracia, foi abusando da rhetorica. O meu intento é designar com tão altisonante palavra, não uma classe estavel que detenha o dominio da sociedade da Bruzundanga, e a represente constantemente; mas os ephemos que, por instantes, representam esse papel naquelle interessante paiz.

Explicado este ponto, posso ir adiante nas minhas breves «notas» sobre o paiz da Bruzundanga.

AS ELEIÇÕES

XIV

Dentre as muitas superstições politicas do nosso tempo, uma das mais curiosas é sem duvida a das eleições. Admissiveis quando se trata de pequenas cidades, para a escolha de autoridades verdadeiramente locais, quasi municipaes, como eram na antiguidade, ellas tomam um aspecto de sortilegio, de advinhação, ao serem transplantadas para os nossos immensos estados modernos. Um deputado eleito por um dos nossos immensos districtos eleitoraes, com as nossas difficuldades de communicação, quer materiaes, quer intellectuaes, sai das urnas como um manipanso a quem se vão emprestar virtudes e poderes que elle quasi sempre não têm. Os seus eleitores não sabem quem elle é, quaes são os seus talentos, as suas idéas politicas, as suas vistas sociaes, o gráo de interesse que elle póde ter pela causa publica; é um puro nome sem nada atraz ou dentro d'elle. O eleito, porém, depois de certos passes e benzeduras legais, vai para a Camara representar-lhes a vontade, os desejos e, certamente, procurar minorar-lhes os soffrimentos, sem nada conhecer de tudo isto.

A superstição eleitoral é uma das nossas coisas modernas que mais ha de fazer rir os nossos futuros bisnetos.

Na Bruzundanga, como no Brazil, todos os representantes do povo, desde o vereador até ao Presidente da Republica, eram eleitos por suffragio universal, e, lá, como aqui, de ha muito que os politicos praticos tinham conseguido quasi totalmente eliminar do aparelho eleitoral este elemento perturbador — o voto.

Julgavam os chefes e capatazes politicos que apurar os votos dos seus concidadãos era anarchizar a instituição e provocar um trabalho infernal na apuração por quanto cada qual votaria em um nome, visto que, em geral, os eleitores têm a tendencia de votar, em conhecidos ou amigos. Cada cabeça, cada sentença; e, para obviar os inconvenientes de semelhante facto, os mezarios da Bruzundanga lavravam as actas conforme entendiam e davam votações aos candidatos, conforme queriam.

Na capital da Bruzundanga, Bosomsy, onde assisti diversas eleições, o espectáculo dellas é o mais ineditamente pittoresco que se póde imaginar.

As ruas ficam quasi desertas, perdem o seu transitto habitual de mulheres e homens atarefados; mas para compensar tal desfalque passam constantemente por ellas, carros, automoveis, pejados de passageiros heterogeneos. O doutor-candidato vai nelles com os mais crueis assassinos da cidade, quando elle mesmo não é um assassino; o grave chefe de secção, interessado na eleição de F., que prometteu fazel-o director; o grave chefe, o homem severo com os vadios de sua burôcracia, não trepida em

andar de cabeça descoberta, com dous ou tres calaceiros conchecidissimos.

A physionomia aterrada e curiosa da cidade dá a entrever que se está á espera de uma verdadeira batalha; e a julgar-se pelas physionomias que se amontoam nas secções, nos carros, nos cafés, e botequins, parece que as prisões foram abertas e todos os seus hospedes soltos, naquelle dia.

Raro é o homem de bem que se faz eleitor, e se se alista, para attender a pedidos de amigos, não tarda que o seu diploma sirva a outro cidadão mais prestante, que no dia do pleito, para fins eleitoraes, muda de nome e toma o do pacato burguez que se deixa ficar em casa, e vota com elles. Isto é o que lá se chama: — *um phosphoro*.

A's vezes semelhantes eleitores votam até com nomes de mortos, cujos diplomas apresentam aos mezarios sclemnes e hieraticos que nem sacerdotes de antigas religiões. Quer um, quer outro serviço eleitoral, constituem os prestimos mais relevantes que se podem prestar aos politicos de profissão.

Taes costumes eleitoraes da Bruzundanga são fonte de muitos casos comicos, mas, por serem quasi semelhantes aos que se passam entre nós, abstenho-me de narral-os. Entretanto, vou dar-lhes o depoimento de um ingenuo e intelligente eleitor, que descreve a sua iniciação eleitoral na Bruzundanga e os caracteristicos do exercicio dos direitos politicos que a sua Constituição outhorga aos cidadãos.

Trata-se de uma das melhores relações que travei naquelle paiz. Ao tempo em que nos conhecemos, elle

tinha ahí os seus vinte e seis annos e já havia publicado algumas memorias interessantes sobre a paleontologia da Bruzundanga.

Não sei, ao certo, se continuou com brilho a sua estréa brilhante; mas, suspeito que não.

A sociedade da Bruzundanga mata os seus talentos, não porque ella os desdenhe, mas porque os quer idiotamente mundanos, cheios de empregos, como enfeites de sala banal.

O meio inconsciente de que ella se serve para tal fim, é o casamento.

O rapaz começa a fazer ruido e logo todos o cercam, já os de sua camada, já os de camada superior, se é de extracção modesta.

E' natural que elle encontre entre tantas damas da roda que o cerca a do seu pensamento.

Eil-o casado; a mulher, porém, não pode comprehender sabio que não ganhe muito dinheiro e viva modestamente. Não comprehende nem Spinoza, nem Fabre. Se não se faz catholico praticante, o rapaz, para arranjar bons empregos, faz-se charlatão, acolyto de politicos, já não medita, perde a pertinacia, para as pesquisas originaes, publica compilações rendosas e enche-se de cargos publicos e particulares. E' esta a trajectoria de todas as *esperanças* intellectuaes da Bruzundanga.

Penso, por isso, que o meu amigo, Halaké-ben Thoreca, como todos os seus iguaes, se banalizou com o casamento e a consequente cavação de empregos. Tratemos, porém, da sua estréa eleitoral, como elle me contou. Vamos ouvi-lo:

«Pelos meus vinte e dous annos, uma manhã, lí

um artigo eloquente em que se lembrava aos bruzundanguenses a necessidade, o dever de inscrever os seus nomes no proximo alistamento eleitoral. Li e fiquei convencido. Depois de arduos trabalhos, obtive o diploma; e, nas vespersas da eleição, puz-me a estudar os manifestos dos candidatos ao cargo espinhoso de deputado. Fiquei perplexo.

Julho-ben-Khosta, com mais de vinte annos de pratica no officio de candidato, promettia, caso fosse eleito, propugnar a disseminação de livros de estampas; e, hoje mesmo, apesar de homem feito, passa horas e horas a folheal-os. A promessa de Julho-ben-Khosta demoveu-me a empenhar-lhe o meu voto. Não durou muito essa minha resolução. Na mesma columna dos apedidos do jornal, a plataforma do dr. Karaban acenava-me com uma grande esperança.

Este doutor gastava phrases e juramentos, prometendo que faria decretar a approvação compulsoria dos estudantes reprovados.

Calculem que eu tinha quatro bombas em mechanica e, por ahi, poderão imaginar como fiquei contente com semelhante candidato.

Foi tiro e queda: decidi votar no doutor Karaban. Saí bem cedo, para almoçar qualquer cousa.

Na pensão um meu amigo pediu-me que votasse no Castrioto. E' um moço muito pobre, está quasi na miseria, disse-me o amigo, cheio de familia; precisa muito do subsidio.

Tive dó e, quando deixei o almoço, tinha o arraigado proposito de votar no indigente Kasthriotoh. Dirigi-me,

no dia proprio, para a secção eleitoral, e esperei. Chamaram-me, afinal.

Quasi a tremer, no alevantado fito de influir nos destinos da Patria consegui atravessar por entre duas filas de homens de aspecto feroz, que me olhavam desdenhosamente.

Sentei-me, mostrei o meu titulo, assignei um livro, depuz a cedula na urna e fiquei um momento scismando diante da esbelteza de um longo arco abatido que, de uma unica *engambée* e com uma flexa relativamente diminuta, vencia, com suave elegancia, toda a largura do atrio do palacio vice-real, onde funcionava a secção eleitoral. (*).

Creio que me demorei indecêntemente nessa admiração, porque vi as minhas scismas interrrompidaş pelo grito energico do coronel mesario-presidente:

— O senhor não se levanta! berrou o homem. Obedecendo, afastei-me corrido de vergonha e atravessei de novo por entre aquellas mesmas caras ferozes que me tinham visto passar um pouco antes, no alevantado intuito de influir nos destinos da Patria.

Aguardei o resultado quieto, a um canto.

Estava seriamente interessado em impedir que o pobre Kasfhriotoh morresse de fome, com a mulher, filhos, sogra, cunhadas, etc.

Estive assim cerca de duas horas, ao fim das quaes alguns daquelles sujeitos horrendos se approximaram e, fingindo que o faziam ás occultas, começaram a examinar facas, punhaes, estoques, garruchas, revolvers, que

(*) A Bruzundanga foi tambem vice-reinado.—N. do E.

traziam. Via perfeitamente taes armas e descobri que mesmo para isso é que elles tal cousa faziam.

Fascinaram-me e não pude desviar o olhar, Foi a minha desgraça, Deus dos Céos! Um delles ergueu o chapéo ao alto da cabeça e fez para mim, encarando-me com horrôsa catadura:

— Que está olhando?

— Nada, não senhor; respondi eu.

— Vá... Você está ahí com parte de siry sem unha...

Arreda!

E, sem saber como, vi-me envolvido em um formidavel rôlo e levei uma porção de pauladas e quatro facadas.

Mandaram-me para a Santa Casa, onde meu amigo Hantônio me foi visitar:

— Que foi isto? perguntou-me.

— Direitos politicos.

Depois de restabelecido, vim a saber que o Kastrio-toh não tivera um unico voto e arranjava um emprego modesto que lhe dava para fazel-o viver e mais a familia com café e pão sem manteiga. A acta (eu a pude ver mais tarde) estava um primôr de authenticidade, pois tinha sido falsificada com toda a perfeição por um hespanhol que vivia do officio eleitoral de falsificar actas de eleições. Eis como foi a minha estréa eleitoral».

Os meus leitores poderão verificar que, no ponto de vista eleitoral, a Bruzundanga nada tem que invejar da nossa cara patria.

UMA CONSULTA MEDICA

XV

Na Bruzundanga, quando lá estive, a fama do dr. Adhil-ben-Thaft não cessava de crescer.

Não havia dia em que os jornaes não dessem noticia de mais uma proeza por elle feita, dentro ou fóra da medicina. Em tal dia, um jornal dizia: «o dr. Adhil, esse maravilhoso clinico e excellente *goal-keeper*, acaba de receber um honroso convite do *Liberdad Foot-Ball Club*, de S. José de Costa Rica, para tomar parte na sua partida annual com o *Ayroca Foot-Ball Club*, de Guatemala. Todo o mundo sabe a importancia que tem esse desafio internacional e o convite ao nosso patricio representa uma alta homenagem á sciencia da nossa terra, e ao *foot-ball* nacional. O celebrado mestre, porém, não poude aceitar o convite, pois a sua actividade mental anda agora norteadada para a descoberta da composição da Pomada Viennense, especifico muito conhecido para a cura dos callos».

O extraordinario clinico vivia assim mais citado nos jornaes que o proprio Manda-Chuva e o seu nome era encontrado em todas as secções dos quotidianos.

A secção elegante do «O Conservador», logo ao dia seguinte da noticia acima, editada nos *sueños* do «Jornal» occupou-se do famoso medico da seguinte maneira: «o dr. Adhil appareceu hontem no Lyrico inteiramente *fashionable*.

O milagroso clinico saltou do seu *coupé* completamente nú. Não se descreve o interesse das senhoras e o maior ainda de muitos homens. Eu fiquei babado de gozo.»

A fama do doutor corria assim desmedidamente. Deixou em instantes de ser medico do bairro ou da esquina, como dizia Mlle. Lespinasse, para ser o medico da capital do paiz, o lente sabio, o literato illegivel, á João de Barros, o heróe do *Foot-Ball*, o obrigado papa-banquetes diarios; o Cicero das enfermarias, o magico dos salões, o poeta dos acrosticos, o dansador dos bailes do tom, etc., etc..

O seu consultorio vivia tão cheio que nem a «Avenida» em dia de Carnaval; e havia quem dissesse que muitos rapazes preferiam-n'o para as proezas daquellas que os nossos cinematographos são o theatro habitual.

Era procurado sobretudo pelas senhoras ricas, remediadas e pobres, e todas ellas tinham garbo, orgulho, satisfação, emoção na vóz quando diziam:

—Estou me tratando com o dr. Adhil.

Moças pobres sacrificavam os orçamentos domesticos para irem á consulta do Dr. Adhil e muitas houve que deixavam de comprar o sapato ou o chapéo da moda para pagar o exame perfunctorio do famoso doutor. De uma eu sei que lá foi com enormes sacrificios para curar-se de um defluxo; e curou-se, embora o Dr.

Adhil não lhe tivesse receitado um xarope qualquer, mas um específico de nome arrevezado, grego ou copta, *Mu-tratt Todotata*.

Porque o maravilhoso clinico não gostava das formulas e medicamentos vulgares; elle era original na botica que empregava.

O seu consultorio ficava em uma rua central, occupando todo um primeiro andar. As ante-salas eram mobiliadas com gosto e tinham mesmo pela parede quadros e mappas de cousas da arte de curar.

Havia mesmo, no corredor, algumas gravuras de combate ao alcoolismo e era de admirar que estivessem no consultorio de um medico, cuja gloria o obrigava a ser conviva de banquetes diarios, bem e fartamente regados.

Para se ter a felicidade de soffrer um exame de minutos do milagroso clinico, era preciso que se adquirisse a entrada, isto é, o cartão, com antecedencia, ás vezes, de dias. O preço era alto, para evitar que os viciosos do grande clinico não atrapalhassem os que verdadeiramente necessitavam das luzes do celebre clinico...

Custava a consulta cerca de cincoenta mil réis, na nossa moeda; mas apesar de tão alto preço, o escriptorio da celebridade medica era objecto de uma verdadeira romaria e toda cidade o tinha como uma especie de «Apparecida» medica.

Cator Krat-ben, socio principal da firma Suza & C., estabelecido com armazem de seccos e molhados, lá pelas bandas de um arrabalde afastado da cidade, andava soffrendo de umas dores no estomago que não

o deixavam comer com toda liberdade o seu bom cozido, rico de couves e nabos, farto de toucinho e abobora vermelha, nem mesmo saborear, a seu contento, o caldo que tantas saudades lhe dava de sua aldeia natal.

Consultou mezinheiros, curandeiros, espiritas, medicos locais e não havia meio de lhe passar de todo aquella insupportavel dôrzinha que não lhe permittia comer, com satisfação e abundancia, o cozido e tirava-lhe de qualquer modo o sabor do caldo que tanto amava e apreciava.

Era ir para a meza, lá lhe apparecia a dôr e o cozido com os seus pertences, muito cheiroso, rico de couves, farto de toucinho e abobora, olhava-o, namorava-o e elle namorava o cozido sem animo de mastigá-lo, de devorá-lo, de engulir-o com aquelle ardôr que a sua robustez e o seu desejo exigiam.

Krat-ben-Suza era solteiro e quasi casto.

Na sua ambição de pequeno commerciante, de humilde aldeão tangido pela vida e pela sociedade para a riqueza e para a fortuna, tinha recalçado todas as satisfações da vida, o amôr fecundo ou infecundo, o vestuario, os passeios, a sociabilidade, os divertimentos, para só pensar nos contos de réis que lhe dariam a fórra mais tarde, com toda a certeza, do seu quasi ascetismo actual, no balcão de uma venda dos suburbios.

A' meza, porém, elle sacrificava um pouco do seu ideal de opulencia e gastava sem pena na carne, nas verduras, nos legumes, no peixe, nas batatas, no bacalháo que, depois do cozido, era o seu prato predilecto.

Desta fórma, aquella dôrzinha no estomago o fazia

soffrer extraordinariamente. Elle se privava do amôr; mas que importava se daqui a annos, elle pagaria para seu gozo, em dinheiro, em joias, em carruagens, em casamento até, corpos macios, velludosos, cuidados, perfumados, os mais caros que houvesse aqui ou na Europa; elle se privava de theatros, de roupas finas, mas que importava, se dentro de alguns annos, elle poderia ir aos primeiros theatros daqui ou da Europa com as mais caras que escolhesse; mas deixar de comer—isto não! Era preciso que o corpo estivesse sempre bem nutrido para aquella faina de quatorze ou quinze horas por dia, a servir ao balcão, a ralhar com os caixeiros, a supportar os desafôros dos freguezes e a ter cuidado com os calotes.

Certo dia, elle leu nos jornaes a noticia que o dr. Adhil-ben-Thaft tinha tido permissão do governo para dar alguns tiros com os grandes canhões do grande couraçado da esquadra do paiz — «Witopá».

Leu a noticia toda e feriu-lhe o facto da informação dizer: «esse maravilhoso clinico é, certamente, um eximio artilheiro...»

Clinico maravilhoso! Com muito esforço de memoria, pode conseguir recordar-se de que aquelle nome já por elle fôra lido em qualquer parte. Maravilhoso clinico! Quem sabe se elle o não curaria daquella dorzita ali, no estomago? Meditava assim, quando lhe entra pela venda a dentro, o Sr. Hutekle, empregado na Repartição das Arapucas, funcionario publico, homem serio e pontual no pagamento.

Krat foi-lhe logo perguntando:

—Senhor Hutekle, o senhor conhece o dr. Adhil-ben-Tad?

—Thaft, emendou o outro.

—Isto mesmo. Conhece-o, senhor Hutekle?

—Conheço.

—E' bom medico?

—Milagroso. Monta a cavallo, joga xadrez, escreve muito bem, é um excellente orador, grande poeta, musico, pintor, *goal keeper* dos primeiros...

—Então é um bom medico, não é meu caro senhor?

—E'. Foi quem salvou a minha mulher. Custou-me caro... Duas consultas...

—Quanto?

—Cincoenta mil réis cada uma... Somme.

O mercieiro guardou a informação, mas não se resolveu immediatamente a ir consultar o famoso thau-mathurgo urbano. Cincoenta mil réis!

E se não ficasse curado com uma unica consulta? Mais cincoenta...

Viu na meza o cozido, olente, fumegante, farto de nabos e couves, rico de toucinho e abobora vermelha, a namoral-o e elle a namorar o prato, sem poder gozal-o com o ardôr e a paixão que o seu desejo pedia. Pensou dias e afinal decidiu-se a descer até á cidade, para ouvir a opinião do dr. Adhil-ben-Thaft sobre a sua dôr no estomago, que lhe apparecia de onde em onde.

Vestiu-se o melhor que poudo, dispôz-se a supportar o supplicio das botas, pôz ao collete o relógio, a corrente e o medalhão de ouro com a enorme estrella de brilhantes que parece ser o distinctivo dos pequenos e

grandes negociantes de todas as terras, e encaminhou-se para a estação da estrada de ferro. Eil-o no centro da cidade.

Adquiriu a entrada, isto é, o cartão, nas mãos do continuo do consultorio, despedindo-se dos seus cincoenta mil réis com a dôr de pai que leva um filho ao cemiterio. Ainda se o doutor fosse seu freguez... Mas qual! Aquelles não voltariam mais...

Sentou-se entre cavalheiros bem vestidos e damas perfumadas. Evitou encarar os cavalheiros e teve medo das damas... Sentia bem o seu opprobrio, não de ser ta-verneiro, mas de só possuir de economias duas miseraveis dezenas de contos... Se tivesse algumas centenas —então, sim, elle! — elle poderia olhar aquella gente com toda a segurança da fortuna, do dinheiro, que havia de alcançar certamente, dentro de annos, o mais breve possivel.

Um a um, iam elles entrando para o interior do consultorio; e pouco se demoravam. Suza, começou a ficar desconfiado... Diabo! Assim tão depressa?

Bôa profissão, a' de medico! Ah! Se o pai tivesse sabido disso... Mas qual!

Pobre pai! Elle mal podia com o peso da mulher e dos filhos, como havia de pagar-lhe mestres? Cada um enriquece como pôde...

Foi, por fim, á presença do doutor. Krat gostou do homem. Tinha um olhar doce, os cabellos já grisalhos, apesar de sua physionomia moça, umas mãos alvas, polidas.

Perguntou-lhe o medico com muita macieza de vóz:

—Que sente o senhor?

Krat-ben-Suza foi-lhe dizendo logo o terrível mal no estomago de quê vinha soffrendo, ha tanto tempo, mal que apparecia e desaparecia mas que não o deixava nunca. O dr. Adhil-ben-Thaft fel-o tirar o pãletot, o collete, auscultou-o bem, examinou-o demoradamente, tanto de pé como deitado, sentou-se depois, enquanto o negociante recompunha a sua modesta *toilette*.

Suza sentou-se tambem, e esperou que o medico sahisse de sua meditação.

Foi rapida. Dentro de um segundo, o famoso clinico dizia com toda segurança:

—O senhor não tem nada.

O humilde vendeiro ergueu-se de um salto da cadeira e exclamou indignado:

—Então, senhor doutor, eu pago cincoenta mil réis e não tenho nada! Esta é bôa! Noutra não caio eu!

E saiu furioso do consultorio que merecia da cidade uma romaria semelhante á da milagrosa Lourdes, no doce paiz de França.

A ORGANIZAÇÃO DO ENTHUSIASMO

XVI

A curiosa Republica de que me venho occupando, é accusada pelos seus philosophos de não ter costumes originaes. E' um erro de que participam quasi todos os seus naturaes — erro muito naturalmente explicavel, pois mergulhados na sua vida, não possuem pontos de referencia para aquilatar da originalidade das usanças especiaes de sua terra.

Os estrangeiros, porém, logo as percebem e contam nos seus livros. Li muitos livros de viagem na Bruzundanga; e, em nenhum delles vi referencias a um costume curioso d'aquelle paiz — *a manifestação*.

Chama-se isto ao acto de fazer resaltar uma dada personalidade com a acclamação, o vivorio de muitos outros. Esta é a grande manifestação; ha tambem as pequenas que consistem em banquetes, saráos, piqueniques, em honra de um dado sujeito.

Convém fazer observar que tanto uma especie como a outra visam a publicação de longas noticias nos jornaes, de modo a fazer crêr ao publico que o «manifestado» é mesmo homem de valôr (ás vezes o é) e mere-

ce dos poderes publicos todo o acatamento e toda a protecção. E' este o fim occulto da *manifestação*, grande ou pequena.

Houve lá um rapaz que, graças aos banquetes que lhe eram offerecidos e cujas noticias saíam em *columns* pelos jornaes afóra, foi de 2º. Tenente de Marinha a Contra-Almirante, em cinco annos, sem nunca ter commandado uma falúa.

Um senhor que conheci; fez-se uma celebridade em Astronomia, com auxilio dos saráos que lhe eram offerecidos pelos amigos. Elle tinha em casa um oculo de bordo, montado sobre uma tripeça, que, por sua vez, se alcandorava em um mangrullo erguido na sua chácara; lia o Flammarion; e isto tudo com mais uns amigos dedicados a lhe offerecer bailes, por occasião das suas portentosas descobertas nos céos ignotos, levaram o governo da Bruzundanga a nomeal-o director de um dos Observatorios Astronomicos da Republica.

Esses casos são de pequenas homenagens levadas ao cabo por amigos cuja amizade einhos generosos são bastantes para incurtir-lhes enthusiasmo, por occasião de taes manifestações.

Mas, para as grandes, para aquellas feitas a politicos, a capitalistas, a embaixadores; para aquellas em que se exige a multidão, o enthusiasmo não era facil de obter-se assim, do pé p'ra mão e quando eram realizadas, além desse *defeito*, apresentavam alguns outros.

Muitas vezes até os organizadores verificavam que os manifestantes não sabiam bem o nome do grande homem a festejar. Era uma lastima! Uma vergonha!

Acontecia em certas occasiões que um grupo gri-

tava — Viva o dr. Clarindo! — o outro exclamava: — Viva o dr. Carlindo! — e um terceiro expectorava — Viva o dr. Arlindo! — quando o verdadeiro nome do doutor era — Gracindo!

Para obviar taes inconvenientes, houve alguém que teve a idéa de *canalizar, de disciplinar* o enthusiasmo do povo bruzundanguense, enthusiasmo tão necessario ás manifestações que lá ha constantemente, e tão indispensaveis são ao fabrico de grandes homens que dirijam os destinos da grande e formosa Republica dos Estados Unidos da Bruzundanga.

Esse alguém, esse homem de genio, cujo nome infelizmente me escapa agora, delineou — A GUARDA DO ENTHUSIASMO.

Os fins a que a organização de semelhante corpo manifestante devia obedecer, foram expostos pelo seu creador, mais ou menos, nas seguintes palavras que, se não são transcriptas do seu manifesto, podem ser tomadas como verdadeiras, pois me gabo de ter muito boa memoria.

Eil-as:

«As successivas e continuadas festas que Bosomsy (capital da Bruzundanga) tem dado a varios personagens nacionaes e estrangeiros, nestes ultimos tempos, suggerem a idéa de se organizar um corpo de dez mil homens, convenientemente fardados, armados e disciplinados, encarregados das acclamações, dos vivorios e todas as outras cousas que os jornaes englobam sob o titulo — UMA ENTHUSIASTICA RECEPÇÃO.

E' conveniente que esse corpo tenha uma organização

adequada e fique sujeito á suprema direcção de um dos nossos ministerios, por intermedio de uma Directoria Geral de Manifestações e Festejos, que deve ser creada opportunamente.

O nosso catita Ministerio de Estrangeiros está naturalmente indicado para superintender os destinos superiores dessa «Guarda do Enthusiasmo», e da Directoria, que fará parte naturalmente da respectiva Secretaria de Estado.

O aproveitamento da energia entusiastica desses dez mil homens obter-se-á com uma disciplina intelligente e uma hierarchia conveniente.

Cada soldado, pelo menos, deverá dar dous *vivas* por minuto; os sargentos e demais inferiores, nos intervallos dos *vivas*, baterão palmas, muitas palmas, seguidas e nervosas; os officiaes serão encarregados de soltar foguetes e traques; o general fará, por intermedio do corneta, os signaes da ordenança, de modo a graduar, a marcar a acclamação delirante.

Ter-se-á assim a canalização, a organização do enthusiasmo, e a população de Bosom'sy, mediante um pequeno imposto, ficará desembaraçada do onus manifestante.

O fardamento não custará lá grande cousa. Roupas usadas, velhos chapéos de funcionarios sobrecarregados de familia, botas acalcanhadas de empregados de advogados, emprestarão aos soldados o aspecto mais popular possivel. Os officiaes vestirão a sobrecasaca de sarja das grandes occasiões; o general e o seu estado-maior virão em carro descoberto.

A «Guarda do Enthusiasmo» não formará, por completo, para toda e qualquer homenagem.

Um embaixador bellissimo terá direito á metade; um chefe de estado feio, a toda ella.

O Governo, como actualmente procede com as bandas de musica militares, poderá alugar fracções da «Guarda», ou mesmo ella completa, a particulares que pretendam realizar manifestações honestas e republicanas; e, com isto, obterá uma segura fonte de renda para o erario nacional.

Tudo indica que nella haja algumas centenas de praças e uma ou duas duzias de officiaes conhecedores do enthusiasmo inglez, francez, china e abexim para as manifestações a grandes personagens abexins, chinezes, francezes e inglezes.

Toda a corporação congenere deve ser prohibida pelo governo, e na «guarda» é bom que o commandante admitta algumas dezenas de homens robustos capazes de puxar carros de heróes ambulantes ou actrizes fascinadoras. A's vezes, temos visto o enthusiasmo exigir esse glorioso serviço...

Se no mercado commum de homens robustos não se encontrarem musculos capazes para tão nobre actividade, é bom que sejam contractados alguns lutadores de luta romana, mesmo porque, procurando dar ás manifestações um cunho de novidade, póde haver quem proponha levantar-se a carruagem dos manifestados de sobre o vulgar chão de asphalto».

Estas palavras vinham eivadas de tanta logica que logo convenceram os governantes da Bruzundanga da

verdade e da necessidade que encerravam; e não demorou um mez que a «Guarda» fosse organizada, apesar de se terem apresentado como candidatos a logares della quasi todos os habitantes de Bosomsy.

ENSINO PRATICO

XVII

Notando os grandes estadistas da Bruzundanga que o commercio do paiz estava nas mãos de estrangeiros, resolveram com todo o patriotismo retirar o monopólio da mercancia, quer por atacado quer a varejo, das mãos de estranhos ao paiz.

Os economistas tinham mesmo verificado que a exportação de dinheiro que os grandes e pequenos negociantes faziam para os seus paizes de origem, sobrepujava á do café; e, longe do commercio da nação enriquecê-la, empobrecia-a mais até do que a da venda aos estrangeiros da famosa rubiacea que constituia a sua riqueza.

Foi então que para sanar tão lastimavel estado de cousas, para nacionalizar o commercio, alguns homens de boa vontade tomaram a iniciativa de fundar, em Bomsy, um alto estabelecimento de instrucção commercial, nos moldes allemães e americanos, isto é, inteiramente pratico. Vou em rapidas palavras dizer-lhes como elles o projectaram e para tal, nada mais farei do que transcrever para aqui as partes essenciaes do program-

ma que estavam distribuindo quando saí da grande Republica e as conversas que com elles tive.

Era intuito dos fundadores da Academia Commercial banir do seu ensino todo o pedantismo, todo o luxo theorico; fazel-o pratico, moderno, á *yankee*. De tal modo o queriam assim que, ao fim de um curso de pequena duração, o alumno pudesse, sem difficuldades e hesitações, collocar-se á testa de uma loja e geril-a com o desembaraço e a segurança de velho negociante com vinte annos de pratica.

Além de negociantes propriamente, a Academia visava sobretudo formar magnificos caixeiros, magneticos, com virtude de iman, capazes de solicitar, de empolgar, de attrahir a freguezia.

Para a boa comprehensão dos leitores que mal conhecem certamente os usos daquelle paiz e os aspectos da sua capital, os exemplos locais de habitos de commercio, que me foram fornecidos pelos fundadores da Academia, serão por mim dados aqui com similares caricocas. Continuemos.

Os cursos da Academia Commercial da Bruzundanga não ficarão installados em um enorme edificio, grandioso e inutil para os fins á que se destina, e sobremodo favoravel á creação de um espirito de Escola, de camaradagem, indigno da luta commercial. As aulas funcionarão em pequenas casas, situadas nas regiões da capital em que actualmente mais florescem os generos de commercio que os alumnos pretenderem aprender.

Conversando com um dos iniciadores, tive occasião de receber a confidencia da methodologia propria ao es-

tabelecimento. Lembro ainda que os exemplos são transferidos das coisas de lá para as daqui.

Assim, em uma especie de rua da Alfandega de Bosomisy, entre as equivalentes de lá ás nossas do Nuncio e S. Jorge, será estabelecido o curso de venda ambulante de phosphoros.

A aula ficará a cargo de um velho *turco*, affeito ao negocio, cujas calças curtas, denticuladas nas extremidades, beijam a fugir os canos das botinas muito grandes e deixam vêr, de quando em quando, d'ous bons pedaços de suas canellas felpudas.

Possuidor de voz roufenha e lenta mas penetrante e persuasiva, toda a manhã, o veneravel cathedratico, no centro de jovens discipulos, marcando o rythmo com uma varinha auxiliar, fal-os-á repetir uma, duas, mil vezes: — *fófo barato! fófo barato! duas caixa um tostão!*

Este curso durará seis mezes, dando direito a um attestado de frequencia.

A aula de jornalismo (venda ambulante das gazetas) ia ser installada em frente do popularissimo quotidiano de lá — *Bosomisy-Gazette*; e tencionavam os fundadores da Academia realizal-o de madrugada, admitindo um numero restricto de alumnos, sendo-lhe exigida a apresentação de attestados valiosos de que sabiam tomar bondes em movimento.

Os cocheiros de bondes (ainda eram de tracção animal), os respectivos recebedores e os baleiros eram pessoas idoneas para passar o attestado.

A aula de *frége*, cuja séde seria uma especie de lar go da Sé de lá, ficará dividida em duas partes: cantata da lista e encomenda de pratos á cozinha.

Os discipulos serão obrigados a repetir em côro e na toada de uso, todò um panta-gruelico e imaginario *menú: secca desfiada, caldo á portugueza, arroz com repolho, feijoada Camões, tripas á portuense, bijes á Italia*, etc., etc.

O lente, um exemplar de homem assim como um gordo proprietario de casa de pasto da rua da Misericordia, sentado a uma mezinha, coberta com uma toalha eloquentemente immunda, dirá subitamente a um dos alumnos:

— Traga-me um arroz e um bacalháo, *seu* Manoel.

O discipulo correrá até ao fundo da sala e, com a vóz classica do officio, gritará para a fantastica cozinha: — Salta um *chim* e um bacalháo.

O tirocinio académico durará um anno, conferindo o titulo de bacharel em lista cantada e dando direito ao uso de um anel symbolico.

Afóra estes, haverá o curso de barbeiro, de botequim, de compra de ferro velho, e outros. O mais difficil, porém, ha de ser o de armarinho, cujas aulas funcionarão em uma rua principal da cidade, em uma rua como a nossa do Ouvidor, e terão lugar em grandes salas, guarnecidas de assentos em amphitheatro, como nas grandes escolas superiores.

Alguna dama facilmente, adaptavel figurará como fregueza attendida, pelo professor, que perpetrará os languidos olhares de uso nesse trafico, ajudando-a na escolha das fazendas, cortando o padrão com elegancia e dizendo as phrases amáveis, espirituosas e adequadas a tão alto commercio: *em si, toda a fazenda vai bem; quem quer cassa, caça*, etc., etc.

Durará dous annos este curso e conferirá, ao alumno que o terminar, o gráo de doutor em artigos de armarinho e boas maneiras.

Semanalmente, haverá duas aulas geraes, cuja frequencia será obrigatoria aos alumnos de todas as aulas: a de dança e a de coisas de Carnaval.

Eis ahi como, em linhas geraes, iria ser, conforme me disseram, a Academia Commercial da Bruzundanga.

A RELIGIÃO

XVIII

Segundo affirmam os compendios de geographia do paiz, tanto os nacionaes como os estrangeiros, a religião dominante é a catholica apostolica romana; entretanto, é de admirar que, sendo assim, a sua população, actualmente já consideravel, não seja capaz de fornecer os sacerdotes, quer regulares, quer seculares, exigidos pelas necessidades do seu culto.

Ha muitas igrejas e muitos conventos de frades e monjas que, em geral, são estrangeiros.

Não ha mais que dizer sobre tão relevante assumpto.

Q. E. D.

XIX

Animado pela alta e dignificadora curiosidade de estudar o mecanismo administrativo da Republica da Bruzundanga, voltei, em certa occasião, as minhas vistas para o exame das funcções, de secretario de Ministro, cujas responsabilidades sempre me disseram ser grandes e que, de longe, parece ser de importancia transcendente. Dou aqui o resultado parcial dos meus estudos, observando-lhe o serviço sobrehumano, e por demais intellectual, nas passagens mais características do exercicio do seu cargo.

O secretario, como verão, é um funcionario indispensavel ao complexo funcionamento do aparelho governamental da Bruzundanga. Imaginem só o seguinte caso que prova a contento do mais exigente o que affirmo

Um dia, ao gabinete de um tal Ministro da Bruzundanga, foi ter um industrial, pedindo-lhe que fosse vi-

sitar a sua fabrica que estava inaugurando uma nova industria no paiz.

Ficava longe, cinco leguas de Bosomisy; e, para se ir ter lá, era preciso tomar a barca muito cedo, muito mesmo, ás seis horas, ou antes, da manhã.

O ministro tinha já concordado em ir, quando, da sua meza respeitosa e pequena, o Secretario ergueu-se e lembrou:

— V. Exa. não póde apanhar o orvalho da manhã.

-- Homem, é verdade! fez o ministro.

Se não fosse a memoria prompta do secretario e a sua dedicação á causa publica quantas occurrencias graves não iriam perturbar a marcha das cousas governamentaes, se o ministro, com a imprudenciã que ia fazer, apanhasse um resfriado qualquer? Quantas? Um defluxo, papeis atrasados, terremotos, pestes, inundações, etc.

Graças a Deus, porém, a gente da Bruzundanga inventou o officio de Secretario de Ministro que é capaz, a tempo, de evitar tantas desgraças...

Continuemos a demonstração. Creio que as aranhas, tanto as daqui como as da Bruzundanga, não têm em grande conta o cargo de Ministro de Estado. E' de lastimar que insectos de tanto talento desconheçam a importancia de tão sublimado bimano; entretanto, não está nos poderes humanos obrigar-as a respeitar o que respeitamos, se não deviamos fazel-o, para que taes arachnideos não procedessem como um delles procedeu irreverentemente com um Ministro da Bruzundanga.

Caso foi que uma aranha commum, totalmente despida de qualquer notoriedade entre as aranhas, comple-

tamente sem destaque entre as suas iguaes, teve o desafôro de pôr-se a tecer a sua teia no proprio tecto do gabinete de um Ministro da Bruzundanga e bem por cima de sua magestosa cadeira.

Houve, quando o trabalho ia adiantado, não sei que especie de cataclysmo, proprio ao universo das aranhas; e, tão forte foi elle, que um bom pedaço do labôr do engenhoso articulado veio a cair em cima da sobrecasaca da poderosa autoridade da Republica da Bruzundanga.

Apezar do seu immenso poder e da sua forte visão de seguro guia de povos, o grave Ministro não deu conta do desrespeito — involuntario, é verdade, mas desrespeito — de que acabava de ser objecto, por parte de uma miseravel aranha, hedionda e minuscula.

Mas, não dando pelo facto, tratou de tomar o *coupé* para ir ao despacho collectivo, levando tão extranha condecoração (?) nas costas, quando o Secretario, chapéo na mão, todo mesuroso, pedindo licença, tirou a prova da indignidade do bichinho das vestes do seu amo. E elle já entrava no carro!...

Supponhamos que tal não se tivesse dado, isto é, que o Ministro entrasse para o alto synodo cuja presidencia competia ao Manda-Chuva, com aquelle evidente attestado de relaxamento.

Que pensaria o Supremo da Bruzundanga? Naturalmente, penso eu, que os negocios da pasta que lhe havia confiado, mereciam-lhe o mesmo cuidado que a sua sobrecasaca.

Ah! Os secretarios de Ministro! Como são uteis!

Além desses prestimos tão relevantes de que elles

não se poupam, ainda por cima são ás vezes martyres. Duvidam? Pois vou provar-lhes como é verdade.

O deputado Fur-hi-Bhundo tinha feito um pedido a outro Ministro da Bruzundanga. Este por qualquer motivo não lhe pode servir e attendeu a outro *pistolão*. Sabedor da coisa, Fur-hi-Bhundo voou que nem uma frecha para a respectiva Secretaria de Estado.

Arrebatadamente entra pelo gabinete ministerial a dentro e, dando com o Secretario, pois o Ministro não estava, desanda no dedicado serventuario uma feroz decompostura em que o chama de lacaio, de capacho, de toma-larguras, de lavador de tinteiros, etc., etc.

Entretanto, o secretario não merecia tão feroz objuratoria, pois, em geral, esses abnegados serventuarios da Bruzundanga são pessoas ternas, meigas, de bom coração, especialmente com os filhos dos Ministros.

Em dias de festas, das festas familiares dos Ministros, é de ver como tratam os pimpolhos ministeriaes; é de ver como supportam resignadamente o peso de um nas costas, o de um outro nos joelhos, além do incommodo de um terceiro que lhe passou um barbante na bocca e simula guial-o como um cavallo de filbury.

Não vão para a cópa; mas—coitados!—aturam coisas muito peiores.

Disse, no começo desta «nota», que o secretario de Ministro era indispensavel ao complexo funcionamento do aparelho governamental da Bruzundanga.

Pelos factos que expuz, estou certo de que provei esta asserção; e posso concluir com orgulho, com aquelle orgulho de um joven estudante, quando acaba de demonstrar com segurança um theorema de geometria e dizer,

como elle ou como o velho compendio de Euclides, que demonstrei o que era preciso demonstrar — *Quod erat demonstrandum*. Q. E. D., como abreviam os compendios.

UMA PROVINCIA

XX

As provincias da Republica da Bruzundanga, que são dezoito ou vinte, gozam, de accordo com a Carta Constitucional daquelle paiz, da mais ampla autonomia, até ao ponto de serem, sob certos aspectos, quasi como paizes independentes.

Seria enfastiar o leitor querer dar detalhes das prerogativas que usufruem as provincias. Com isto, faria obra de estudioso de cousas legislativas e não de viajante curioso que quer transmittir aos seus concidadãos detalhes de costumes, que mais o feriram em terras estranhas. Faço trabalho de *touriste* superficial e não de erudito que não sou.

Das provincias da Bruzundanga, aquella que é tida por modelar, por exemplar, é a provincia do Kaphet. Não ha viajante que lá aporte, a quem logo não digam: vá ver Kaphet, aquillo sim! Aquillo é a joia da Bruzundanga.

A mim — é bem de ver-se — os magnatas de lá não me fizeram semelhante convite; mas á tal provincia

fui por minha propria iniciativa e sem os tropeços de cicerones officiaes que me impedissem de ver e examinar tudo com a maxima liberdade.

Pela leitura, sabia que a gente rica da provincia se tem na conta de aristocratas, de nobres e organizam a sua genealogia de modo que as suas casas tomem origem em certos anthropophagos, como eram os primitivos habitantes da provincia, dos quaes todos elles querem descender. Singular nobreza!

Sempre achei curioso que a presumpção pudesse levar a tanto, mas, em lá chegando, observei que podia levar mais longe. O traço caracteristico da população da provincia do Kaphet, da Republica da Bruzundanga, é a vaidade. Elles são os mais ricos do paiz; elles são os mais bellos; elles são os mais intelligentes; elles são os mais bravos; elles tem as melhores instituições; etc., etc.

E isto de tal forma está apegado ao espirito daquella gente toda, que não ha modesto mestre-escola que não se julgue um Diderot ou um Aristoteles, e mais do que isso, pois, deixando de parte a theoria, se julgam tambem capazes de exercer qualquer profissão deste mundo; e, se se fala em ser official de marinha, elles se dizem capazes de sel-o do pé p'ra mão, e assim de artilharia, de cavallaria. Imaginam-se prompts para serem astrónomos, pintores, chimicos, domadores de fêras, pescadores de perolas, remadores de canôas, niveladores, o diabo!

Tudo isto porque a provincia faz questão de que conste nos panegyricos della que o seu ensino é uma

maravilha; as suas escolas normaes, cousa nunca vista; e os seus professores sem segundos no mundo.

Domina nos grandes jornaes e revistas elegantes da provincia, a opinião de que a arte, sobretudo a de escrever, só se deve occupar com a gente rica e chic; que os humildes, os medios, os desgraçados, os feios, os infelizes não merecem attenção do artista e tratar delles degrada a arte. De algum modo, taes esthetas obedecem áquella regra da poetica clássica, quando exigia, para personagens da tragedia, a condição de pessoas reaes e principaes.

Mas, como elles não têm dessa gente lá; não têm nem Orestes, nem Ajax, nem Ismenia, nem Antigone, os Sophocles da provincia se contentam com algumas gordas fazendeiras ricas e saltitantes filhas de abastados negociantes ou com uns bachareis enfadonhos, quando não tratam de solertes atravessadores de café.

Um dos traços mais evidentes da vaidade delles, não está só no que acabo de contar. Ha manifestações mais ingenuas.

Quando lá estive, deu-me vontade de ir ver a Pinacotheca e a Glyptotéca locaes. Já havia visto as da capital da Bruzundanga. Eram modestas, possuindo um ou outro quadro ou marmore de autor de grande celebridade. Eram modestas, mas probas e honestas.

Tinham-me dito cousas portentosas da galeria de quadros e estatuas da capital da provincia do Kaphet. Fui até lá, como quem fosse para a de Munich ou para o Louvre. Adquiri um catalogo e logo topei com esta indicação: «LA GIOCONDA», quadro de *Leonardo da Vinci*.

Fiquei admirado, assombrado com aquellas palavras do catalogo. Teria a França vendido a celebre creação do mestre florentino? Poderia tanto o dinheiro do café? Corri á sala indicada e dei — sabem com que? Com a reproducção photographica do celebre retrato a oleo de Mona Lia del Gioconda, uma reproducção da casa Braün!

Não quiz ir adiante para ver a «Ronda Nocturna», de Rembrandt, um «Corot», um «Watteau», nem tampouco na secção de esculptura, a «Victoria de Samothracia» e a «La Pietá», de Miguel Angelo.

Elles, os da provincia, falam muito em arte, na cultura artistica daquelle rincão da Bruzundanga; mas o certo é que não lhe vi nenhuma manifestação palpavel. Vão ter uma prova.

Durante os dias em que lá estive apuravam-se as provas do concurso aberto para a escolha das armas da capital. Vi os desenhos. Que cousas hediondas! Quanta insufficiencia artistica! Não havia talvez dous desenhos, já não direi de accordo com as regras da heraldica, mas do gosto. Eram verdadeiros rotulos de cerveja marca «barbante».

Não falo de musica, porque pouco observei sobre tal arte; mas, no que toca á architectura, posso dizer, com convicção, que lá não ha um architecto de talento. Devia citar-lhes o nome aqui; mas, ao se tratar de tal gente, podia parecer que queria arranjar dinheiro. Não preciso.

Outra pretensão curiosa da gente daquelle provincia da Bruzundanga é affirmar que a sua casquilha capital é uma cidade européa. Ha tantos typos de ci-

dades européas que tenho vontade de perguntar se ella é do typo Athenas, do typo Veneza, do typo Carcassonne, do typo Madrid, do typo Florença, do typo Stockolmo—de que typo será afinal? Certamente do de Paris. Ainda bem, que ella não quer ser ella mesma.

• O mal da provincia não está só nessas pequenas vaidades inoffensivas; o seu peor mal provém de um exagerado culto ao dinheiro. Quem não tem dinheiro nada vale, nada póde fazer, nada póde aspirar com independencia. Não ha metabolia de classes. A intelligencia pobre que se quer fazer, tem que se curvar aos ricos e cifrar a sua actividade mental em producções incolôres, sem significação, sem sinceridade, para não offender os seus protectores. A brutalidade do dinheiro asphyxia e embrutece as intelligencias.

† Não ha lá independencia de espirito, liberdade de pensamento. A policia, sob este ou aquelle disfarce, abafa a menor tentativa de critica aos dominantes. Espanca, encarcera, deporta sem lei habil, atemorizando todos e impedindo que surjam espiritos autonomos. E' o arbitrio; é a velha Russia.

E isso a policia faz para que a provincia continue a ser uma especie de Republica de Veneza, com a sua nobreza de traficantes a dominal-a, mas sem sentimento das altas cousas de espirito.

Ninguem póde contrariar as cinco ou seis familias que governam a provincia, em cujo proveito, de quando em quando, se fazem umas curiosas valorizações dos seus productos. Ai daquelle que o fizer!

A mentalidade desses olygarchas é tal, que não trepidaram em fazer votar uma lei colonial, uma verdadeira

disposição de Carta-Régia, para, diziam elles, augmentar o preço da «medida» (cerca de 15 kilos) do café. O seu apparelho governativo decretou, em certa occasião, a prohibição do plantio de mais um pé de café que fosse, da data daquella lei em diante. A lei, ao que parece, caiu em desuso. Não era de esperar outra cousa...

Havia muito ainda a dizer a respeito; mas bastam estes traços para os brasileiros julgarem o que é uma provincia modelo na Republica dos Estados Unidos da Bruzundanga.

PANCÔME, AS SUAS IDÉAS E O AMANUENSE

XXI

Este caso do amanuense e alguns outros que aqui vão ser contados na maioria, aconteceram na alta administração da Bruzundanga, quando foi Ministro de Extranjeiros o visconde de Pancôme.

Mas, dentre todos os seus actos, aquelle que fez propriamente escola, foi a nomeação de um amanuense para a sua secretaria; e os demais, quer quando foi ministro, quer antes, se entrelaçam tanto com a celebre nomeação, esclarecem de tal modo o seu espirito de governo e a sua capacidade de estadista, que tendo de narrar aquelle provimento de um modesto cargo, me vejo obrigado a relatar muitos outros casos de natureza quiçá diversa. Entro em materia.

Andava o poderoso secretario de Estado atrapalhado para preencher um simples cargo de amanuense que havia vagado na sua secretaria.

Em lei, o caminho estava estabelecido: abria-se concurso e nomeava-se um dos habilitados; mas Pancôme nada tinha que ver com as leis, embora fosse ministro e, como tal, encarregado de applical-as bem fielmente e respeitá-las cegamente.

A sua vaidade e certas quizilias faziam-n'o desobedecer-las a todo o instante. Ninguém lhe tomava contas por isso e elle fazia do seu ministerio coisa propria e sua.

Nomeava, demittia, gastava as verbas como entendia, espalhando dinheiro por todos os toma-larguras que lhe caíam em graça, ou lhe escreviam panegyricos hyperbolicos.

Uma das suas quizilias era com os feios e, sobretudo, com os bruzundanguenses de origem javaneza—coisa que equivale aqui aos nossos mulatos.

Constituiam o seu pesadêlo, o seu desgosto e não julgava os individuos dessas duas especies apresentaveis aos estrangeiros, constituindo elles a vergonha da Bruzundanga, no seu secreto entender.

Esta preocupação, nelle, chegava ás raias da obsessão, pois o seu espirito de heróe da Bruzundanga não se orientava, no que toca á sua actividade governamental, pelos aspectos sociaes e tradicionaes do paiz, não se preocupava em descobrir-lhe o seu destino na civilização por este ou aquelle tenue indicio: afim de com mais proveito, auxiliar a marcha de sua patria pelos annos em fóra. Ao contrario: secretamente revoltava-se contra, o determinismo de sua historia, condicionado pela sua situação geographica, pelo seu povoamento, pelos seus climas, pelos seus rios, pelos seus accidentes phisicos, pela constituição do seu sólo; etc.; e desejava muito

infantilmente fabricar, no palacio do seu ministerio, uma Bruzundanga peralvilha e casquilha, genero *boulevard*, sem os javanezes que incommodavam tanto os estrangeiros e provocavam os remoques dos caricaturistas da Republica das Planicies, limitrophe, e tida como rival da Bruzundanga.

Emfim, elle não era ministro, para felicitar os seus concidadãos, para corrigir-lhe os defeitos em medidas adequadas para accentuar as suas qualidades, para aperfeiçoal-as, para encaminhar melhor a evolução do paiz, accelerando-a como pudesse; o visconde era ministro para evitar aos extranhos, aos *touristes*, contratempos e máos encontros com javanezes. Elle chegou até a preparar uma guerra criminosa para ver se dava cabo destes ultimos...

Mas como ia dizendo, Pancôme, no seu ministerio, fazia tudo o que entendia; mas, mesmo assim, não se atrevia a romper abertamente com aquella historia de concursos, com os quaes desde muito andava escarmentado, devido a razão que lhes hei de contar mais tarde.

Era, afinal, uma pequena hesitação no espirito de um homem que tinha tido até ali tão audazes atrevimentos para despreitar todas as leis, todos os regulamentos e todas as praxes administrativas.

E' bastante dizer que, não contente em residir no proprio edificio do Ministerio sem autorização legal, Pancôme não trepidou em estabelecer na chacara do mesmo um redondel de touradas, um campo de *foot-ball*, um café concerto, para obsequiar respectivamente os diplomatas hespanhóes, inglezes e suecos.

Como já tive occasião de dizer, tal ministro só tra-

balhava para impressionar os estrangeiros, e, apesar de não ter feito obra alguma de alcance social para a Bruzundanga, o povo o adorava porque o julgava admirado pelos paizes estranhos e seus sabios.

Se alguém se lembrava de censurar esse seu desavergonhado modo de governar, logo os jornalistas habituados a canonizações simoniacas e parlamentares que gostavam do *pot-de-vin*, gritavam: que typo mesquinho! Criticar esse patrimonio nacional que é o visconde de Pancôme, por causa de ninharias! Ingrato!

Diante dessa desculpa de patrimonio nacional, toda a gente se calava e o paiz ia engulindo as affrontas que o seu ministro fazia ás suas leis e aos seus regulamentos.

De onde — hão de perguntar — lhe tinha vindo tal prestigio? E' facil de explicar.

Elle veio, no fim, da tal historia das condecorações que já lhes contei — facto que encheu de jubilo todo o povo daquela patria, porque a Republica das Planicies que Pancôme trabalhava para sempre andar ás turras com a Bruzundanga, não as tinha obtido, apesar de disputal-as. Antes disso, porém, elle já tinha um ascendente bem forte, devido a uma grande proeza. Pancôme tinha subido ao cume do Tiaya, o modesto Hymalaia da corographia da Republica da Bruzundanga, 2900 a 3000 metros de altitude. Vou-lhes contar como a cousa foi.

Um dia, estando Pancôme nas proximidades dessa montanha, annunciou a todos os quadrantes que ia escalal-a.

Os bruzundanguenses do logar sorriram diante do projecto daquelle homem gordo e pesado. Aquillo (o monte) diziam, era muito alto e elle não teria folego para

chegar ao cume; havia fatalmente de rolar pelas encostas abaixo, antes de atingir o meio da jornada.

O visconde, porém, não se atemorizou, subiu e dizem que foi ao pico da montanha.

A' vista de semelhante proeza, os naturaes do paiz, logo que a nova se espalhou, exultaram, pois andavam de ha muito necessitados de um heroe. Não contentes da noticia da façanha ter corrido toda a nação, telegrapharam para as cinco partes do mundo exaltando a ousadia ainda mais.

E' verdade que, antes de Pancôme, muitos outros, entre os quaes o Kaetano Phulgenzio, um roceiro do local, tinham subido o Tiaya varias vezes, em aventuras de caça, e até esse Phulgenzio serviu-lhe de guia; mas isto não foi lembrado e Pancôme passou por ser o primeiro a fazel-o.

De tal proeza e das consequencias que della advieram, nasceu a fama do visconde, a sua consideração de heroe nacional, tanto mais que os clubs alpinos da Europa tomaram nota do illustre feito e, graças á diplomacia da Bruzundanga, o retrato e a biographia do portentoso varão foram estampados nas revistas especiaes de *sport*.

Durante um mez, os jornaes da capital do interessante paiz que ora nos occupa, não deixaram um só dia de publicar telegrammas do seguinte teor ou parecidos: «LA VIE AU GRAND AIR, importante revista franceza, publica o retrato do visconde de Pancôme, o destemido heroe do Tiaya, e os seus traços biographicos».

Um outro quotidiano dizia: «ARMY, NAVY AND SPORT, celebre *magazine* inglez, estampando o retrato

do visconde de Pancôme, essa legitima gloria do nosso paiz, affirma que a sua ascensão ao cume do Tiaya é seni precedentes na historia do alpinismo»; e assim transcreviam ou noticiavam referencias de outras revistas allemãs, italianas, syrias, gregas, tcheques, etc.

Recebendo esse impulso do estrangeiro, os jornaes da Bruzundanga, os mais lidos e os mais obscuros, e as revistas de toda a natureza redobram a sua habitual gritaria em casos taes. Enchiam-se de artigos louvando o heróe que fizera a Bruzundanga conhecida, na Europa, affirmação essa em que logo o povo do paiz acreditou piamente; mostraram tambem com periodos bem caidos, como o facto tinha um alcance excepcional e proclamaram o homem o primeiro de todos os bruzundanguenses.

A seguir-se aos jornaes, vieram os poetas louvaminheiros com as suas ódes, poemas, sonetos, cantatas, erguendo ás nuvens o visconde e a sua extraordinaria proeza. Elles saccavam com atilamento sobre o futuro, porquanto, quando Pancôme veiu a ser ministro, os encheu de propinas e fartos jantares.

E' occasião de notar aqui uma singular feição dos poetas da Bruzundanga.

Todos os vates de lá, em geral, são incapazes de comparação, de critica e improprios para a menor reflexão mais detida, e, com a sua mentalidade de *parvenus* aperúados, estão sempre dispostos a bajular os titulares ou os apatacados burguezes, para terem o prazer de ver mais perto as suas mulheres e filhas, pois se persuadiram que são ellas feitas de outra substancia differente d'aquella que forma ás cozinheiras e os pequenos burguezes.

Tão tolos são elles que não se lembram que taes Marquezes e mais barões da sua terra são de origem tão humilde e tão vexatoria em face do criterio nobiliarchico que os proprios portadores de taes titulos fidalgos occultam o mais que podem a sua ascendencia. Mas é preciso voltar ao nosso visconde de Pancôme.

A' custa de todas essas vociferações, o povo não permittia que ninguem lhe tocasse na reputação e ficou convencido de que o homem era mesmo um demiturgo e consubstanciou a sua admiração ingenua nesta formula simples: *é um bruzundanguense conhecido na Europa.*

Porque a mania daquelle povo é querer á força que o seu paiz e os seus homens sejam conhecidos no estrangeiro, embora elle não possua uma actividade, de qualquer natureza, nem mesmo um homem notavel que possa attrahir a curiosidade dos extranhos sobre a região e as suas coisas.

De modo que, qualquer referencia a elle ou a um natural d'elle, se ella é favoravel e elogiosa, logo alvoroa o povo da Bruzundanga, que fica crente de que em todas as aldeias de paizes afastados não se fala em outra cousa senão na sua nação.

Quando, porém, se diz lá fóra que, na sua população, ha milhões de javanezes e mestiços d'elles (o que é verdade), immediatamente todos se aborrecem, zangam-se, lançando tristemente o labéo de vergonha sobre os seus compatriotas de tal extracção.

E' uma tollice d'elles (ahi entram tambem muitos javanezes), pois tanto os de origem javaneza como os de outras raizes raciaes têm dado intelligencias e actividades que se equivalem. Não ha este de tal procedencia

que sobrepuje aquelle de outra procedencia, nem mesmo na quantidade; os de uma origem não sobrelevam os de outra, isto dura ha tres seculos e pouco; e, pode-se dizer, que é uma prova perfeitamente experimental, obtida no laboratorio da historia. Tão bom! como tão bom...

Com tal mania, não é de admirar que, de uma hora para outra, Pancôme ficasse sendo o idolo da Brazundanga; e o governo, para premial-o e satisfazer a opinião publica, apressou-se em nomeal-o embaixador junto ao governo de uma potencia européa, e foi (lembro-me agora) quando embaixador, que obteve as condêcorações a que alludi em capitulo anterior.

E de tal forma a população do paiz se convenceu da immensa intelligencia, das géniaes vistas do visconde, de que elle era admirado no mundo inteiro, e de que, tambem, todos os sabios do Universo respeitavam-no religiosamente, que ao chegar elle da estranja para assumir a pasta do exterior, toda ella correu em massa para a rua, quasi lhe desatrelam, os mais entusiastas, os cavallos do carro, acclamando-o freneticamente pelas ruas em que passou, como se recebesse a cidade Julio Cesar victorioso ou Descartes, caso a natureza da gloria deste se compadecesse com admirações irreflectidas.

Além daquellas medidas que citei em um dos capitulos passados, logo no inicio do seu ministerio, tomou o visconde estas primordiaes; usar papel de linho nos officios, estabelecer uma cozinha na sua secretaria e baixar uma portaria, determinando que os seus funcionarios engraxassem as botas todos os dias. Na cozinha, porém, é que estava o principal das suas reformas, pois era o seu fraco a meza farta, atulhada.

Em seguida, convenceu o Manda-Chuva que o paiz devia ser conhecido na Europa por meio de uma immensa commissão de propaganda e de annuncios nos jornaes, cartazes nas ruas, berreiros de *camelots*, letreiros luminosos, nas esquinas e em outros logares publicos.

A sua vontade foi feita; e a curiosa nação, em Pariz foi muitas vezes apregoada nos *boulevards* como o ultimo especifico de pharmacia ou como uma marca de automoveis. Contam-se até engraçadas anedoctas.

Nos annuncios luminosos, então, a sua imaginação foi fertil. Houve um que ficou celebre e assim rezava: *Bruzundanga, Paiz rico — Café, cacáo e borracha. Não ha pretos.*

Não ficou ahi. Mostrou a necessidade de uma esquadra poderosa e o Manda-Chuva encommendou uma custosissima, para o serviço da qual o paiz não tinha marinheiros dignos, arsenaes, e que pôz de alcatéa a Republica das Planicies.

Tudo isto e mais a transformação da capital, da noite para o dia, facto a que já alludi, envidaram sobre modo o paiz e, com a vinda de um inepto Manda-Chuva, para cuja ascensão elle muito concorreu, a Bruzundanga veiu a ficar na miseria.

Por essas e outras, foi Pandôme proclamado o maior estadista da nação, embora a situação interna, durante o seu longo ministerio (quasi 10 annos), peiorasse sempre e cada vez mais, sem que elle apresentasse ou lembrasse medidas para remediar um tal estado de descalabro.

Tirassem-n'o das coisas phantasmagoricas e berrantes

que feíam a vaidade pueril do povo, fazendo este suppor que a Bruzundanga era respeitada na Europa; tirassem-n'o d'ahi que ninguem era capaz de saccar-lhe da cachóla uma idéa de governo, um alvitre de verdadeiro estadista.

Basta dizer, para se avaliar a triste situação interna da estravagante nação de que lhes dou noticias, que, nos arredores da capital, se morria á mingua, á fome, as terras estavam abandonadas e invadidas pelas depredadoras saúvas, a população roceira não tinha direitos nem justiça e vivia á mercê de cupidos e ferozes senhores de latifúndios, cuja sabedoria agronomica era igual á dos seus capatazes ou feitores.

Mas o povo, graças aos poetas e jornalistas simoniacos, não queria capacitar-se de que Pancôme era simplesmente decorativo e continuou a admirar-o como um semi-deus.

E elle fazia o que queria e se agora estava atrapalhado com a nomeação de um amaniuense, não era porque fosse do seu natural respeitar as leis.

Ha um pequeno e passageiro temor da natureza daquelle que sentem os heróes quando vão entrar em combate.

Já nomeára pouco mais de meia duzia por meio de concurso mas não estava satisfeito com essas nomeações.

E' verdade que os que nomeara, trajavam regularmente, engraxavam as botas e não tinham nunca o collarinho sujo. Eram já grandes qualidades, porque de tal forma viera a encontrar o pessoal da secretaria, esbodegado, relaxado, vestindo roupas baratas, morando nos

suburbios, que foi necessário toda a sua energia para que elle modificasse tão máos habitos.

As verbas do ministerio pagaram a quasi todos, desde o servente até um chefe de secção, ternos bem tallhados, camisas finas, botinas de bom cabedal, etc. Assim, conseguira dar um ar de *Foreign-Office* ou de *Quai-d'Orsay* á modesta secretaria de estrangeiros do modesto paiz da Bruzundanga.

A sua atrapalhação estava na tal historia do concurso, pois até ali, devido a tão tãla formalidade, não conseguira ter nos cargos de amanuenses moços bonitos e demais, para fazer concurso, sempre appareciam uns rebarbativos candidatos de raça javaneza, com os quaes elle embirrava solemnemente.

Da ultima vez, até, quasi que um atrevido javanez puro consegue o primeiro logar, tal era o brilho de suas provas; Pancôme, porém, arranjou as cousas tão lealmente diplomaticas que o rapaz perdeu a ultima prova.

Não queria que a cousa se repetisse e estudava o modo de, evitando o concurso, encontrar um candidato bonito, bem bonito, não sendo em nada javanez, que pudesse offerecer aos olhares do ministro da Coréa ou do Afghanistão um bello exemplar da belleza masculina da Bruzundanga.

Todos os candidatos que se haviam apresentado não preenchiam essa exigencia do seu alto criterio governamental.

Alguns eram mesmo feios, outros tinham toques de javanez, e nenhum a belleza radiante que elle queria ver nos amanuenses.

Essas suas sabias medidas, para recrutamento do seu

peçoal, levaram para a sua secretaria moços bonitos e excellentes mediocridades, que ainda procuravam demonstrar a sua principal qualidade intellectual, publicando borracheiras idiotas ou compilações rendosas e pesadas ao thesouro; entretanto, em certo e determinado sentido, foram proficuas, como teve occasião de verificar o successor de Pancôme.

Este, por occasião de uma festa de sustancia, encontrou nos amanuenses e officiaes da escola do Visconde, soberbos estôfadores, magnificos tapeceiros, eximios ornamentadores de salas; e, de tal forma um dado arrumou retratos nas paredes de seu salão, que o Ministro da Inglaterra offereceu-lhe um bem remunerado lugar na domesticidade do castello de Windsor.

O obstaculo do concurso fazia o visconde pensar a toda a hora e instante na vaga de amanuense, e elle já se resolvêra a removê-lo por completo, sem dar nenhuma satisfação a quem quer que fosse, quando, ao despachar o expediente daquelle dia, lhe veio ter ás mãos um requerimento com photographias appensas.

Em geral, os ministros não lêem o que despacham; limitam-se a rubricar o despacho do secretario ou official de gabinete. Pancôme não fazia excepção na regra, mas aquelle papel, com photographias, despertou-lhe a attenção. Leu-o. Tratava-se do bacharel Sune Wolfe, que requeria ser provido no logar vago de amanuense; e, para que avaliar pudesse o Snr. Ministro da sua belleza physica, juntava aquelles dois retratos, um de perfil e outro de frente.

A secretaria tinha exigido sellos de juntada em taes documentos e o despacho do secretario era nesse sentido.

O visconde, como sempre, pouco disposto a obedecer ás leis, não se incommodou; e, cheio de admiração pela boniteza do requerente, riscou o despacho e escreveu com a sua letra um outro, determinando que o candidato comparecesse á sua presença.

No dia seguinte o rapaz foi ter com o ministro, que ficou embasbacado diante do lindo candidato.

De facto, era bonito, bonitinho mesmo, desbotado de cutis, e parecia até fabricado em Saxe ou em Sévres. Tinha uns lindos dentes, um bello cabello cuidado, não era alto, mas era bem apessoado. Merecia muito bem um bom casamento rico; contudo, o visconde quiz melhor examinal-o e perguntou:

— O senhor sabe sorrir bem?

O candidato não se atrapalhou e acudiu com firmeza:

— Sei, excellencia.

— Vamos ver.

E o lindo moço repuxou os labios, entortou o pescoço de um lado, gracilmente, ageitou os olhos e todo elle foi uma lindeza de impressionar o pacato secretario que, ao lado, assistia ao exame, completamente embrulhado em um fraque veneravel e cheio de embevecimnto.

Contente com isto, o ministro tratou de ir mais longe na experiencia das excepçionaes qualidades que o candidato revelava e convidou-o com voz paternal:

— Aperte a mão, alli, do major Marmelleiro (o secretario). Faça o favor.

O examinando não se fez de rogado. Juntou os pés, curvou docemente o busto, levantou o braço e, sempre sorrindo, cumprimentou:

— Snr. major Marmelleiro...

Pancôme não cabia em si de contentamento com a sideral aquisição que estava alli. Que elegancia! Que lindeza! Dessa feita é que elle ia fazer uma nomeação justa e sabia. Arre! Não era sem tempo...

Era preciso, porém, ver se o donzél conhecia algumas outras cousas de sociedade.

— O senhor sabe dansar? perguntou.

— Sei, Excellentissimo.

— Vamos ver.

— Mas só e sem musica, sr. visconde?!

Ordenou o ministro que o continuo fosse chamar um certo empregado, eximio em dansa; e, enquanto elle ia buscar o funcionario, disse Pancôme a Marmelleiro:

— Você sabe assoviar, major?

O secretario estava sempre disposto a responder affirmativamente ao visconde e não se detevê um minuto:

— Sei, senhor visconde.

— Bem, disse Pancôme, assovie ahi uma valsa.

A *dama* já tinha chegado e Marmelleiro agora hesitava.

— Não sabe? indagou o ministro severamente.

— Só sei as *Larangeiras*.

— De quem é isso? perguntou Pancôme.

— E' do Hamelio.

— Não é lá muito elegante, considerou o visconde, mas... serve, serve!

Marmelleiro começou a assoviar com todo o recato que o logar exigia—*fiu, fiu, fiu...* — e os dois dansaram com todas as cerimoniaes e ademanes dignos de gabinete tão diplomatico e do respeito que merecia a presença daquelle alto heróe ministerial. Pancôme verifi-

cou com um jubilo paternal que o tal Sune continuava a ser uma maravilha! Que soberbo amanuense, ia elle ser! Bemdita Bruzundanga que produzia daquillo!

Acabaram de valsar ao som do melodioso assovio de Marmelleiro e o visconde falou então, com mansuetude, ao candidato:

— Descanse um pouco meu filho; e, depois, escreva-me uma carta ao ministro do Interior sobre a necessidade da Bruzundanga se fazer representar no Congresso de Encaixotamento de Pianos em Seoul.

O lindo Wolfe esteve a pensar um pouco e retrucou titubeando:

— V. Exa. comprehende que... Eu! De uma hora para outra... Comprehende V. Exa. que não tenho practica... Com o tempo... Mais tarde,.

Era só redigir cartas o que elle não sabia; mas, sendo elegante, bonitinho, bom dansador, tinha todas as boas qualidades para um aperfeiçoado amanuense do extraordinario Pancôme.

Tendo em vista as necessidades da representação da Bruzundanga, o visconde nomeou-o logo, sem detença alguma. Foi uma acertada nomeação, e sabia, que veio provar o quanto são tolos os regulamentos e as leis que exigem dos amanuenses a vetusta sciencia de saber redigir cartas.

Se não fosse um heróe, uma notabilidade universal o Ministro, talvez o galante Sune não tivesse sido aproveitado e os estrangeiros não teriam uma favoravel idéa da boniteza dos homens da Bruzundanga; mas era, felizmente, e pode, portanto, pôr de parte as tolas exigên-

cias legaes, e o paiz, com tal aquisição para o seu funcionalismo, adiantou um seculo.

E' verdade que o marechal Soult, duque da Dalmaçia, e Guizot que em celebridade e notoriedade universal talvez não invejassem as de Pancôme, foram ministros de França, e, ao que consta, nunca desrespeitaram ostensivamente as leis do seu tempo. Isto aconteceu em França; mas na Bruzundanga as cousas se passam de outro modo e aquelle paiz só tem ganho com tal proceder, como acabamos de ver.

Feito amanuense, aprendeu logo a copiar minutas e, em menos de seis annos, Sune, o tal da carta, acabou eleito, por unanimidade, membro da Academia de Letras da Bruzundanga.

Ficou sendo o que aqui se chama — um *expoente*.



NOTAS SOLTAS

XXII

Um annuncio de livraria, na Bruzundanga:

«Acaba de apparecer o extraordinario romance—Meu caro senhor... de D. Adhel Karatá (pseudonymo de Hiralhema Sokothara Lomes, filha do grande poeta e escriptor Sokothara Lomes, cujas assombrosas glorias litterarias ella continúa com muito brilho, e irmã do fino estylista e elegante parlamentar Carol Sokothara Lomes). A' VENDA, etc., etc.»

—»O«—

Lá, na Bruzundanga, os Manda-Chuvas, quando são eleitos, e empossados, tratam logo de collocar em bons lugares os da sua clientela. Fazem reformas, inventam repartições, para executarem esse seu alto fim politico.

Há, porém, dous cargos estrictamente municipaes e attinentes á administração local da capital da Bruzundanga, que todos os matutos amigos dos Manda-Chuvas disputam. Os Manda-Chuvas, em geral, são do interior

do paiz. Estes cargos são: o de Prefeito de policia e o de Almotacé-mór da cidade. Não só elles são rendosos, pelos vencimentos marcados em lei, como dão direito a propinas e outros achegos.

O de chefe de policia rende, na nossa moeda, cerca de vinte contos por anno, só nas taxas cobradas ás mulheres publicas; o de Almotacé-Mór da cidade, esse então não se falla...

Sendo, assim, lugares em que se pode enriquecer, não faltam doutores da roça que os queiram e empreguem todas as armas para obtel-os.

Elles mal conhecem a cidade. Se a visitaram ou se mesmo residiram nella, nunca lhes foi possível passar das ruas principaes e dáquella em que estiveram morando; de forma que lhe ignoram as necessidades, os defeitos a corrigir, a sua historia, a sua economia e as queixas de sua população.

Houve um prefeito de policia que, vindo directamente da provincia das Jazidas para a sua prefeitura em Bomsy, nada sabia da cidade, nem mesmo as ruas principaes. Methodico, economico, por estar muito preocupado em desaggravar as suas propriedades, de hypotheças, nos primeiros mezes de sua gestão limitava-se a ir de casa para a Prefeitura, no seu automovel official, e voltar della para a sua residencia, tambem no seu automovel burocratico.

Certo dia scismou em percorrer, a pé, um dos mais centraes *boulevards* da cidade. Esta recente via publica cortava muitas outras estreitas da antiga cidade e, em todas as esquinas, elle encontrou os urbanos (guarda civis) nos seus postos. Todos estes modestos policiaes

da cidade o cumprimentavam respeitosamente e o Prefeito ficou muito contente com a sua administração. Chegou, porém, em um dado cruzamento de rua donde, de uma estreitinha, tanto da direita como da esquerda, saíam e entravam magotes de povo. Que reboição será esse? pensou elle. Será uma greve? Um motim? Que será?

O prefeito, assustado, medita logo providencias, quando se lembra de pedir ao urbano explicações directas, sem ir pelos canaes competentes:

— Que quer dizer tanto povo ahí, nessa rua? perguntou elle esquecido da celestial altura em que estava.

— Não ha nada, senhor prefeito. E' sempre assim, acudiu o urbano, levando a mão ao bonet.

— Como?

— V. Exa. não sabe que esta é a rua mais transitada da cidade, e que é a antiga rua do Desembargador?

O prefeito não conhecia, senão de ouvido, a rua mais celebre do paiz, dentre todas as ruas celebres das suas principaes cidades.

Com um Almotacémór da cidade deu-se um caso quasi semelhante. Este archonte, tinha nascido na provincia dos Bois, e, apezar de viver desde ha muitos annos na capital da Bruzundanga, pouco a conhecia. Quando foi provido no seu cargo, quiz fazer em horas o que não havia feito em annos. Tomou o automovel official (certamente) e mandou tocá-lo para os arredores de Bosomsy. Admirou-se muito de que não houvesse por elles, matadouros de gado bovino, pois nos da sua pequena, pequenissima cidade natal, os havia em quantidade. Não viu senão essa falta e deixou de ver as terras abandonadas, incultas, as estradas esburacadas, ter-

ras em que um bom Almotacé ainda podia, com proveito, animar o plantio de arvores fructíferas, hortaliças, legumes e a criação de pequeno gado, na zona rural.

Com essa decepção na alma, pois não podia admitir que uma cidade não tivesse nos arredores matadouros, para o fabrico da carne salgada, resolveu certo dia visitar as dependencias da sua repartição. Chegou ao archivo. O archivista, que era zeloso e conhecia bem a historia da cidade, promptificou-se a mostrar-lhe os documentos curiosos da vida passada da linda capital:

—V. Exa. vai ver as actas das sessões do Senado da Camara, que...

Eram documentos escriptos dos mais antigos, não só da historia da cidade, como da do paiz inteiro; mas o Almotacé, com grande surpresa de toda a comitiva, exclamou amuado:

— Como? O que?

—...as actas do Senado da Camara, Exa.

— Qual! Senado é uma coisa e Camara é outra. Como Senado da Camara? Que embrulho? Cada um se governa por si... A Constituição...

— Mas...

— Não tem *mas*, não tem nada. Mande o que é do Senado, para o Senado; e o que é da Camara, para a Camara.

Um grande philosopho affirmou que, para bem se conhecer uma instituição, uma sciencia, um paiz, era necessario saber-lhes a historia; e ninguem, penso, pôde admittir que se possa administrar bem qualquer coisa sem a conhecer perfeitamente.

Os administradores de Bosomsy nada conhecem, como já disse, da cidade, cujos destinos vão reger e cuja vida vão superintender. Exemplifico.

Um Prefeito de Policia, como lhes contei, não lhe conhecia a rua principal; e um Almotacé-mór, encarregado da administração geral do Municipio, não lhe conhecia a natureza de suas producções nem a sua historia, como ficou contado. Elle não sabia que a antiga Camara dos Edis chamava-se — Senado da Camara.

Com estes muitos outros se repetem na administração da Capital.

Via eu todos os dias passar na rua principal de Bosomsy um sujeito cheio de imponencia e ademanes fidalgos; perguntei a um amigo:

— Quem é aquelle? E' algum duque? E' marquez?

— Qual! E' um tabellião.

«O snr. F. de Tal, redactor da WARKAD-GAZETTE, contrahiou casamento com a senhorita Hylvia Kamond, filha da viuva almirante Bartel Kamond», informava um jornal.

E' caso de perguntar: que diabo de cousa é esta —

viuva-almirante? Porque a noiva não é logo e simplesmente filha do fallecido almirante?

— Quem é aquelle sujeito que alli vai?

— Não lhe sei o nome. Sei, porém, que vive muito bem e é o marido da Klarindhah.

— O dr. Sicrano já escreveu alguma coisa?

— Porque perguntas?

— Não dizem que elle vai ser eleito para a Academia de Letras?

— Não é preciso escrever coisa alguma, meu caro; entretanto, quando estive na Europa, enviou lindas cartas aos amigos e...

— Quem as leu?

— Os amigos, certamente; e, demais, é um medico de grande clinica. Não é bastante?

SOBRE O THEATRO

Tendo lido na *Warkad-Gazette* uma noticia elogiosa da estréa da revista «Miel de Páo», no theatro Mundhéo, lá fui uma noite. Quando entrei já o espectáculo tinha

começado e uma dama, em fraldas de camisa, fumando um cigarro, cantava ao som de uma musica roufenha:

Eu hei de saber
 Quem foi aquella
 A dizer ali em frente
 Que eu chupava
 Charuto de canella.

Por ahi os pratos estridulavam, o bombo roncava e a orchestra iniciava alguns compassos de tango, ao som dos quaes a dama bamboleava as ancas. As palmás choravam e, quasi sempre, a cantora repetia a maravilha, que tanto fazia rir a platéa.

Na noite seguinte, passando pelo «Harapuka-Palace», li no cartaz: «Todo o serviço», revista hilariante, em 3 actos, etc.».

Entrei. No palco uma dama, em fraldas de camisa, fumando um cigarro, cantava acompanhada de uma musica rouca:

Eu hei de saber
 Quem foi aquella
 A dizer ali em frente
 Que eu chupava
 Charuto de canella.

Acabando os pratos eram feridos, o bombo trovejava, a musica inteira iniciava uns compassos de «maxi-

xe» e a dama, com as mãos nos quadris, bamboleava as ancas. Risos, palmas e o portento era repetido.

Interessei-me por tão variado theatro e foi com agrado que em certa noite, muito proxima destas duas ultimas, aceitei um convite para ir ao «Mussuah Theatre»: Lá dei com uma outra dama, em fraldas de caça, fumando e cantando, sob a direcção da batuta do maestro:

Eu hei de saber
 Quem foi aquella
 A dizer ali em frente
 Que eu chupava
 Charuto de canella.

Risos, palmas, pratos, chocalhos, bombos; a musica iniciava alguns compassos e a dama remexia bem os quadris. Tratava-se da revista «Está p'ra tudo».

Assim, fui a trez ou quatro theatros e sempre dei com uma dama a cantar esta cousa tão linda:

Eu hei de saber
 etc., etc., etc.,

SOBRE OS LITERATOS

— Quantas cartas tens ahi! disse-lhe eu ao vel-o abrir a carteira, para tirar uma nota com que pagasse a despeza.

- São *pistolões*.
 — P'ra tanta gente?
 — Sim; para os criticos dos jornaes e das revistas.
 Não sabes que vou publicar um livro?

SOBRE OS JORNAES

Novidades telegraphicas sensacionaes:

«COCOS, 2 — *Foi aposentado o 1º escripturario da Intendencia F. (A. A.) Correio Vespertino, de 3-6-07*».

«CARANGUEJOS, 22. — *Os padres maristas commemoraram hontem com grandes festas o centenario da fundação da respectiva ordem. (J. C., ed. t., de 22-6-17)*».

«GUARABARIBA, 22 (*)—*Foi desligado do quadro da administração dos Correios daqui o praticante de 2ª classe Virgilio Cesar, por ter sido removido para os Correios de Santa Catharina.*

— *Chegaram a esta capital os Drs. Ascendino Cunha e Guilherme Silveira. (J. C., ed. t., de 22-6-17)*».

ERUDIÇÃO

« *Costumava Tito Livio dizer que tinha ganho o seu dia sempre que lhe era dado realizar um beneficio.* » (CORREIO MATUTINO, de 2-11-13).

Tito Livio foi imperador?

(*) Os nomes foram postos em portuguez para que os leitores percebam melhor a importancia das novidades.

«E é o motivo dessa antecipação que está sendo explicado, agora, nos jornaes da Fortaleza, pelos entendidos na materia, um dos quaes accusa com razão desse desequilibrio a abertura do canal de Panamá, que pôz em contacto *duas grandes massas d'agua de nivel differente*». (O HIMPARSIAL, de 12-11-15).

A que fica reduzida a tal historia do equilibrio dos liquidos em vasos communicantes? Pobre Ganot, quer o grande, quer o pequeno?

SOBRE A ADMINISTRAÇÃO

«A extracção deste combustivel na America do Sul se eleva, contudo, a mais de 1.500.000 toneladas, produzindo o Mexico 500.000 toneladas e o Chile o restante». (Relatorio official sobre — A Industria Siderurgica no mundo, pelo general F. M. de S. A., pag. 198).

O Mexico na America do Sul? Que terremoto!

Coisas maravilhosas de um traductor burocratico:

- 1º) arbustos de serra (*arbrisseaux de serre*).
- 2º) bilhetes de bilhar (*billes de billard*).
- 3º) Tecidos de... canhamo ou de ramia (*ramie*).
- 4º) fetos de serra (*fougères de serre*).
- 5º) berloques, colorados... (*breloques, colorieés*).

Todas estas e muitas outras lindezas semelhantes vieram publicadas no D. O. da Bruzundanga, em 23 de Março de 1917; e o acto era assignado pelo grande ministro — Kallokeras.

—————»O«—————

«A selecção nas repartições é feita inversamente de fórma que os empregados mais graduados são os mais nescios e inscientes. Houve quem propuzesse para corrigir tal defeito que se mudasse a hierarchia burocratica: o cargo de director passava a ser o primeiro da escala e o de praticante, o ultimo».

———

NO GABINETE DO MINISTRO

— O senhor quer ser Director do Serviço Geologico da Bruzundanga? pergunta o Ministro.

— Quero, Exa.

— Onde estudou Geologia?

— Nunca estudei, mas sei o que é vulcão.

— Que é?

— Chama-se vulcão a montanha que, de uma abertura, em geral no cimo, jorra turbilhões de fogo e substancias em fusão.

— Bem. O senhor será nomeado.

—————»O«—————

Pancôme, quando se deu uma vaga de amanuense na sua secretaria de Estado, de accordo com o seu criterio não abriu concurso, como era de lei, e esperou o acaso para preenchê-la convenientemente.

Houve um rapaz que, julgando que o poderoso Visconde queria um amanuense chic e lindo, suppondo-se ser tudo isso, requereu o logar, juntando os seus retratos, tanto de perfil como de frente. Pancôme fel-o vir á sua presença. Olhou o rapaz e disse:

— Sabe sorrir?

— Sei, excellentissimo senhor Ministro.

— Então mostre.

Pancôme ficou contente e indagou ainda:

— Sabe cumprimentar?

— Sei, senhor Visconde.

— Então, cumprimente ali o major Marmelleiro.

Este Major era o seu secretario e estava sentado, em outra meza, ao lado da do Ministro, todo elle embrulhado em uma vasta sobrecasaca.

O rapaz não se fez de rogado e cumprimentou o major com todos os *ff* e *rr* diplomaticos.

O Visconde ficou contente e perguntou ainda:

— Sabe dançar?

— Sei, excellentissimo snr. Visconde.

— Danse.

— Sem, musica?

O Visconde não se atrapalhou. Determinou ao secretario:

— Marmelleiro, ensaia ahi uma valsa.

— Só sei «Morrer sonhando». (*exemplo*).

— Serve.

O candidato dansou ás mil maravilhas e o Visconde não escondia o grande contentamento de que sua alma exhuberava.

Indagou afinal:

— Sabe escrever com desembaraço?

— Ainda não, doutor.

— Não faz mal. O essencial, o senhor sabe. O resto o senhor aprenderá com os outros.

E foi nomeado, para bem documentar, aos olhos dos estranhos, a belleza dos homens da Bruzundanga.

SOBRE OS SABIOS (*a desenvolver*).

Os engenheiros, tanto os civis como os militares, mais estes que aquelles, julgam-se geometras. Não o são absolutamente; os melhores são simples professores.

Os medicos da Bruzundanga imaginam-se sabios e literatos. Pode-se affirmar que não são nem uma coisa nem outra.

E' sabio, na Bruzundanga, aquelle que cita mais autores estrangeiros; e quanto mais de paiz desconhecido, mais sabio é. Não é, como se podia crer, aquelle que assimilou o saber anterior e concorre para augmental-o

com os seus trabalhos individuaes. Não é esse o conceito de sabio que se tem em tal paiz.

Sabio, é aquelle que escreve livros com as opiniões dos outros.

Houve um que, quando morreu, não se poude vender-lhe a bibliotheca, pois todos os livros estavam mutilados. Elle cortava-lhes as paginas para pregar no papel em que escrevia os trechos que citava e evitar a tarefa massante de os copiar.

Ha mais de seculo que se estudam nas suas escolas superiores, as altas sciencias; entretanto os sabios da Bruzundanga não têm contribuido com cousa alguma para o avanço dellas.

Em toda a parte, os sabios, de qualquer natureza, são homens de recursos medianos, modestos, retraídos, pouco mundanos, mesmo quando ricos. Na Bruzundanga, não; os sábios são nababos, têm carros e automoveis de luxo, palacios; frequentam theatros caros, durante temporadas completas; dão festas sumptuosas nos seus hotéis, etc., etc.

Não ha medico afreguezado que não seja considerado um sabio pela gente da Bruzundanga, e, para firmar tal reputação, não fabrique uma compilação escripta em sanscrito. O medico sabio não póde escrever em outra lingua que o sanscrito. Isto lhe dá fórtos de literato e augmenta-lhe a clinica.

Com a vida dos sabios da Bruzundanga ninguem poderia escrever «Os Martyres da Sciencia». Têm elles a precaução preliminar de inaugurarem a sua sabedoria com um casamento rico.

—————»o«—————

SOBRE A MUSICA

A musica, na Bruzundanga, é, em geral, a arte das mulheres. E' raro apparecer no paiz uma obra musical.

—————

SOBRE A INDUSTRIA

A industria nacional da Bruzundanga tem por fim espoliar o povo com os altos preços dos seus productos. E' nacional, mas recebe a materia prima, já em meia manufactura, do estrangeiro.

—————»o«—————

A ULTIMA NOTA SOLTA

A habilidade dos governantes da Bruzundanga é tal, e com tanto e acendrado carinho velam pelos interesses da população, que lhes foram confiados, que os productos mais normaes á Bruzundanga, mais de accordo com a sua natureza, são comprados pelos estrangeiros por menos da metade do preço pelo qual os seus nacionaes os adquirem.

EDIÇÕES DESTA CASA

CHOROGRAPHIA DO BRASIL, pelo Dr. Mario Da Veiga Cabral, 7ª edição, adoptada em todos os collegios do Brasil, 1 vol. enc. e illustrado.....	7\$000
CHOROGRAPHIA DO DISTRICTO FEDERAL, pelo Dr. Mario Da Veiga Cabral, 2ª edição, adoptada em muitos collegios, 1 vol. cart. e illustração.....	2\$000
GEOGRAPHIA COMMERCIAL, pelo professor Lindolpho Xavier, 1 grosso vol. cart. e adoptado em varios Institutos.	7\$000
GRAMMATICA DA LINGUA NACIONAL, pelo Dr. Carlos Porto Carreiro, 1 grosso vol. enc.....	7\$000
GRAMMATICA LATINA, pelos professores Mendes Agular e Gomes Ribeiro. Esta grammatica está adoptada em quasi todos os collegios brasileiros, 2ª edição, 1 vol. enc.....	7\$000
HISTORIA DO BRASIL, por Osorio Duque Estrada, edição correcta e augmentada, 1 grosso vol. com dernado.	7\$000
HISTORIA DO BRASIL, pelo Dr. Mario Da Veiga Cabral, professor da Escola Normal, 2ª edição, 1 vol. enc. e illustrado.....	7\$000
HISTORIA UNIVERSAL, pelo Dr. João Ribeiro, 3ª edição correcta e augmentada, com numerosas gravurás, encadernado.	7\$000
HISTORIA GERAL, pelo Dr. Mario Da Veiga Cabral, 2ª edição, para uso das escolas publicas do Districto Federal, 1 vol. cart. e illustrado.....	2\$000
MEMORIAS DE JOÃO SINHO (episodios escolares), por Fabio Luz (Inspector escolar), livro adoptado na Instrucção Publica, 2ª edição, 1 vol. cartono.	3\$000
NOÇÕES SUCCINTAS DE CHIMICA PHILOSOPHICA, pelo Dr. A. X. Oliveira de Menezes, cathedratigo do Collegio Pedro II, 1 vol. enc.....	4\$000
NOSSA PATRIA (Noções de Chorographia do Brasil, para uso das escolas primarias), pelo professor da Escola Normal Dr. Mario Da Veiga Cabral, 1 vol. cart. e illust.....	3\$000
PONTOS DE HISTORIA DO BRASIL, pelo Dr. Pedro do Couto, 2ª edição, adoptado no Collegio Pedro II, 1 vol. cart.	5\$000
PONTOS DE MINERALOGIA, de conformidade com o programma gymnásial, pelo professor Etienne Brasil, 1 vol. cart.	3\$000



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).